



INTERESSADO:

IVAN ELIAS XAVIER FERREIRA

ASSUNTO:

CATARINA HELENA ABI-EÇAB

OUTROS DADOS:

CÓDIGO:

090/02 11/12/02

SERVIÇO NACIONAL DE PROTOCOLO - SENAPRO -

M O V I M E N T A Ç Õ E S							
S _E O _o	SIGLA	CÓDIGO	DATA	S _E O _o	SIGLA	CÓDIGO	DAT
01			/ /	15			/
02			/ /	16			/
03			/ /	17			/
04			/ /	18			/
05			/ /	19			/
06			/ /	20			/
07			/ /	21			/
08			/ /	22			/
09			/ /	23			/
10			/ /	24			/
11			/ /	25			/
12			/ /	26			/
13			/ /	27			/
14			/ /	28			/
AS MOVIMENTAÇÕES DEVERÃO SER COMUNICADAS AO PROTOCOLO							

ANEXOS:

AO EXMO. SR. DR. PRESIDENTE DA COMISSÃO ESPECIAL DOS
MORTOS E DESAPARECIDOS POLÍTICOS, (Luiz Francisco
Carvalho Filho).

Serviço Público Federal
COMISSÃO ESPECIAL

Lei n.º 9140/95 - DESAPARECIDO POLÍTICOS

PROTOCOLO DE RECEBIMENTO

Ministério da Justiça

Em 11/12/95

SEDH/CDP

00017.000018/2005-45

Francisco de Assis Macêdo Pereira

Lei n.º 9.140/95

Quantidade n.º

/ / :

54-445-SSP/R2

IVAN FIATZ VAHTEM MINAMI, brasileiro, casado,
engenheiro agrônomo, portador do RG n.º 3.169.291-
SP/SSP e CPF n.º 564.681.308/59, residente e
domiciliado em Cajuru, SP, à Rua Santo Antonio, n.º
38, Bairro Santo Antonio, CEP 14.240-000, vem, mui
respeitosamente à presença de V. Exa., requerer, o
seguinte:

O requerente é irmão de Catarina Helena Abi-
Eçab.

O de cujus Catarina Helena Abi-Eçab, foi morta
pela Ditadura Militar em 08/11/1968.

Assim, com fundamentos nas leis 9.140/95 e
10.536/2002, requer-se:

O reconhecimento de que Catarina Helena Abi-Eçab
foi Morta política, pela Ditadura Militar em
08/11/1968.

[Assinatura]

A indenização pecuniária devida prevista em lei.

Segue o original deste via sedex.

Posteriormente, o requerente enviará as demais documentações, bem como provas dos fatos acima aludidos.

Pede deferimento.

De Cajuru, SP, para Brasília, DF, 11 de dezembro de 2002.

Ivan Elias Xavier Ferreira

Ivan Elias Xavier Ferreira.

AO EXMO. SR. DR. PRESIDENTE DA COMISSÃO ESPECIAL DOS
MORTOS E DESAPARECIDOS POLÍTICOS, (Luiz Francisco
Carvalho Filho).

Serviço Público Federal
COMISSÃO ESPECIAL
1 - I n.º 9140/95 - DESAPARECIDO POLÍTICOS
PROTOCOLO DE RECEBIMENTO

Em

11/12/95

Francisco Helder Macêdo Pereira

Comissão Especial Lei n.º 9.140/95

Escritório Especial

Unidade n.º

58-140-SSP/RJ

IVAN F. T. S. VASCONCELOS, brasileiro, engenheiro agrônomo, portador do RG n.º 3.169.291-SP/SSP e CPF n.º 564.681.308/59, residente e domiciliado em Cajuru, SP, à Rua Santo Antonio, n.º 38, Bairro Santo Antonio, CEP 14.240-000, vem, mui respeitosamente à presença de V. Exa., requerer, o seguinte:

O requerente é irmão de Catarina Helena Abi-Eqab.

O de cujus Catarina Helena Abi-Eqab, foi morta pela Ditadura Militar em 08/11/1968.

Assim, com fundamentos nas leis 9.140/95 e 10.536/2002, requer-se:

O reconhecimento de que Catarina Helena Abi-Eqab foi Morta política, pela Ditadura Militar em 08/11/1968.

A indenização pecuniária devida prevista em lei.

Segue o original deste via sedex.

Posteriormente, o requerente enviará as demais documentações, bem como provas dos fatos acima aludidos.

Pede deferimento.

De Cajuru, SP, para Brasília, DF, 11 de dezembro de 2002.



Ivan Elias Xavier Ferreira.

05

AO EXMO. SR. DR. PRESIDENTE DA COMISSÃO ESPECIAL DOS
MORTOS E DESAPARECIDOS POLÍTICOS, (Luiz Francisco
Carvalho Filho).

IVAN ELIAS XAVIER FERREIRA, brasileiro, casado, engenheiro agrônomo, portador do RG nº 3.169.291-SP/SSP e CPF nº 564.681.308/59, residente e domiciliado em Cajuru, SP, à Rua Santo Antonio, nº 38, Bairro Santo Antonio, CEP 14.240-000, vem, mui respeitosamente à presença de V. Exa., requerer, o seguinte:

O requerente é irmão de Catarina Helena Abi-Eçab.

O de cujus Catarina Helena Abi-Eçab, foi morta pela Ditadura Militar em 08/11/1968.

Assim, com fundamentos nas leis 9.140/95 e 10.536/2002, requer-se:

O reconhecimento de que Catarina Helena Abi-Eçab foi Morta política, pela Ditadura Militar em 08/11/1968.



A indenização pecuniária devida prevista em lei.

Segue o original deste via sedex.

Posteriormente, o requerente enviará as demais documentações, bem como provas dos fatos acima aludidos.

Pede deferimento.

De Cajuru, SP, para Brasília, DF, 11 de dezembro de 2002.



Ivan Elias Xavier Ferreira.

AO EXMO. SR. DR. PRESIDENTE DA COMISSÃO ESPECIAL DOS
MORTOS E DESAPARECIDOS POLÍTICOS, (Luiz Francisco
Carvalho Filho).

IVAN ELIAS XAVIER FERREIRA, brasileiro, casado,
engenheiro agrônomo, portador do RG n° 3.169.291-
SP/SSP e CPF n° 564.681.308/59, residente e
domiciliado em Cajuru, SP, à Rua Santo Antonio, n°
38, Bairro Santo Antonio, CEP 14.240-000, vem, mui
respeitosamente à presença de V. Exa., requerer, o
seguinte:

o requerente é irmão de Catarina Helena Abi-
Eçab.

O de cujus Catarina Helena Abi-Eçab, foi morta
pela Ditadura Militar em 08/11/1968.

Assim, com fundamentos nas leis 9.140/95 e
10.536/2002, requer-se:

O reconhecimento de que Catarina Helena Abi-Eçab
foi Morta política, pela Ditadura Militar em
08/11/1968.



8

A indenização pecuniária devida prevista em lei.

Segue o original deste via sedex.

Posteriormente, o requerente enviará as demais documentações, bem como provas dos fatos acima aludidos.

Pede deferimento.

De Cajuru, SP, para Brasília, DF, 11 de dezembro de 2002.

Ivan Elias Xavier Ferreira

Ivan Elias Xavier Ferreira.

09

Ivan Elias Xavier Ferreira

Rua Santo Antonio, nº 38

Bairro: Santo Antonio, Cajuru, SP.

CEP 14.240-000



COMISSÃO ESPECIAL
 instituída pela Lei 9.140/95
 (Mortos e Desaparecidos Políticos)
 Serviço Público Federal
 Ministério da Justiça

Carta CDP/GM/n.º 07 /2003

Brasília 07 de janeiro de 2003

Ilustríssimo Senhor
 Ivan Elias Xavier Ferreira
 Rua Santo Antônio n.º 38
 Bairro Santo Antonio
 14.240-000 – Cajuru - SP

Prezado senhor,

Cumpre-nos informá-lo, que o requerimento em nome de Catarina Helena Abi-Eçab, foi recebido nesta Secretaria Executiva em 11/12/02, necessário se faz que nos sejam enviadas todas e quaisquer informações a respeito da militância política do mesmo; tais como reportagens em jornais, revistas e livros, testemunhos, depoimentos, ficha policial, comprovação de participação no sindicato de sua classe, enfim, qualquer documento que possa provar a sua militância política.

Solicitamos, ainda, cópias dos documentos como CPF; RG; Certidão de Nascimento do requerente .

Colocamo-nos ao Vosso dispor para eventuais esclarecimentos pelos seguintes telefones: (061) 429 - 3484 ou fax: (061) 429 3464, ou pelo Endereço: MINISTÉRIO DA JUSTIÇA , Esplanada dos Ministérios , Ed. anexo II – 5º Andar – Sala 503 , CEP. 70.064-900 – BRASÍLIA – DF

Atenciosamente

Francisco ~~Helder Macedo Pereira~~
 Secretaria Executiva da Comissão Especial



Registro Civil

Estado do Rio de Janeiro
Comarca e Município de Vassouras - 1º Distrito

Rua Gal. Odeiro, 47/8-14 - Centro - Vassouras - RJ

CEP 27700-000

Certidão do Registro Civil
1º Distrito - Vassouras
30.444.418/0001-59
22 SET. 2000
Rua Gal. Odeiro, 47/8-14
Centro - Vassouras - RJ
CEP 27700-000

CERTIDÃO DE ÓBITO

CERTIFICADO que, em data de sábado, 9 de novembro de 1968, no Livro C-37, nº 23

à fls. 15 sob o nº 18555, foi feito o ÓBITO DE

CATARINA HELENA ABEIÇAB

Nasceu em: sexta-feira, 8 de novembro de 1968, às 18:30:00 horas, em

LOCAL: BR 114, KM 08, NESTE 1º DISTRITO

do sexo FEMININO, PROPRIETÁRIO ESTUDANTE

NATURALIDADE CAPITALITIMÃO PAULO

RESIDENTE ÁREA MAJOR DEOD, FRIA VISTA SP

IDADE 21 ANOS, ESTADO CIVIL CASADO(a)

filho(a) de TRAJANO XAVIER FERREIRA e HELENA RIAS XAVIER FERREIRA

DECLARANTE: JOÃO ABEIÇAB

o o Óbito atestado pelo Dr. PEDRO BALLOU LEMBA

CRM Nº NÃO CONSTA

que deu como causa de morte PRATICA DE CULPA COM AGRANDAMENTO/ACIDENTE

o o se pertencendo aos filhos do falecido ABEIÇAB SP

ORÇ NÃO DEIXOU REVEL 2º VIA EXPEDIDA MEDIANTE PEDIDO POR OFÍCIO Nº 163/2000-JLP
POLÍCIA CIVIL-SP. DEPARTAMENTO DE HOMICÍDIOS E DE PROTEÇÃO À PESSOA

U C U E T A

Certidão do Registro Civil
1º Distrito - Vassouras
30.444.418/0001-59
22 SET. 2000
Rua Gal. Odeiro, 47/8-14
Centro - Vassouras - RJ
CEP 27700-000

sexta-feira, 22 de setembro de 2000

Assinada em todos os cartórios de Vassouras

Assinado Perceira Moreira

Encargado p/ Expediente

Mel. 01/17782

A GRANDE FARSA

Última atualização : 09 Set 2001 [Home](#)

Introdução e Capítulo 1: Um 1º de abril fantástico	Capítulo 2 : A grande mentira	Capítulo 3:Indagações ao denunciante
Capítulo 4: O texto da ONG revanchista e novas indagações	Capítulo 5: Em foco-o "agente" Waldemar	Capítulo 6:A Entrevista com o irmão de Catarina Helena

INTRODUÇÃO

Esta matéria é dedicada aos companheiros, civis e militares, que na selva ou nas áreas urbanas, entre acertos e erros, aqueles muitíssimos do que estes, de armas na mão ou sem elas, de uniformes ou descaracterizados, aprenderam a lutar contra terroristas e guerrilheiros, apoiados e financiados por partidos, organizações político - militares e organismos nacionais e estrangeiros, ideologicamente radicais, internacionalistas e defensores de várias vertentes do marxismo revolucionário . Estes companheiros, patriotas denodados lutaram, venceram e de forma disciplinada voltaram aos quartéis com a certeza do dever do dever cumprido.

Os responsáveis pela nossa soberania ,hoje, atacados, injuriados ou difamados e pressionados por uma estrutura fortemente apoiada numa mídia revanchista, de certos componentes da Sociedade Política e no financiamento de ONGs, nacionais ou não, ficam sem a possibilidade de um contraditório isento, diante da Nação.

Há os que, omissos no passado, convivendo nos gabinetes, nos corredores e nos salões do Poder, se acomodaram e julgam que o esclarecimento da verdade deva ser uma iniciativa dos atacados. Opinião de acomodados ou covardes que não querem ou não tem peito de tomar decisões, para manter seu "statuo quo" e "corrida" de maré mansa, em prol de suas ambições pessoais. Como se aqueles heróicos combatentes não tivessem cumprido ordens verbais ou escritas de seus chefes institucionais..

A omissão e o silêncio, só enaltecem os que se abrigaram e se abrigam na sombra de dissimulada prudência e enganosa sabedoria, para um suposto "benefício" da Instituição Militar, cuja tradição proclamam defender, mas...

Ser democrata é enfrentar os que, sob o manto da lei, escondem suas intenções de caráter ideológico para desestabilizar o Estado Democrático de Direito. Ser democrata é não ter receio de nominar os que transgridem a Constituição e as Leis Menores, em prol de seus objetivos táticos e estratégicos, qualquer que seja o nome que usem para dissimular suas reais intenções e estando aonde estiverem.

Em situação de crise, quer aonde exista: selva, cidade, em terra, mar ou ar, o exemplo de disciplina consciente preconizada pela Instituição se faz presente, independente dos homens que

eventualmente, a dirigem.

OBSERVAÇÃO : a numeração entre colchetes ao longo do texto que se segue, indicam dados que se referem ao trecho assinalado e constam nas observações finais, após a conclusão deste texto.

CAPÍTULO 1: UM PRIMEIRO DE ABRIL FANTÁSTICO.

No dia 1º de abril, do corrente ano, no programa de tele - jornalismo, "Fantástico", da TV Globo, em chamada de grande impacto, os telespectadores foram apresentados a Waldemar Martins de Oliveira, que foi praça e desertor do Exército Brasileiro, denunciante voluntário ou induzido, de mais um suposto crime da "ditadura", praticado por militares da Força Terrestre nos idos de 1968. A denúncia, que teria sido investigada, exaustivamente, pelo "jornalista" Caco Barcelos, durante um ano de "estafantes" trabalhos, foi detalhada em reportagens no "Jornal Nacional" dos dias 02 e 03 de abril, relatando :

- a prisão, no Rio de Janeiro/RJ, de Catarina Helena Abi - Eçab e seu companheiro João Antônio Abi - Eçab, pertencentes aos quadros da organização terrorista Agrupamento Comunista de S. Paulo (AC/SP, depois Ação Libertadora Nacional - ALN), que teriam participado do assassinato, em 12 de outubro de 1968, do capitão norte-americano Rodney Chandler, que, à época, era estudante da Universidade do Estado de S. Paulo (USP) ;
- o seqüestro do casal, conduzido para a floresta da Tijuca;
- a tortura do casal, neste local ;
- a condução do casal para a casa de um Coronel do Exército , em S. J. do Merití ;
- a execução de Catarina Helena e João Antônio, pelo Chefe da Equipe que os conduziu para aquela região, o qual teria executado o casal com disparos de arma de fogo nas suas cabeças ;
- o sepultamento do casal numa vala em local ermo, hoje ocupado por um super mercado, na região de S. J. do Merití; e
- a montagem, por pessoal do Exército, de um "acidente", no Km 69 da rodovia Três Rios - Vassouras/RJ , em 08 de novembro de 1968, com a "morte" do casal, para dissimular a suposta execução ocorrida, anteriormente, em S. J. do Merití (70 km do local do acidente) .

As ações, conforme a denúncia, teriam sido praticadas por militares do Exército, não ficando explícito se componentes de uma ou mais equipes ou grupos .

Dentro do contexto da reportagem, após 1º de abril, repentinamente, o eixo da mesma enfoca a exumação da ossada de Catarina Helena de um jazigo da família, no Cemitério de Araçá, em S. Paulo/SP, com assistência legal e o testemunho de renomados legistas brasileiros da USP. A partir daí, o interesse da reportagem passou a incidir sobre um orifício, provavelmente produzido por projétil de arma de fogo, ou algo similar, no crânio que seria o de Catarina Helena Abi - Eçab (em solteira Catarina Helena Xavier Ferreira), tendo - se a impressão, pela montagem, de que não restaria nenhuma dúvida a respeito deste fato, o que seria a confirmação plena da estória do ex -

soldado Waldemar sobre a execução da jovem

Nenhuma palavra sobre João Antônio (o companheiro de Catarina) e o orifício de arma de fogo que também deveria existir em sua ossada craniana... Apenas a estranha afirmação de que, procuradas as famílias, a de Catarina Helena Abi - Eçab (em solteira Catarina Helena Xavier Ferreira) concordou com a exumação...De João Antônio Abi - Eçab, simplesmente, nada...

No curso da reportagem, o "repórter" Caco Barcelos conseguiu mobilizar um sem número de recursos, ironicamente da própria USP, no sentido de tentar provar, mediante exames residuais de alta complexidade, que a lesão mostrada, no crânio examinado havia sido realmente resultante de perfuração por projétil de arma de fogo. Técnicos ouvidos pela reportagem não hesitaram em confirmar essa hipótese.

O legista Carlos Delmonte, da USP, "reconstruiu a ossada" (sic) e concentrou a análise na lesão do crânio ,tendo ele e o chefe de laboratório da USP, Isac Jamil Saieg, que examinou a lesão do crânio com o espectrômetro, chegado a conclusão de que seus achados eram incompatíveis com acidente, pois a presença de chumbo evidenciava um disparo, sendo, segundo ele, prova científica conclusiva. Ora...Ora... Desde que o crânio fosse o de Catarina ; não houvesse a possibilidade de manipular a ossada, em trasladado(s) pretérito(s) ; não existisse a possibilidade de uma detonação de explosivos que, segundo a versão de uma ONG o casal transportava , na ocasião do acidente; e não houvesse fortes testemunhos de outra versão, a de acidente, que os doutos ignoravam

Há exame anterior da ossada craniana de Catarina Helena, realizada no IML de Vassouras/RJ, na madrugada de 08 para 09, ou 09 de novembro de 1968... Muito há para esclarecer neste episódio. Procuraremos esclarecer, no possível.

Porém, a denúncia do Sr. Waldemar Martins de Oliveira e o acréscimo de mais um nome na "lista" não passou, pelo que parece, de uma "Grande Farsa", digna do "Primeiro de Abril", que **passaremos, com pesar, expor a partir do Capítulo 2 .**

Retornar

CAPÍTULO 2: "A GRANDE MENTIRA"

Na realidade, a chamada na TV Globo, em 01/04/2001 (Dia da Mentira), no Fantástico, e as reportagens transmitidas nos dias subsequentes (02 e 03 de abril), pelo Jornal Nacional, proporcionaram um espetáculo trágico, quando da apresentação dos fatos relacionados com a "execução" do casal de terroristas, por militares, e a ação do Exército , forjando um acidente para encobrir os fatos. Foi deplorável e revoltante. A má fé, as contradições, os interesses inconfessáveis e o maquiavelismo caracterizaram as *reportagens, sem que houvesse, no contexto das mesmas, o devido contraditório .*

Em um ano de "investigações" o repórter, fatalmente, acharia as fontes para a total ou parcial contradição, que, por sinal, têm endereço :

- na Internet (www.ternuma.com.br);

15

- na Internet (www.torturanuncamais.org.br) como, oportunamente, iremos mostrar, neste texto ;

- na obra "A Esquerda Armada no Brasil", de A.Caso , editada em 1976, pela Moraes Ed. em Lisboa, Portugal (a partir da página 68), com boa circulação na seara da esquerda radical brasileira ;

- no livro, "Combate nas Trevas", do dirigente comunista Jacob Gorender, página 109, já na 5ª edição, esta aumentada, atualizada, donde corrigida se erros havia ; e

- no livro "A Revolução Impossível", com o subtítulo "A Esquerda e a Luta Armada no Brasil", de autoria de Luís Mir, publicado pela editora Best Seller, em 1994, de indiscutível ótica contrária aos militares , que apresenta :

- nas páginas 330, 331 e 332 uma versão do julgamento , ação e assassinato ("justiciamento") do Capitão Chandler ;

- a página 337, uma versão dos acontecimentos que culminaram com a morte do casal João Antônio e Catarina Helena Abi - Eçab, no acidente em Vassouras;

- na reportagem de Luiz Maklouf, no Jornal do Brasil de 4/3/1999, "Golpe Levou Deputado às Armas", sobre Aloysio Nunes Ferreira, o "Beto", onde Francisco Gomes, militante da ALN, relata que João Abi-Eçab morreu em acidente de carro, após o assalto a um posto de gasolina; e

- em outras peças escritas, como mostraremos, na devida hora , neste texto .

As versões apresentadas por A. Caso e Luís Mir, sobre o episódio Chandler, confirmam a de Jacob Gorender na sua obra, "Combate nas Trevas", nas duas edições (a 1ª de 1.988 e a 5ª de 1998), sobre os mesmos fatos. As diferenças existentes, em relação a obra de Jacob Gorender, ocorrem, provavelmente, pelo uso de fontes distintas, sobre os mesmos fatos. O mesmo ocorre em relação a morte do casal, comparando-se as versões de Gorender e Mir, pois A. Caso não aborda, na sua obra, "A Esquerda Armada no Brasil", o episódio ocorrido com o casal de terroristas no km 69 da rodovia Três Rios - Volta Redonda, em Vassouras/RJ.

O que importa é que "A Revolução Impossível", de Luís Mir, seria mais um recurso para que o repórter evitasse o seu "desvio", baseando-se nas versões dos que o levaram a projetar no cenário nacional "A Grande Farsa".

Não era o caso de procurar a verdade de mais um episódio atribuído a "ditadura militar" ... Os objetivos do ataque contra os militares têm a mesma similitude das denúncias da ONG "Tortura Nunca Mais" com suas características usuais : distorção dos fatos ; ausência de comprovação ; má fé ; revanchismo puro ; ausência do contraditório ; sensacionalismo inconsequente ; e cobertura da mídia de esquerda, "engajada" neste tipo de ação, que só serve para impedir a cicatrização de antigas feridas e beneficiar interesses monetários em polpudas indenizações. Repetimos: soa como "vendetta revanchista" do pior quilate e

cobertura de possíveis interesses escusos .

As falsidades e as contradições apresentadas nas reportagens citadas, serão contestadas, sem que o assunto esteja por nós esgotado e encerrado.

O PROBLEMA CHANDLER .

Nunca houve nenhum envolvimento de João Antônio dos Santos Abi-Eçab e Catarina Helena Abi-Eçab (em solteira Catarina Helena Xavier Pereira, ou Xavier Ferreira) nas ações terroristas que culminaram com o assassinato , pelas costas , do Capitão do Exército dos Estados Unidos da América , Charles Rodney Chandler. (1)

O assassinato foi executado na saída de sua residência, na frente de sua esposa e do filho de 9(nove) anos de idade, em 12 de outubro de 1.968, em S. Paulo/SP.

Os participantes do assassinato, como já salientamos, estão identificados na Internet e em relatos da própria esquerda há um bom tempo, donde o famoso "arapongista" (araponga + jornalista), após um ano de "investigações" estafantes (sic), não poder ignorá-los... Não falamos em dever de bom jornalismo, pois o "arapongista" parece ser um "engajado" na linha da ONG já mencionada, ou dos que a apoiam por objetivos táticos ou estratégicos ...

O Capitão Chandler jamais foi reconhecido, por fonte idônea, como agente da CIA, nem consta que tenha sido instrutor de organização militar brasileira ou latino – americana, em operações de contraguerrilha .

Para as esquerdas envolvidas na luta armada, entretanto, o militar dos EUA simbolizava o "inimigo imperialista", como se depreende dos panfletos distribuídos pelo grupo assassino e a data escolhida, inicialmente, para a execução (2): 8 de outubro, dia da morte de Che Guevara . Todavia, o alvo não saiu de casa, sendo a ação executada em 12 de outubro (3) .

Portanto a chamada na televisão, realizada em 1° de abril (dia da mentira), visando a projeção da reportagem e as apresentações nos dias subsequentes exploraram dados falsos, com o nítido objetivo de projeção sensacionalista.

O RELACIONAMENTO DO CASAL COM O TERRORISMO

O casal, supostamente "executado" por militar do Exército Brasileiro, participara de ações armadas. João Antônio, por exemplo, foi, em 10 de agosto de 1.968, o motorista de um dos dois "fuscas" que serviram para a fuga dos terroristas que assaltaram o trem pagador da Estrada de Ferro Santos – Jundiaí.

Era, portanto, amigo de Aloysio N. Ferreira, "Beto", ex-terrorista , e atual Secretário Geral da Presidência da República, participe naquela ação...

Segundo Jacob Gorender, na época dirigente nacional do Partido Comunista Brasileiro

Revolucionário (PCBR), o casal (João Antônio e Catarina Helena) participou do assalto ao carro pagador do IPEG (Instituto de Previdência do Estado da Guanabara), em 13 de novembro de 1968, juntamente com Carlos Marighella e um outro militante. Poderia ser o "Beto"? Afinal de contas ele seria, na época, o motorista do Marighella... Segundo outras fontes a ação "expropriatória" ocorreu em 8 de novembro de 1.968, o que não afeta as considerações e conclusões ao longo deste texto .

Retornar

CAPÍTULO 3: INDAGAÇÕES AO DENUNCIANTE (SEM RESPOSTAS).

A Lei da Anistia absolveu os praticantes de ações julgadas criminosas, porém os militares são julgados perante a opinião pública, até hoje, pelo Tribunal da Nova Inquisição: "Tortura Nunca Mais"; julgamos que o "embromador", Waldemar de Oliveira, protegido pela lei e pela ONG, "Tortura..." tem o dever de tirar nossas dúvidas, expondo os seguintes fatos :

- a. Qual o endereço e quem residia na casa onde o casal foi preso? Os residentes eram proprietários?
- b. Quem efetuou o levantamento do local para captura do casal? Eles eram os únicos presentes no local, quando da captura?
- c. Qual a constituição da equipe de busca e apreensão uma vez que o denunciante declarou tê-la conduzido ao local?
(Observação : uma equipe especializada, deste tipo, jamais iria com quem não conhecesse, ainda mais sendo os suspeitos elementos indicados como possíveis assassinos de Chandler, logo considerados perigosos) .
- d. O deslocamento para a Floresta da Tijuca foi com a mesma equipe que efetuou a captura?
- e. Como foi o deslocamento para S. J. do Meriti e qual o Coronel do Exército dono da casa para onde se deslocaram?
- f. O pessoal que efetuou o espancamento do casal foi o mesmo das ações anteriores? Caso contrário, qual as suas identidades?
- g. Quem era o Chefe da Operação, autor da ato de execução com disparos de arma de fogo na frente e próximo do denunciante?
(Observação: o denunciante estava bem próximo pois teve a capacidade de identificar o local exato da penetração do projétil ou projéteis) .
- h. Foi só um tiro na cabeça e em cada corpo?
- i. Qual a arma utilizada pelo Chefe da Operação, na execução, e qual o calibre da mesma ?
- j. Quem transportou os corpos? O denunciante ajudou? Como foram enterrados ? No sepultamento em vala rasa, em local ermo, o casal estava vestido ou não?

Estas indagações ou algumas delas poderiam ser feitas pelo tarimbado repórter ao ex-soldado, antigo desertor, e deveriam ser respondidas pelo Waldemar, provável criador ou repetidor amestrado da fábula .

Assim, colocariam a denúncia inverossímil em seus devidos termos, pois o "agente" Waldemar teria que responder todas ou quase todas. Elas fazem parte do bê-a-bá de

qualquer agente, mesmo neófito, especializado em operações , que deve ser capaz de memorizar fatos de qualquer natureza. Mas o que ocorreu ?

Nenhum nome ou dado que permitisse a comprovação da denúncia foi dito pelo denunciante ou mereceu pergunta do repórter em sua "aprofundada" investigação, pelo que se depreende das reportagens televisivas . Caso aprofundasse, perceberia os vários aspectos dúbios do relato do recruta, o qual parece se encaixar numa montagem, com objetivos de diversos matizes... Nos quais o repórter, também, se encaixou, voluntariamente ou não. Veremos ...

O "ex - agente (recruta, paraquedista e desertor) tem obrigação de dar os nomes dos envolvidos, pois se diz ameaçado de morte . Pedimos não procurar nome de potenciais "executores" com o Sr. Nilmário, com a ONG "Tortura", ou com o Sr. L. E. Greenhalgh e seu amigo Aton (o da ALN), que, com engenho, arte e fino trato com a mentira poderiam "selecionar" mais de quatrocentos ou milhares de nomes ao bel prazer...Basta para eles pegarem os Almanques das três Forças...

PESSOA MORTA PODE FREAR ?

O Capitão Chandler foi assassinado (após ter sido julgado por um "Tribunal Revolucionário" (3). em 12 de outubro de 1968O casal morreu em um acidente na rodovia Três Rios - Volta Redonda, próximo a Vassouras/RJ, vinte e seis (26) dias após (em 08 de novembro) .

Analisando o testemunho de Waldemar, perante a audiência da TV Globo, no período entre 12 de outubro a 08 de novembro 68, deveriam ter ocorrido os seguintes eventos:

- a. Deslocamento (S. Paulo – Rio) e homizio do casal, suspeito de assassinato, no Rio de Janeiro;

- b. Vigilância sobre o casal e levantamento do local de homizio pelo "super agente" Waldemar (só um super agente executaria este tipo de missão sozinho);

- c. Prisão, tortura e deslocamento dos envolvidos para a Floresta da Tijuca e daí para S. J. do Meriti, com execução na casa do Coronel e sepultamento do casal numa vala, em área erma, nesta região .

Estes dados contraditam os dados do acidente em Vassouras. Para que os corpos do casal aparecessem no Km 69 da rodovia Três Rios – Volta Redonda, em Vassouras/RJ (a 70 km. de distância do local do "enterramento") , em 08 de novembro de 1968, os corpos teriam que ser :

- a. Desenterrados em S.J do Meriti;
- b. Limpados e vestidos em algum local;
- c. Transportados para o local do acidente, em Vassouras/RJ (a 70km. de distância) .
- d. No local do acidente, em plena estrada asfaltada e movimentada, uma

equipe teria "montado" o acidente, as 18:30 horas, jogando o fusca numa certa velocidade contra a traseira do caminhão, com a moça na direção, deixando o corpo de João Antônio no leito da estrada .(4)

Mas tem mais... Feita a cópia em vídeo (da reportagem da TV Globo) e congelando-se cada imagem do acidente notamos algo interessante... Há, na estrada, marcas de uma frenagem, do Volks dirigido por Catarina Helena. Segundo Waldemar e a reportagem, Catarina Helena estava morta. Surgem várias indagações sérias, ainda que algumas não pareçam :

1ª. O repórter pode explicar como ocorreu o transporte dos corpos de S. J. Merití para o local do acidente em Vassouras?

2ª. O "recruta" pode informar algum detalhe?

3ª. Uma "morta" pode frear?

4ª. Como a "morta" freou?

5ª. Alguém, com o "cadáver" no colo ou sentado no colo da "extinta", efetuou a colisão e pulou do carro pelo lado direito, por onde caiu João Antônio???

6ª. Esta parte da estória foi checada, durante o ano de "estafantes" investigações?

7ª. O "Beto", nada sabe? Sabe sim... Perguntem ao ferroviário aposentado Francisco Gomes, participe do assalto ao trem pagador e ex-militante da ALN...

8ª. O relato do autor de "Combate nas Trevas" pode ajudar ? Achamos que não ajudam o repórter e o "recruta desertor", muito mal assessorados... Vamos ver...

Caso a novela do embusteiro Waldemar fosse verdadeira invalidaria as versões de Gorender e Luís Mir, as quais serão referenciadas neste texto, para indicar a participação do casal no assalto ao carro pagador do IPEG, no Rio de Janeiro, e apresentar dados sobre o acidente (8/ 11/1968) . Jamais o casal poderia estar "morto" em S. J. do Merití, por ocasião do assalto do carro do IPEG, lá no Rio de Janeiro, ou sendo transportados sem vida para a área da montagem do "acidente".

Há ainda mais um dado a considerar : a ONG "Tortura..." , da "Inquisição Revanchista Brasileira", relata no seu "Dossiê" (páginas 219 e 220) e no seu site na Internet ,que o acidente ocorreu por volta das 19:00 horas, do dia 08 de novembro de 1.968, na região de Vassouras, RJ. A rodovia, repetimos, era e ainda é asfaltada e movimentada o que dificultaria qualquer "montagem" no local . Já imaginaram o cenário ?

Teremos mais dados a respeito, neste texto .

UM TEXTO ESCLARECEDOR .

A transcrição de um trecho do livro de Jacob Gorender é necessária para aquilatar o nível desta sórdida montagem, que foi espalhada pelos quatro cantos do país, procurando denegrir a imagem do Exército e dos militares :

..... Ainda em 1968, uma equipe da ALN percorre regiões do interior e procede ao levantamento de locais adequados para áreas estratégicas e pontos de apoio das projetadas colunas guerrilheiras. Elementos da primeira turma treinada em Cuba regressam ao Brasil e difundem o que aprenderam sobre o emprego de armas e explosivos e técnicas de combate. Aparentemente, há expansão e fortalecimento.

O mistério sobre os assaltos de novo estilo se acaba a 13 de novembro de 1968. Na manhã deste dia, num subúrbio carioca, o carro pagador do Instituto de Previdência do Estado da Guanabara (IPEG) foi interceptado por três homens armados, que se apoderaram de 120 mil cruzeiros novos. À tarde, um sargento reformado da Polícia Militar reconheceu o carro receptor do dinheiro expropriado num posto de gasolina. Avisados pelo sargento, policiais prenderam o motorista. Submetido a tortura, o jovem abriu informações, inclusive a de que pouco antes havia se separado de Marighella, comandante da ação contra o carro do IPEG. Em face da ausência do motorista no ponto combinado, Marighella correu para o aparelho na Pedra de Guaratiba e ainda teve tempo de levar o dinheiro confiscado. Mas o segredo sobre a autoria das ações deixou de existir. *Jornais e revistas publicaram longas matérias a respeito do líder comunista e chefe dos assaltos até então indecifráveis. Em todas as bancas, a capa da revista "Veja" exibia o rosto do famoso revolucionário. Os órgãos de repressão policial fazem dele o inimigo público número um.*

Os incidentes azarados do assalto ao carro pagador do IPEG se concluíram com um episódio trágico. De retorno para S. Paulo, dois participantes da ação – o casal João Antônio Abi-Eçab e Catarina Helena Xavier Ferreira – morreram à noite, na colisão de seu carro com um caminhão, próximo a Vassouras. Na bagagem do Fusca do casal, a Polícia encontrou uma metralhadora e pentes de balas."(final da transcrição)

Os destaques e grifos são nossos (o trecho foi transcrito do livro "Combate nas Trevas", página 109, 5ª edição, 1998, revista (obviamente corrigida) e ampliada, editada pela Editora Ática; na 1ª edição o trecho está na página 99). A transcrição pede alguns destaques de nossa parte :

1º. O relato é de um militante de projeção da esquerda revolucionária, na época, e hoje atuante na área de um partido legal, porém mantendo, ainda, visões marxistas revolucionárias com novas roupagens. Não iria, jamais, dar um relato falso, inclusive na edição ampliada, revisada e, naturalmente, corrigida .

2º. Jacob Gorender não cita o Exército nas ações, nem argui a possibilidade da "montagem do acidente" com os corpos sendo transladados de S.J. do Meriti para Vassouras .

3º. As ações policiais, após o assalto do carro pagador do IPEG, foram conduzidas, pelo seu relato, somente por órgãos policiais .

21

4º. INCRÍVEL, FANTÁSTICO E EXTRAORDINÁRIO !!! Pelo relato de Jacob Gorender, o casal ao retornar para S. Paulo, ESTAVA VIVO E MORREU NO ACIDENTE EM VASSOURAS !!! Não ressuscitou, nem foi transportado sem vida por "militares assassinos".

5º A questão de datas para este episódio não importa (8 ou 13 /11/1968) . O ambiente de clandestinidade da época e o tempo decorrido para a publicação (1.988) pode Ter afetado a precisão de datas e pequenos detalhes .

6º. As fontes do autor são, por certo, o seu vasto conhecimento sobre os fatos da "esquerda militarista revolucionária" e documentos citados na obra .

Retornar

CAPÍTULO 4: O TEXTO DA ONG REVANCHISTA E NOVAS INDAGAÇÕES

O site da ONG representativa da "Inquisição Revanchista Brasileira" , "Tortura Nunca Mais", apresenta, no link "Outras Mortes", uma relação com os nomes do casal Abi - Eçab , Catarina Helena e João Antônio, donde podem ser abertas suas fichas e os dados sobre suas mortes, os quais, por sinal, não ajudam a historiada de Waldemar e o cunho de "autêntica embrulhada" produzida por Caco Barcelos e divulgada ...

Pelos dados da ONG, o casal morreu em um acidente de automóvel ocorrido, as 19:00 horas do dia 08 de novembro de 1.968, no km. 69 da rodovia BR - 116, próximo a Vassouras/RJ , devido a detonação de explosivos que transportavam . O exame necroscópico de Catarina Helena foi realizado no Instituto Médico Legal de Vassouras/RJ, sendo firmado pelos Drs. Pedro Sarillo e Almir Fagundes de Souza, dando como "causa mortis" fratura da abóbada craniana, provocada por instrumento contundente. Nada consta do exame necroscópico de João Antônio . O detalhamento do sepultamento de ambos, logo após o acidente, e o traslado dos corpos para S. Paulo são vagos . Algumas indagações e considerações podem ser feitas, diante dos dados da ONG da "Inquisição Revanchista".

- a. Houve um acidente, segundo a ONG, motivado por detonação de explosivo, que ocasionou a morte do casal ;
- b. É mais um indicativo que o casal estava vivo (não foi executado e enterrado em S. J. do Meriti) e se deslocava de automóvel para S. Paulo, não corroborando a tese de montagem de um "acidente" por militares do Exército, defendida na reportagem ;
- c. As cenas da reportagem, no Cemitério de Araçá, mostram , na exumação, uma caixa de madeira com a ossada que seria a de Catarina Helena . Logo houve uma exumação anterior em 1981 ou 1988, em S. Paulo/SP, segundo dados disponíveis, a qual deveria ser esclarecida . As datas do sepultamento em Vassouras e das exumações, em S. Paulo, também . Isto em razão da manipulação de uma ossada craniana com laudo

22

anterior (em Vassouras), diferente do laudo ofertado pelos legistas da USP , e com outra região do crânio afetada ;

d. Nada se fez para esclarecer a respeito do sepultamento, translado, caso de exumação (se houve) e exames de ossada craniana do pobre e esquecido João Antônio, morto na mesma hora, no mesmo local, e em circunstâncias semelhantes. Problema da ausência do orifício a bala ?

e. O repórter não procurou o site da ONG ("Tortura..."), de grande projeção nestes casos, para confrontar as denúncias feitas de forma tão leviana pelo "idôneo" Sr. Waldemar ? A reportagem saiu sem nenhum critério de verificação, tratando - se de graves denúncias, envolvendo uma instituição nacional permanente . Isto é um fato.

f. O casal, no site da ONG, é qualificado como militante da VPR (Vanguarda Popular Revolucionária) , o que é contraditado por outras fontes . Mais uma vez a ONG da "Inquisição Revanchista" pode Ter errado . Os assaltos ao trem pagador da Santos - Judiai e contra o carro pagador do IPEG são ações de marginais da AC/SP (depois ALN) . O "Beto", que por ser motorista do Marighella poderia Ter tomado parte nas duas, talvez possa esclarecer...

TRANSLADOS E EXUMAÇÕES .

O translado do corpo de Catarina Helena Abi-Eçab ou Catarina Helena Xavier Ferreira (nome de solteira) de Vassouras/RJ para S. Paulo/SP, com autorização da família, impõe o raciocínio de que os seus familiares possam detalhar os aspectos legais do translado e sepultamento . Sem falar nos órgãos institucionais responsáveis, os quais têm obrigação de esclarecimentos. A ONG "Tortura Nunca Mais", talvez possa esclarecer alguns aspectos... Assim sendo, deviam e devem existir indícios ou evidências para os seguintes esclarecimentos:

g. Local onde se encontravam os restos mortais de Catarina Helena (antes do translado para S. Paulo/SP) ;

h. Quem ou quais pessoas efetuaram o translado ? ;

i. Local e nomes envolvidos nesta atividade ;

d. Data do translado e do sepultamento ;

e. Exumações posteriores ao sepultamento de Catarina Helena Xavier Ferreira (em casada Abi - Eçab), em S. Paulo (1.981 ou 1988) , se houve ;

j. Qualquer exame de confirmação por DNA efetuado, em de S. Paulo/SP, referente ao casal, até a presente data;

k. Data, autoridades, organizações ou pessoas solicitantes dos exames e seus resultados, se for o caso; e

23

I. Comparações desses resultados com os da última exumação, em 1.981 ou 1988, caso tenha sido efetuada .

A parte pericial, deste momento em diante, para ser isenta, não poderá ser conduzida pelos técnicos da USP, por seus envolvimento na reportagem, nem por técnicos da UNICAMP, pela presença do "Mané" (Professor João Carlos Kfoury Quartim de Moraes) e outros antigos militantes, capazes de influir nas atividades... É sonhar muito pensar em perícias isentas, mesmo que se deseje a verdade e não esta baboseira do Sr. Caco Barcelos e outros .

A OSSADA CRANIANA DE JOÃO ANTÔNIO

Diante dos textos de Jacob Gorender e de Luis Mir, nas obras aqui citadas, e os registros da ONG da "Inquisição Revanchista Brasileira" cabe ou não considerar o problema do crânio perfurado, possivelmente, por um projétil de arma de fogo ou algo similar, levantado pelos doutos legistas da USP ? Se o relato da ONG "Tortura" tem uma versão de laudo contraditória, por quem não possui o mínimo interesse em ocultar uma trama dos militares, pelo contrário, há lógica em investigar...

Estranho é não ser solicitada, por ninguém, a exumação e o exame da ossada craniana de João Antônio, morto : *segundo Waldemar, da mesma forma, no mesmo local, pela mesma pessoa e com a mesma arma; segundo a outra versão, no mesmo local, na mesma estrada e na mesma hora . Este fato merece ser olhado com atenção, pois é, no mínimo, estranho, mais do que isto : suspeito.*

Retornar

CAPÍTULO 5: EM FOCO - O "AGENTE" WALDEMAR.

Sobre este "recruta" Waldemar, cabem algumas considerações que, provavelmente, o repórter não pode ou não quis obter. Julgamos que se ele tivesse procurado as autoridades militares e outras fontes para expor os "graves" fatos obtidos e os objetivos da reportagem, teria as respostas que evitariam esta paparrotice. Parece que o repórter não aprofundou seus dados por não ter interesse em ser isento – em relação ao Exército e aos militares em geral – e estar seduzido por uma ótica peculiar, revanchista, que, no fundo, só prejudica a Nação. Vejamos :

- Waldemar Martins de Oliveira sentou praça em 15 de janeiro de 1968, incorporado no estado efetivo do 27º Batalhão de Infantaria Paraquedista ;

- após sua incorporação, inquestionavelmente, o recruta Waldemar submeteu-se à Instrução Básica Individual (fevereiro e março); ao Treinamento Básico Aeroterrestre (abril); ao Curso de Formação de Soldado (maio e junho); e estágios peculiares a formação do soldado paraquedista (julho ou julho e agosto) ;

- o recruta Waldemar consumou a deserção, em 11 de setembro de 1.968, sendo, ainda, um soldado do efetivo variável (EV) e deixando de receber remuneração a partir desse mês (setembro de 1968) ;
- o desertor Waldemar Martins de Oliveira deixou de ser excluído do estado efetivo, do 27º Batalhão Paraquedista por erro administrativo, fato que, a nosso ver, não o exime do crime de deserção praticado, e o coloca com elevado grau de risco para as operações de informações, tecnicamente falando ;
- o desertor Waldemar Martins de Oliveira não apresentou nenhuma comprovação de remuneração efetuada, pela prestação de seus serviços, após setembro de 1.968, por qualquer organização militar ou órgão ligado ao governo federal. Trabalhou de graça ou é ator participante de uma farsa?

Com base, somente nestes dados, que podem ser verificados pelas folhas de alterações militares do Waldemar e por via investigativa, caso se deseje, podemos afirmar que, naquela época, não temos ciência de qualquer registro de soldado recruta atuante na área de Operações de Informações (hoje Op de Inteligência) . Somente oficiais e graduados exerciam aquelas atividades e, de preferência, deveriam possuir curso que os capacitasse à atividade (Curso de Especialização de Informações do Centro Estudos de Pessoal, CEP) .

A reportagem deu ênfase a um documento que estava de posse de Waldemar, o qual atestaria sua condição de vinculação ao Exército, podendo exercer as atividades de Informações. Mentira!

O Certificado de Dispensa de Incorporação (CDI), de Nr 382671-J, foi concedido pela 10ª Delegacia do Serviço Militar, Marília/SP, subordinada a 6ª CSM (Circunscrição do Serviço Militar) de Bauru/SP, a Waldemar Martins de Oliveira, no período 1º de abril a 31 de abril de 1978, e não em 1970 como destacou a reportagem . O CDI é um documento fornecido ao pessoal do excesso de contingente, aos refratários e aos dispensados da incorporação, a fim de regularizar suas situações militares. O CDI não é distribuído a quem foi incorporado (na Brigada Paraquedista, por exemplo) e muito menos a um desertor...

No caso de Waldemar Martins de Oliveira a posse de um CDI autentico, usado de forma ilícita, configura um ato ilegal por ele praticado intencionalmente. A pessoa que tenha, intencionalmente ou não, lhe entregue o CDI, também está incurso nas penas da lei . Só ao arrepio da lei seria possível obter o CDI . Temos cópia da relação com todos os dados, inclusa a assinatura do Sr. Waldemar, passando recibo do seu ilícito .

Este CDI, fornecido em 1.978 e não em 1.970, levanta, a possibilidade de adulteração da sua data de entrega, surgindo aí mais um aspecto para agravar a situação de possível ou possíveis envolvidos na obtenção ilícita do documento ...

Tem mais, dar um CDI com a identidade real para um desertor, que está foragido e na clandestinidade seria, além de crime, um tipo de "cobertura" inválida e "burra" para

qualquer agente, pois torna seu portador vulnerável a qualquer ação policial - militar, uma vez que o CDI é um documento que pode ser checado pelas autoridades, em caso de detenção ou checagem (batida) por forças de segurança pública .

A primeira missão deste "super agente", desertor Waldemar, foi "executada", pelos dados da reportagem , entre meados de outubro de 1.968 e, no máximo, 08 de novembro de 1.968, portanto, com menos de dez meses de praça (15/01/1968 a 10/09/1968) e dois meses na situação de desertor (11/09/1968 a 08/11/1968) o que é improvável e inusitado, exceto para: o repórter; o inventor da estória; e o desertor...Há uma realidade: a lora de ter presenciado a "prisão, as torturas e execução" do casal por militares do Exército Brasileiro... Como o repórter engoliu esta patranha e tudo o mais é que causa estranheza e desconfiança...Há um adendo , na atualidade, o Sr. Waldemar Martins de Oliveira, diante das decisões judiciais que lhe foram contrárias, não impetrou novas ações contra o Exército...Não há, até agora, pelo que se saiba, nenhuma ação em curso do caluniador ou do caluniado...

MAIS MENTIRA.

Em 1968 não existiam os DOI – CODI, que só foram organizados no segundo semestre de 1.969. Pelo que se sabe as ações operacionais , de contra-subversão, ocorriam coordenadas pelos *Comandos Militares de Área*, *onde ser muito improvável ao "super agente" atuar na área de Marília/SP, área do então IIº Exército, sendo, pelo que propalam Waldemar e outros capadócios, "agente atuante" e lotado na área do então Iº Exército (1.968). Quem deu Comando Militar de Área ? Waldemar tem que saber, ou foi obra do Espírito Santo ?*

MAIS EVIDÊNCIAS. a ordem ou quem a transmitiu para o "agente desertor", Waldemar, atuar na área de outro.

Outro aspecto merecedor de atenção é o fato de que as obras, versando sobre as mortes de militantes pelo "regime militar", não citam o casal Antônio João e Catarina Helena Abi – Eçab como mortos, seja em confronto, seja – como é costume – em "tortura". Tal enfoque dá a nítida impressão e, mais que isto, a certeza de que toda a "esquerda revolucionária militarista ou não" tinha a mesma visão de Jacob Gorender , que por certo foi informado dos fatos por fonte idônea ligada aos acontecimentos ocorridos na fatídica data de novembro de 1968 (8 /11/1968) . Os livros são : "Imagens da Revolução", de Daniel Aarão Reis Fº e Jair Ferreira de Sá, páginas 362 e 363 para os anos de 1968/69/70, Editora Marco Zero, 1985, que não cita o casal ; "Dossiê dos Mortos e Desaparecidos Políticos a partir de 1964", páginas 219 e 220, da Companhia Editora de Pernambuco, governo do Estado de Pernambuco, Recife 1.995, com patrocínio da Mitra Diocesana de S. Paulo, que cita o casal ; e na página 290 do livro de Nilmário Miranda e Carlos Tiburcio , "Dos Filhos Deste Solo", Bomtempo Editorial, editado em 1.999, que repete a versão do "Dossiê dos Mortos..." , anteriormente citado, apesar do caráter faccioso dos autores, visceralmente contra os militares , talvez devido a posição de ambos no passado...Com seus receios ...

JOÃO ANTÔNIO "O ESQUECIDO".

Não custa repisar um aspecto estranho... Qual a razão para o "esquecimento" do pobre João Antônio Abi-Eçab ? O noticiário da TV Globo, propalou que o "investigativo" repórter acrescentara mais um morto (Catarina Helena Abi-Eçab) no rol dos mortos pelo "regime militar" (que não foi exercido só por militares, que o digam vários dos que andam por aí no poder e na mídia) . Só "mais um" nome ? E João Antônio, "O Esquecido", morto na mesma hora, no mesmo local e em circunstâncias semelhantes as de sua esposa e que, como ela, não consta em nenhuma das obras citadas, como morto em tortura ou confronto com as Forças Legais ? O pessoal da antiga AP, ALN, VPR, VAR -P, POLOP (do Nilmário "O Indenização"), depois ORM-DS, e outras mais relegaram João Antônio ? O crânio não teria perfuração por projétil ou "coisa" similar ? Estranho, muito estranho... Caso tenham incinerado o corpo é ainda mais estranho... Muito estranho...

Retornar

CAPÍTULO 6: A ENTREVISTA COM O IRMÃO DE CATARINA HELENA. (Fatos esclarecedores e procedimentos estranhos)

O mui investigativo repórter Caco Barcelos procurou o Sr. Aluisio Elias Xavier Ferreira, irmão de Catarina Helena, em junho de 2000, contando - lhe ter sido procurado por uma pessoa das Forças Armadas, que relatara ter levantado, na época da repressão, fatos envolvendo políticos pertencentes ao Partidão, tendo indicado aos seus superiores um casal, que fora torturado e assassinado . Por dados que foram transmitidos ao jornalista, acreditou ele tratar - se da irmã e do cunhado do Sr. Aluisio . A fim de verificar a veracidade do que lhe foi transmitido necessitava de autorização da família para uma possível exumação do cadáver de sua irmã . Temos algumas indagações para o Sr. Caco Barcelos, sobre este encontro vital, para o rumo de suas investigações. Na ocasião, procurou saber se o irmão Catarina Helena foi a Vassouras, RJ ? Qual a data de sua ida ? O que verificara, chegando em Vassouras ?

Como na reportagem, o Sr. Caco Barcelos nada disse sobre este encontro (de junho de 2.000), fixando - se em outro, no qual explorou a estória enganosa e cínica do Sr. Waldemar Martins de Oliveira, manipulando o irmão de Catarina Helena (Sr. Aluisio) fazendo - o crer na suposta tortura e assassinato da irmã, como se viu na sua teatral reportagem (no início de abril de 2.001), iremos refrescar sua memória :

· o Sr. Aluisio Elias Xavier Ferreira , o pai de João Antônio (sogro de Catarina Helena) e Marcio Edgar Paulielo Elias (primo de Catarina Helena e de Aluisio), na madrugada de 08 para 09 de novembro de 1.968, estiveram na Delegacia da Polícia Civil de Vassouras, RJ, e não em agosto de 1.968 como declarou o Sr. Aluisio, no depoimento prestado ao Departamento de Homicídios e de Proteção à Pessoa, Divisão de Proteção à Pessoa (D.P.P.) , da Polícia Civil de S. Paulo, quando afirmou:

. ter seu primo adentrado no IML, de Vassouras, RJ, para realizar o reconhecimento do corpo de sua irmã, Catarina Helena ;

. ter visto o carro de Antônio João, bastante danificado, com manchas de sangue e

com pedaços de massa encefálica; e

· ter visto, na Delegacia, o motorista do caminhão, contra o qual o carro do casal se chocara.

· Conforme se depreende de seu depoimento e :

· 1) das cópias dos 2(dois) Atestados de Óbito, de Catarina Helena Abi - Eçab e João Antônio Abi - Eçab, expedidas pelo Cartório de Registro do 1º Distrito, de Vassouras, RJ, onde o casal é dado como falecido em , 08 de novembro de 1.968, as 18:30 horas no Km 69 da BR 116, sendo a causa da morte de ambos caracterizada como : fratura de crânio com afundamento ;

· 2) da cópia do Registro de Ocorrência , da Delegacia de Vassouras, RJ, sobre o acidente que vitimou o casal (batida na traseira de um caminhão De Soto, chapa 43 - 11 - 52 -RJ), dando : o nome do motorista do caminhão, Geraldo Dias da Silva ; o nome das testemunhas do acidente, Antônio Coelho de Souza, Romero Dias da Silva, José Firmino dos Santos e Osvaldo Ruas, todos residentes em Vassouras, RJ ; e a hora da em que a Delegacia de Polícia de Vassouras, RJ, teve ciência da ocorrência, 20:00 horas de 8 de novembro, de 1.968 ;

· 3) da cópia da Guia para Enterramento, expedida pelo Cartório de Registro Civil, 1º Distrito do Município de Vassouras, RJ, em 09/11/1.968, que registra o óbito as 18:30 horas, do dia (ilegível), de novembro, de 1.968, dando o destino de enterramento em S. Paulo, SP .

Podemos afirmar que todos os dados relatados apontam para a morte accidental do casal, ocorrida em 8 de novembro de 1.968, por volta das 18:30 horas e poderiam ser levantados e analisados pelo repórter, caso fosse de seu interesse a isenção. Não foi... A identificação do carro de João Antônio, a constatação de massa encefálica no mesmo, e a citação da presença do motorista do caminhão, pelo Sr. Aluisio Elias Xavier Ferreira, irmão da vítima, bem como os documentos arrolados neste "Décimo Terceiro" item fariam das declarações do biltre Waldemar uma peça sem nexos. Bastava ao repórter : inteligência, bom senso e capacidade profissional, as vezes demonstrada em reportagens que não têm cunho ideológico ou revanchista de certa linha editorial... Tem que haver algo por trás disto tudo...E não é a busca da verdade...

Nesta ida a Vassouras, mais uma vez, João Antônio foi meio desprezado.

E o seu laudo ? Como fica ?

CONCLUSÃO .

Os fatos aqui apresentados refletem bem o nível dos noticiários, quando se trata de atacar as instituições militares e seus integrantes por um passado, que eles não ocasionaram . As origens dos chamados "anos de chumbo" estão firmados nas ações "aventureiras e militaristas" de terroristas e guerrilheiros, marxistas - leninistas, treinados

em Cuba, na China Popular e alhures, como o trecho de Jacob Gorender indica de forma cristalina . Lastimamos que alguns jovens tenham aderido a esta luta sem preparo e conhecimento, seguindo os passos de "quem não sabia a hora , nem fazer acontecer", pagando o duro preço de um combate que não podiam, nem estavam preparados, para vencer . Sem liderança, conhecimento das condições objetivas e subjetivas, e sem apoio popular o que poderiam almejar?

O fato é, na atualidade, reconhecido em várias obras de autores da esquerda revolucionária, em suas críticas e autocríticas, ainda que muitos, ainda estejam atados às visões gramscianas, leninistas, trotskistas , maoistas e estalinistas travestidas na forma "neo", tão na moda, apesar do cheiro de mofo que sempre se sente.

Se conheciam a história das revoluções marxistas - leninistas vitoriosas, em particular, e todas outras que aconteceram por este mundo afora, sabiam muito bem avaliar as possíveis conseqüências e os inevitáveis "anos de chumbo", que as acompanham. Agora choram seus mortos, ocultando as covardias de muitos, exaltando suposta coragem da totalidade, negando a facilidade de delatar de bom número de "torturados" e o falso testemunho ocular de quem nada via , tudo com o objetivo de dissimular suas fraquezas e a vergonha da derrota. Queriam nos impor, não a democracia, mas, sim, a "ditadura do proletariado". Pobre proletariado...

A bem da verdade, as ações que executaram eram, tipicamente, as mesmas que caracterizam, nos dias de hoje, a marginalidade, isto é, a criminalidade "excluída" do tipo Comando Vermelho, Terceiro Comando, PCC e outros: assaltos; seqüestros; e assassinatos cometidos sob o manto da ideologia que deu em "nada". Hoje devem estar dando vivas ao legado da Ilha Grande e a "Vanguarda Popular Prisional" ? Afinal de contas o "Beto" não foi cogitado para a Pasta da Justiça ? De assalto ele manja ?

Lastimamos e condenamos os excessos cometidos, mas não cremos no testemunho e denúncias, sem o indispensável contraditório.

Muitos derrotados, agora vencedores, graças a abertura política concedida, vivem como militantes no clube sociedade política, alguns no centro do poder, onde continuam enganando a Nação, deviam ter mais cuidado ...

Todos os dados, aqui expostos, sobre "A Grande Farsa" ,excetuada a conclusão, estão nas obras que citamos e nos sites da Internet indicados, estando pois a disposição do Sr. Caco Barcelos e da Central de Jornalismo da TV Globo...Satirizar é preciso : agradecemos a cuidadosa investigação, o zelo tão característico, as ênfases maliciosas das frases de efeito e a satisfação mal dissimulada com que as reportagens agraciaram os personagens fantasmas que em nome de uma Instituição Nacional Permanente, "prenderam", "torturaram" e "executaram" o casal Abi-Eçab , mortos num acidente de automóvel.

Chega desta palhaçada de mau gosto revanchista, que só alimenta o ódio entre brasileiros já cansados com as surpresas ante o previsível, a corrupção , o crime organizado e a violência . E não venham com essa de que é legado da ditadura, para

livrar a cara de culpas, incompetência, surpresas inadmissíveis, falta de vergonha e "apagões" morais tão na moda. Vinte ou quinze anos é muito tempo...

Não nos cabe ter a iniciativa das ações processuais julgadas necessárias, diante das infrações que do texto ressaltam... Cumprimos a nossa parte, apesar das ironias e deboches do texto, afinal de contas também temos direito, ninguém é de ferro... De ferro fomos e somos na selva e nas cidades, na coça que lhes demos. Fiquem tranqüilos, o Leão está manso...

OBSERVAÇÕES

Estas observações numeradas entre colchetes acrescentam dados aos fatos numerados entre colchetes ao longo do texto.

(1). A suposição da participação do casal foi motivada por uma precipitação do DEOPS/SP, quando do acidente em Vassouras/RJ, devido a apreensão da metralhadora INA, calibre 45, arma semelhante a usada no assassinato do oficial americano e também pelo fato do casal atuar na área de S. Paulo/SP, no AC/SP (futura ALN).

(2). Os panfletos, em número de cinco, tinham os seguintes dizeres:

"O assassinato do Comandante Chê Guevara, na Bolívia, foi cometido por ordem e orientação de criminosos de guerra como este Chandler, agente imperialista notório, e responsável pela prática de inúmeros crimes de guerra contra o povo do Vietnam".

"O único caminho para a revolução no Brasil é a luta armada".

"A luta armada é o caminho de todo revolucionário no Brasil".

"Criar um, dois, três, vários Vietnames".

(3) O "Tribunal Revolucionário" que condenou o Cap. Chandler era composto por três militantes da VPR (Vanguarda Popular Revolucionária): Onofre Pinto, como Presidente; João Carlos Kfoury Quartim de Moraes ("Manoel", "Mané" ou "Maneco"); e Ladislav Dowbor ("Jamil", "Nelson" ou "Abelardo"). A sessão realizou-se no início de outubro de 1968. A execução foi uma ação "em frente" com a AC/SP (depois ALN)

(4) Outros dados do acidente ocorrido em Vassouras/RJ :

O carro dirigido por Catarina Helena era um Volks sedam verde do ano de 1.967, placa 34-9884, S. Paulo /SP, entrou na traseira do caminhão De Soto, placa 44 (43)-11-52, RJ, tendo como motorista Geraldo Dias da Silva. Pelas imagens do vídeo parece ter havido impacto relativamente forte. A lataria do Volks na parte dianteira, um pouco mais para o lado esquerdo apresenta sinais de forte impacto. Catarina Helena está numa posição meio contra o volante e a sua direita (pelo impacto) numa posição que

parece justificar uma ação que auxiliou, a projeção de João Antônio pela porta do lado direito, caindo no asfalto (queda pela porta do lado direito) .A porta do lado direito está aberta e depenada. Não há evidência , clara, de detonação de explosivo. É possível, por força do impacto, um choque contundente na cabeça da jovem e mesmo do seu companheiro .

Segundo Luís Mir , havia no carro uma metralhadora de número M 953, pertencente a Polícia do DF, mais dois pentes de bala de trinta tiros e uma pistola Bereta calibre 7,65mm .

http://www.desaparecidospoliticos.org.br/index_juli.html

Catarina Abi-Eçab

Ficha pessoal	Biografia	Documentos
---------------	-----------	------------

Dados Pessoais

Nome: **Catarina Abi-Eçab**

Atividade: **Estudante universitária**

Dados da Militância

Organização: **Vanguarda Popular Revolucionária - VPR**
(na qual militava)
Morto **ou**

Desaparecido: **- Morto. 8/11/1968, km 69 da BR-116**

Médico legista: **Pedro Sarillo**
(envolvido na
morte/desaparecimento)
Almir Fagundes de Souza

Biografia	Ficha pessoal	Documentos
-----------	---------------	------------

Militante da VANGUARDA POPULAR REVOLUCIONÁRIA (VPR).

Estudante universitária morta, aos 21 anos de idade. A versão oficial descreve morte em acidente de automóvel em 08 de novembro de 1968, às 19:00 horas, no km 69 da BR-116, próximo a Vassouras, RJ, quando o carro em que viajava com o marido Antônio Abi-Eçab, explodiu devido à detonação de explosivos que transportavam.

O exame necroscópico de Catarina, realizado em 9/11/68, no Instituto Médico Legal de Vassouras e firmado pelos Drs. Pedro Sarillo e Almir Fagundes de Souza, dá como "causa mortis" fratura de abóboda craniana provocada por instrumento contundente. Foi sepultada por sua família no Cemitério do Araçá, São Paulo, SP.

Denúncias feitas pelo repórter Caco Barcelos no Jornal Nacional de 2, 3 e 4/04/2001, da TV Globo, desmentem a versão policial de morte em decorrência de acidente de carro e mostram que ela e seu marido foram executados com tiros na cabeça.

EXMO. SR. DR. PRESIDENTE DA COMISSÃO ESPECIAL DOS
MORTOS E DESAPARECIDOS POLÍTICOS.

IVAN ELIAS XAVIER FERREIRA, já qualificado, nos autos do Pedido de Indenização de Catarina Helena Abi Eçab, que pleiteia perante esta Comissão, acima mencionada, vem, respeitosamente, conforme solicitado pela Carta CDP/GM/nº 07/2003, levar ao conhecimento de V. Exa., as provas solicitadas e prometidas pelo requerente em petição anterior a esta, pelos fatos e fundamentos que a seguir passa a expor:

33

O requerente é irmão da falecida, conforme vemos nos RGs, Atestado de Enterramento e certidão de nascimento em anexo, são ambos filhos de Helena Elias Xavier Ferreira.

DA MORTE - DA SIMULAÇÃO

Na data de 08/11/1968, Catarina Helena Abi Eçab, foi executada, conforme farta documentação em anexo.

Por ocasião de sua execução, à época, a polícia, os jornais, rádios e televisão, deram sua morte, como sendo um acidente de automóvel, em uma estrada nas proximidades da cidade de Vassouras, RJ.

Referida versão (acidente automobilístico), nada mais foi do que uma tentativa de **simulação**, para tentar-se encobrir a execução.

Ainda, conforme, vemos nos inúmeros jornais anexos, tentaram, imputar-lhe, um roubo de dinheiro, bem como um assassinato, tentando inverter a situação para que a falecida passasse de vítima a ré.

Porém a tentativa de simulação, mesmo à época, foi contestada por alguns jornais, com maior credibilidade e imparcialidade, tendo os jornais, com ligação com o governo, desconsiderado os fatos, e tentado juntamente com os poderes públicos tentado incriminar à vítima.

Tal fato, causou no requerente um estrago mental, lhe causando um grande sofrimento psíquico, dor no seu mais íntimo sentimento.

DA EXECUÇÃO

Outro fato importante, é que o requerente, sempre contestou a versão da polícia, porém, face ao regime ditatorial, foi o mesmo impedido de expor seus pensamentos, sob pena de pagar com a própria vida.

Assim, posteriormente, já no ano de 2000/2001, o requerente e os demais irmãos da falecida, foram procurados, por um repórter da TV. Globo, que estava acompanhado de um militar, que tinha conhecimento de que Catarina Helena Abi Eçab, tinha sido assassinada.

Após, começaram as diligências, no sentido de exumar o corpo de Catarina Helena Abi Eçab, para investigar-se o que o requerente sempre soube.

Assim, com a exumação do corpo, foi feito Laudo de Exame de Corpo de Delito - Exame Necroscópico, documento anexo, e ficou comprovado, que Catarina Helena Abi Eçab, foi assassinada, com um tiro na "nuca", conforme laudo anexo, e não sofrido um acidente como tentava fazer crer a polícia.

O laudo anexo comprova, que: A morte foi consequência de traumatismo crânioencefálico...devido a ação vulnerante de projétil de arma de fogo, causa básica da morte, evento inicial.

35

Após a confirmação do laudo, foi, pela TV. Globo, gravada entrevista com o militar, e feita reportagem sobre o assassinato, a qual está gravada numa fita, anexa a esta documentação, fazendo parte integrante das provas trazidas a esta comissão.

Vemos nas referidas gravações, que Catarina Helena Abi Eçab foi assassinada a "sangue frio" por policiais, dentro de repartições públicas.

ANTE AO EXPOSTO, REQUER-SE:

A indenização pecuniária prevista em lei, no seu valor máximo, eis que a vítima Catarina Helena Abi Eçab, era estudante de filosofia da USP, com um futuro profissional, certamente brilhante e expectativa de vida, certamente de além da média. Sendo ainda que a mesma, através dos indícios, teria também um renda mensal acima da média, assim, deverá ser indenizada em valor máximo.

O requerente, coloca-se a disposição, para quaisquer esclarecimentos, podendo ser contatado em no endereço já mencionado e/ou telefone (16) 3667-3047.

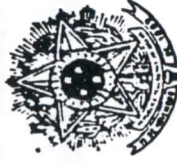
Pede deferimento.

De Cajuru, SP, para Brasília,
DF, 30 de março de 2003.

Ivan Elias Xavier Ferreira

Ivan Elias Xavier Ferreira.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL



ESTADO DE SÃO PAULO

Cartório do Registro Civil das Pessoas Naturais

TEL.: 262-0663 - PERDIZES

Município e Comarca da Capital do Estado de São Paulo
Cardoso de Almeida, 163 Conj. 1 - CEP 05013 - Perdizes - SP

HYERÓCLIO ELOY PESSOA DE BARROS NETO

ESCRIVÃO

CERTIDÃO DE NASCIMENTO

CERTIFICO que, sob N.º 16.712 - , às fls. 518 do Livro N.º A-30 de Registro de Nascimento, encontra-se o assento de " CATARINA HELENA XAVIER FERREIRA " -----

nascido aos vinte e nove de janeiro de mil novecentos e quarenta e sete.

(29 - 01 - 1947) -----

às 19 -horas e 50 -minutos, neste subdistrito, -----

cor branca - - , filh a de Trajano Xavier Ferreira -----, do sexo feminino - - , de

e de dona Helena Elias Xavier Ferreira -----

Avós paternos Julio Xavier Ferreira Filho -----

e Albertina Gomes Xavier Ferreira -----

Avós maternos Elias Moysés -----

e Catarina Abdala -----

O registro foi lavrado em 03 de fevereiro de 1947. -----

tendo sido declarante o pai. -----

e testemunhas constantes do termo. -----

O referido é verdade e dou fé

Desta Czs 964,81

T. Ap Czs 192,95

Total Czs 1.157,76

SELOS de Aposentadoria dos Servidores da Justiça,
Recolhido por Verba, GUIA N.º 14/89.

Perdizes, 17 de janeiro - de 19 89
O OFICIAL.

CERTIDÃO DATILOGRAFAADA POR

Edneide da C. Francisco

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

SECRETARIA DA SEGURANCA PUBLICA

REG. 3.694.242

F. D. V-4143 I-4422

POLEGAR DIREITO

SECRETARIA DA SEGURANCA PUBLICA

ESTADO DE SAO PAULO

SECRETARIA DA SEGURANCA PUBLICA

SERVICO DE IDENTIFICACAO

CEDULA DE IDENTIDADE

NOME: CATARINA HELENA XAVIER

FILIAÇÃO: IRMÃO X. FERREIRA

HELENA ELIAS X. FERREIRA

NASCID. em 29 Janeiro 1947

em São Paulo Capital

COM DA PRIMA DISSOL. cast.

OSG. 1-4-1965

São Paulo (Brasil)

de 24 Julho de 1965

ESTADO DE SÃO PAULO

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA

RG 3.269.291

3222 - A

2333 - E

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

DE NOTAS DE CAJURU-SP

U T I C A C I O

esta é uma cópia reprográfica

do original a mim apresentado,

do ano de 1965

AN. 2003

da verdade.

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA

SERVIÇO DE IDENTIFICAÇÃO

CEDULA DE IDENTIDADE

NOME: IVAN ELIAS XAVIER FERREIRA

FILIAÇÃO: Trajano X. Ferreira e Helena E.X. Ferreira

NASCIMENTO: 05 de junho de 1945

em São Paulo - Capital

COR DA PELE: branca OLHOS: castos.

OUTRO: P.L. LAPA

São Paulo (Brasil) de abril de 1965

PELA

SERVIÇO DE IDENTIFICAÇÃO

JOÃO GILBERTO

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA

U T I C A C I O

esta é uma cópia reprográfica

do original a mim apresentado,

do ano de 1965

AN. 2003

da verdade.

COLEGIO NOTARIAL

do Brasil-SP

AUTENTICAÇÃO

0183AA000651



Araçua

40

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA FL.1
SUPERINTENDÊNCIA DA POLÍCIA TÉCNICO-CIENTÍFICA

Anderson
23/07/2001

DEPENDÊNCIA:-

NÚCLEOS DE TANATOLOGIA E PATOLOGIA
FORENSE - OFICINA DE TAFOLOGIA
DHPP, DIVISÃO DE PROTEÇÃO À PESSOA
OFÍCIO Nº 164/00
CATARINA HELENA ABIESABI

INTERESSADO:-

REFERÊNCIA:-

EXAMINADA:-

LAUDO NECROSCÓPICO Nº 4.212/2000



LAUDO DE EXAME DE CORPO DE DELITO
EXAME NECROSCÓPICO

Aos dois dias de outubro de dois mil, na cidade de São Paulo, neste Estado, atendendo requisição da doutora Elisabete Ferreira Sato, Delegada de Polícia, os infrascriptos, Médicos Legistas, do Instituto Médico Legal de São Paulo, designados pelo doutor Carlos Alberto Coelho, Diretor, realizaram, **pesquisa necroscópica, após exumação**, nos restos mortais, indicados como sendo, de **CATARINA HELENA ABIESABI**, resultando no documento que segue:-

- 1. SÍTIO:-** Cemitério Municipal do Araça, S. Paulo. Cemitério tradicional, próprio das seitas cristãs. Presente a Autoridade Policial requisitante, doutora Elisabete Ferreira Sato, que identificou os presentes e o Administrador e conduziu esta etapa da pesquisa, com apoio do Médico Legista, Claudio Furtado Verdadeiro.-
- 2. HISTÓRICO:-** Pesquisa solicitada, a fim de estudar as lesões ósseas e estabelecer nexo causal com os dados circunstanciais. Segundo consta, vítima de acidente automobilístico, colisão frontal de automóvel com a traseira de caminhão, em estrada do Rio de Janeiro, há 32 (trinta e dois) anos. A examinanda viajava no banco de passageiros, dianteiro do automóvel. Há dúvidas sobre o acidente, a causa básica de morte e o agente.-
- 3. REGISTROS:-** Sepultura 60-A, quadra 92-A, Cemitério do Araça, São Paulo. Sem outras informações.-



Anderson

23/07/2001



Continuação do laudo necroscópico nº 4.212/2000

4. CONDIÇÕES MESOLÓGICAS:- Tempo temperado e úmido. Nublado. Temperatura em torno dos 19°C (dezenove centígrados). Ventos fracos. Pressão atmosférica estável. Umidade relativa do ar de 65%. Tempo de inumação de 32 (trinta e dois) anos. Início às 10:15 horas e término às 11:50 horas. Primavera.-

5. SEPULTURA:- Sepultura de alvenaria, tradicional, própria dos cristãos.-

6. SOLO:- Solo arenoso, intensamente modificado, sem contato direto com os restos mortais.-

7. EXAME INICIAL (IMEDIATO):- Restos mortais humanos, em esqueletização, intensamente modificados pelo tempo de inumação, contidos em urna funerária própria das exumações. Restos mortais trasladados para a Oficina de Tafologia do Núcleo de Tanatologia Forense do Instituto Médico Legal de São Paulo, a fim de continuidade das pesquisas.-

8. PESQUISA NECROSCÓPICA (EXAME MEDIATO):- Ao exame inicial notamos:-

Após preparo laboratorial, notamos:-

- 8.1. Ausência de sinais de autópsia anterior.-
- 8.2. Crânio intensamente fragmentado com partes faltantes. Orifício elíptico, com perda de substância óssea, atípico, medindo $(25,0 \pm 0,5)$ milímetros no eixo maior vertical e $(12,0 \pm 0,5)$ milímetros no menor, horizontal, em região occipito-temporal esquerda. Múltiplas fraturas de calota, lineares, algumas radiadas. Fraturas de base e de face, algumas cominutivas e com perda de substância óssea.-
- 8.3. Fratura em torção de diáfise de fêmur direito (terço médio).-
- 8.4. Intensa modificação dos restos mortais, incluindo mineralização óssea.-

9. EXAMES SUBSIDIÁRIOS:-

- 9.1. Realizamos estudo antropológico compatível com raça branca, sexo feminino e adulto jovem.-



Continuação do laudo necroscópico nº 4.212/2000



9.2. Devido modificação óssea, complementamos o estudo acima com estudo genético no Núcleo de Biologia e Bioquímica do Instituto de Criminalística que confirmou o sexo feminino pelo estudo do "locus" amelogenina do cromossomo sexual que indicou perfil alélico "XX" (Laboratório de DNA s/nº).-

9.3. Realizamos estudos com Microscopia Eletrônica de Varredura e Análise de Raios X em amostras ósseas obtidas da lesão descrita no 8.2, da região occipito-temporal esquerda, que indicou como agente causador, projétil de arma de fogo. Etapa realizada no Laboratório de Microscopia Eletrônica do Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo.-

9.4. Realizamos estudos complementares com marcadores genéticos em amostras de medula óssea residual de fêmur, no Núcleo de Biologia e Bioquímica do Instituto de Criminalística de São Paulo, com apoio da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Universidade de São Paulo, a fim de determinação sexual (diagnóstico de gênero).-

10. DISCUSSÃO:-

10.1. Examinamos restos mortais humanos, de adulto jovem, do sexo feminino, esqueletizados.-

10.2. Encontramos lesões ósseas crônicas compatíveis com a ação vulnerante por projétil de arma de fogo.-

10.3. Referido projétil atingiu o crânio na região occipito-temporal esquerda, transfixou o encéfalo, saindo na face (região não pesquisada, devido fragmentação e ausência de elementos ósseos).-

10.4. A pesquisa com Microscopia Eletrônica de Varredura e Microanálise por Raios X, permitiu o diagnóstico do instrumento vulnerante (projétil de arma de fogo).-

10.5. A pesquisa complementar realizada no Instituto de Criminalística, com apoio da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Universidade de São Paulo, com o uso de "locus" amelofemina do cromossoma sexual na amostra de segmento ósseo (terço proximal de fêmur) apresentou perfil alélico "XX", ou seja, sexo feminino (Relatório de Análise CEAP/I.C. nº 613/00, Laboratório de DNA/NBB).-

11. CONCLUSÃO:- Ante o exposto, as seguintes conclusões podemos inferir:-



Continuação do laudo necroscópico nº 4.212/2000

Anderson
23/07/2001

11.1. Examinamos restos mortais humanos, de adulto jovem, do sexo feminino, esqueletizados.-

11.2. Os achados desta pesquisa são incompatíveis com o histórico alegado.-

11.3. A morte foi consequência de TRAUMATISMO CRÂNIO-ENCEFÁLICO, mecanismo de morte, evento terminal, devido a ação vulnerante de projétil de arma de fogo, causa básica da morte, evento inicial.-

11.4. Não temos elementos objetivos, devido tempo de inumação e perdas de partes ósseas, para a estimativa adequada do vetor trajetória interna. Podemos afirmar que a componente no plano horizontal teve sentido postero-anterior.-

11.5. Da mesma forma não temos elementos objetivos para estimar a distância de tiro e variáveis como tempo de sobrevivência (tempo de agonia).-

11.6. As pesquisas complementares indicaram o instrumento vulnerante e o gênero.-

11.7. A análise cronotanatológica é compatível com o tempo de morte e as variáveis de exposição.-

11.8. Não encontramos sinais de autópsia anterior.-

12. INFORMAÇÕES GERAIS:-

12.1. Exumação e pesquisa inicial realizadas em 02 de outubro de 2000.-

12.2. Pesquisas iniciais concluídas em 10 de outubro de 2000.-

12.3. Pesquisas subsidiárias concluídas em 10 de fevereiro de 2001.-

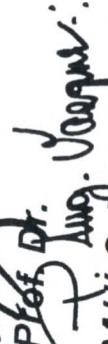
12.4. Redação final em 12 de fevereiro de 2001.-

Nada mais havendo, encerramos o presente documento, resultado da pesquisa, assinado por mim, 1º Médico legista, a quem coube, por determinação da Diretoria Geral, presidir as etapas da pesquisa, e pelos demais que as acompanharam.-

São Paulo, 23 de julho de 2001


CARLOS DELMONTE, Prof. Dr.

SIDNEY REED NETTO, Dr.


PAULO A. VASQUES, Dr.

44

METRALHA DA POLICIA CONTRA OS ESTUDANTES DE MARIGHELA

Ultima hora

SEGUNDA
EDIÇÃO

VINTE
CENTAVOS

SÃO PAULO - ANO XVII - TERÇA-FEIRA, 19 DE NOVEMBRO DE 1968 - N.º 5.177

Diretor: Octavio Fries de Oliveira — Administração e oficinas: Al. Barão de Limeira, 401/3



Existe um boato que ninguém confirma mas estava engrossando cada vez mais ontem à tarde. Vou vender o peixe conforme comprei. Na sexta-feira passada, na via Dutra, perto de Vassouras, Estado do Rio, um casal teria morrido num desastre ocorrido com o Volkswagen em que viajava. Até aí apenas uma notícia triste. O porém é que dentro do carro teria sido encontrada uma metralhadora ao grupo político de Carlos Marighela. Agora os nomes: João Antonio e Catarina.

Ainda sobre Marighela, vou dar uma notícia para vocês ficarem por dentro e não acreditarem mais nas coisas que muitos jornais estão afirmando. Marighela não é da linha chinesa. Ele brigou dentro do Partido Comunista, saiu há alguns anos e montou um partido chamado Agrupamento Comunista, que segue a linha política de Havana, toda baseada nas investigações teóricas de Guevara e Régis Debray.

Como havia...

A Polícia e os Serviços Secretos estão empenhados na localização de Carlos Marighela, achando que ele é um dos chefes do movimento contra-revolucionário em preparação no Brasil. Correram boatos de que o ex-deputado e líder comunista, agora apontado como chefe do bando que assaltou o carro-pagador do IPEG e o Banco Ultramarino Brasileiro, tinha sido morto em duelo com agentes federais, em Aparecida do Norte, durante o último fim de semana. Ontem, afirmando as autoridades que a prisão de Marighela, agora, representa questão vital para a segurança nacional, Guanabara e sra. Maria do Socorro Teles ficou detida na estudante Paulo Cesar Monteiro Bezerra. Queriam que a mulher dissesse onde se encontra a sua irmã, Maria Magalhães Monteiro, mãe de Paulo Cesar e, supostamente, amante de Marighela.

Maria do Socorro não deu essa informação, mas pôde adiantar que sua irmã, desde a prisão do filho, está doente e já sofreu até um enfarte. Maria Magalhães Monteiro diz que Paulo Cesar é inocente e insiste em que a Polícia examine o alibi que apresentou em defesa do estudante e que as autoridades se recusam a considerar (ele assistia aulas na hora do assalto ao IPEG).

Ainda no Rio, a 1.ª Auditoria da Marinha decretou a prisão preventiva do engenheiro José Roberto Monteiro e IBRA, e dos sargentos cassados João Lucas Alves e José Mendes de Sá Roriz, acusados de subversão e da prática de atos terroristas. Os três estão presos na Polícia Federal.

Fundador dos Diários Associados: ASSIS CHATEAUBRIAND

EDIÇÃO
MATUTINA

NCr 4
0,25

Diário da Noite

Diretor: EDMUNDO MONTEIRO

Ano XLIV S. Paulo, 2.ª-feira, 18 de novembro de 1968 N.º 13.267

Metralha no carro dos mortos

Uma metralhadora Ina, uma pistola calibre 7,65 e alguns objetos de uso pessoal formavam o conjunto da bagagem de viagem do casal de estudantes da Faculdade de Filosofia de São Paulo, João Antonio dos Santos Abi-Eçab e Catarina Helena Xavier Ferreira, residentes na Av. Adolpho Pinheiro, 1.275, em Santo Amaro. O casal viajava no auto Volkswagen de cor azul, chapa 34-98-84, de São Paulo. Ao atingirem a cidade de Vassouras, pela Via Dutra, o automóvel chocou-se violentamente com a trazeira de um caminhão e ambos tiveram morte instantânea.

Logo que teve conhecimento do fato, o delegado de Vassouras reuniu para o local do acidente a fim de tomar providências de praxe. No interior do veículo os policiais encontraram uma mala de tamanho médio, uma fraseira e uma sacola de lona. Todos estes objetos foram levados para a delegacia daquela cidade. Ao abrirem a referida mala, tiveram enorme surpresa. No seu interior encontraram uma metralhadora marca Ina-calibre 45, com os seguintes dizeres gravados: "Polícia do Distrito Federal".

Diante do achado, as autoridades daquela cidade do Estado do Rio de Janeiro comunicaram o fato ao Secretário da Segurança, que ordenou que se mantivesse o mais absoluto sigilo sobre o ocorrido.

POLICIA PAULISTA

O investigador Angelino Moliterno que se encontrava na

Guanabara auxiliando as autoridades daqueles Estado na elucidação do assalto ao carro pagador do IPEG e diligenciando naquele Estado para localizar o ex-deputado Carlos Marighela, tomou conhecimento do fato e se comunicou com as autoridades paulistas. Estas, depois de ouvir a estranha estória, ordenaram ao policial que em companhia de seus colegas Bruno e Dino, fossem investigar o caso.

EM VASSOURAS

Os três policiais rumaram para a cidade de Vassouras e ali ficaram sabendo que o desastre com o automóvel dos estudantes havia ocorrido na madrugada após o assalto do carro pagador e que as vítimas estiveram hospedadas no Hotel Canadã, na Guanabara, até o dia do roubo dos 126 milhões. A identidade dos estudantes foi conseguida através de um telefonema encontrado na fraseira da estudante. O número era de São Paulo e pertencia a uma senhora de nome Zaira. Esta senhora, depois que os policiais deram as características e os nomes das vítimas, identificou-as como sendo João Antonio Abi-Eçab e Catarina Helena Xavier Ferreira, casados, residentes no endereço mencionado. Os corpos já foram trasladados para São Paulo e estão enterrados no Cemitério do Araçá. As diligências prosseguem e as autoridades chegaram à conclusão de que o casal fazia parte da Quadrilha da Metralhadora, chefiada pelo ex-deputado Carlos Marighela.

Daltro da Silva Lima

Fecha-se o cerco da Policia sobre Carlos Marighella

RIO (Sucursal) — A Policia de todo o pais, inclusive agentes do Serviço Secreto do Exército, está no encalço do ex-deputado Carlos Marighella, apontado pelo estudante Paulo Cesar Monteiro Bezerra como sendo o cerebro do assalto ao carro-pagador do IPEG, ao passo que as autoridades cariocas admitem ser ele o responsável por todos os assaltos a bancos cometidos nos Estados da Guanabara, Minas e São Paulo.

O ex-deputado Carlos Marighella continua desaparecido. Em torno dele existem numerosos boatos. Dizem que ele teria sido morto em um duelo com as autoridades e afirmam que auxiliado por seus lugares-tenentes teria fugido para o Uruguai. Enquanto isso, a Policia está no encalço dos demais componentes da quadrilha, apoiada nas declarações dos ex-sargentos João Lucas Mendes e José Mendes de Sá Floriz, presos em uma celula comunista.

Prisão vivo ou morto

O cerco em torno de Carlos Marighella é intenso. A ordem é para prendê-lo vivo ou morto. Declarações do estudante Paulo Cesar asseguram que em poder do ex-parlamentar se encontram NCr\$ 236.000,00 e que ele pertence à linha chinesa do Partido Comunista. As autoridades não confirmaram as notícias de que Carlos Marighella teria sido morto em um duelo com a Policia, na cidade paulista de Aparecida do Norte.

O general Luis de França Oliveira, secretario da Segurança Publica da Guanabara, em conversa com a imprensa, anunciou que "há gente mais importante que Marighella em todo esse movimento subversivo", deixando claro que o ex-parlamentar é apenas uma pequena peça de toda uma poderosa engrenagem terrorista.

Entre as autoridades policiais da Guanabara circula a informação de que Paulo Cesar, que está preso no DOPS, dispôs-se a colaborar, chegando a afirmar isso, mas acreditando-se que ele não sabia o paradeiro do ex-parlamentar.

O estudante declarou, na Policia, que o produto do roubo e dos assaltos destinava-se à compra de armas para elementos subversivos que pretendiam desencadear uma contra-revolução no pais.

Tia do estudante

Maria do Socorro Teles da Costa, tia do estudante Paulo Cesar, está presa no DOPS. Afirma, contudo, a sua inocencia, e diz que não fazia parte do movimento subversivo liderado por Marighella e frisa que desconhece o paradeiro de sua irmã.

A policia continua as diligencias para prender e desbaratar o restante da

quadrilha, que ainda permanece no Rio.

O engenheiro-agronomo José Roberto Monteiro, que pertencia ao IBRA, confessou ter participado do assalto ao carro-pagador do IPEG, recebendo a soma de NCr\$ 5.300,00.

O dinheiro que lhe foi entregue foi encontrado pela policia carioca em seu poder, juntamente com as armas explosivos e fardas da Aeronautica e da Policia Militar, que a quadrilha pretendia usar em futuros assaltos.

O engenheiro disse que Paulo Cesar e Carlos Marighella acompanharam todos os assaltos, mas à distância.

Um outro elemento visado pela policia é Roberto Valadares, conhecido como "Cabeção", que está sendo apontado como um dos elementos que formaram o bando dos "boinas azuis", que assaltou a agencia do Copacabana do Banco Ultramarino.

"Cabeção" já foi preso e vai agora ser submetido a rigoroso interrogatorio. Nas suas primeiras decalarações disse que nada tinha a ver com o assalto ao Banco Ultramarino, no que ninguém acredita.

Apontado em uma fotografia, parado junto a uma das funcionarios do Banco, disse que isso nada tinha a ver com o caso.

— "Estou tranquilo, afirmou o facinora, e tambem estou disposto a uma acarcacão com os funcionarios do Banco assaltado".

A revolução

Uma fonte do SNI disse que "uma contra-revolução, que visa a luta armada na rua, em primeiro lugar, e depois no interior do Brasil, em suas zonas rurais, está sendo planejada".

Os agentes do Serviço Secreto e do SNI afirmam ainda que os assaltos a Bancos nos Estados da Guanabara, São Paulo e Minas Gerais são indícios disso.

Revelam os informantes que agentes do SNI e do Serviço Secreto conseguiram desbaratar uma das celulas da contra-revolução na Guanabara, qual funcionava nos subúrbios de Olaria e Bonsucesso, à qual pertenciam o engenheiro do IBRA e o ex-deputado Carlos Marighella.

Afirmam ainda, os agentes do SNI:

— "Essa onda de assaltos obedece a uma determinação superior de levantar fundos para o financiamento de uma contra-revolução no Brasil. Isso consta dos depoimentos dos que já foram presos. Eles disseram que a quantidade minima de que precisavam para o inicio da primeira parte do plano era de um bilhão de cruzeiros velhos".

Os dois ex-sargentos que se encontram presos já foram reconhecidos pelos funcionarios do Banco Ultramarino, em Copacabana, como sendo dois dos que assaltaram a agencia, de onde foram roubados NCr\$ 125.000,00. Os planos dos assaltos ao Banco e ao carro-pagador do IPEG foram encontrados na celula comunista da rua UBI, desbaratada pelas autoridades cariocas.

Admitem estas que o ex-deputado Carlos Marighella seja o cerebro de todos estes assaltos.

Depoendo na policia, sobre a celula descoberta na rua UBI, disse o estudante Paulo Bezerra:

— "Naquela casa havia reuniões periodicas".

Paulo já foi transferido para um quartel do Exército.

Casal morto no Volks é a chave do terror

Um misterioso desastre ocorrido na saída de Vassouras, Estado do Rio, pode ser a chave do terror. Um Volks bate — não se sabe como, naquela estrada tão limpa — e um jovem casal de universitários morre. A Policia aparece, leva os corpos de Antônio dos Santos Abi Echad e sua esposa Catarina Helena Xavier Ferreira para o necrotério. Na delegacia, o delegado abre a mala: uma metralhadora INA, uma automática calibre 7,65 e muita munição para estas duas armas constituem a bagagem dos dois estudantes. Página 8.

Assaltos, terrorismo e Chandler: 2 estudantes mortos acusados

A morte de um casal de estudantes da Filosofia-USP, ocorrida no último dia 10, em um desastre automobilístico na pequena cidade fluminense de Vassouras pode ser uma das chaves do mistério que envolve os assaltos a Bancos e atos de terrorismo no país, além do assassinato do oficial norte-americano Charles Rodney Chandler, ocorrido no mês passado em São Paulo.

É que o Interior do «Volkswagen» semidesmontado em que foram encontrados os cadáveres dos estudantes João Antonio dos Santos Abi-Essab e Catarina Helena Xavier Ferreira, alunos da Filosofia-USP — que estavam casados há cinco meses — a polícia encontrou, também, uma metralhadora «INA», com a inscrição «Polícia Civil do Distrito Federal», que pertenceria ao ex-deputado Carlos Marighella e feria município, além de uma sacola semelhante às usadas pelos bancos para o transporte de dinheiro e numerosos papéis com endereços e anotações.

As investigações

A partir da delegação João Marichetti de Vassouras e seu colega Celso Telles do Serviço Secreto do DOPS começaram um trabalho entregado. Entre os papéis, havia um com o endereço de «Tia Zaira» e seu telefone em São

Paulo. Feita uma ligação, esta mulher confirmou que os dois estudantes eram seus conhecidos e avisou os parentes.

No dia seguinte ao acidente — quando o «Volks 24-98-84» chocou-se com um caminhão, causando a morte do casal — o pai do estudante João Antonio, que mora na avenida 9 de Julho, 2.054, apto. 32, em São Paulo, chegou a Vassouras e informou à polícia que os dois estavam em lua de mel, e que sua noiva não tinha parentes aqui.

Contrariando suas palavras, no mesmo dia apareceu na Delegacia um rapaz que se dizia primo de Catarina, morador a rua Amália de Noronha, 169, no Sumaré. Marcio Edgar Paulleio Elias, este o nome do rapaz, que também é estudante de Filosofia, pediu ajuda no sentido de resgatar o corpo da prima para sepultá-lo em São Paulo, no Araçá, o que foi feito.

Alguns detalhes

O casal de estudantes chegou a Vassouras no dia 4 deste mês e hospedou-se no Hotel Canadá. Durante os quatro dias que ali permaneceram, nunca eram vistos no carro em que se acidentaram; usavam sempre taxis. Na ficha do hotel consta que o casal encerrou e pagou sua conta de NCR

144.20, no dia 8. As 13 horas, quando deixou o estabelecimento. O acidente registrou-se no dia 10 e, nesse espaço de tempo, ninguém viu os dois estudantes.

A metralhadora

Quando procediam à pericia no local do acidente, os policiais encontraram a sacola de lona vazia (usada para transportar dinheiro de Bancos), uma frascadeira e uma mala fechada. Aberta esta, no interior foi encontrada a metralhadora «INA», uma pistola calibre 7,65, três carregadores (pentos) para metralhadora pontão 45 e várias abotapões. A partir daí a Polícia trabalhou em sigilo.

O assalto

Ontem, a Polícia carioca informava três coisas:

1 — João Antonio dos Santos Abi-Essab e sua esposa Catarina Helena Xavier Ferreira participaram do assalto ao carro-pagador do IPEG, na Guanabara, quando foram furtados NCRs 123 mil novos;

2 — A metralhadora encontrada no carro pertencia ao x-deputado Carlos Marighella;

3 — O casal está envolvido, também, no assassinato do oficial norte-americano Charles Rodney Chandler.

Antes do desastre, a metralha da Polícia

48

Um motorista de caminhão viu quando os estudantes João Antonio Abi Eçab e sua mulher Catarina Helena Xavier Ferreira foram mortos a tiros pelos ocupantes de uma perua branca e preta da Polícia. Segundo o motorista, os estudantes estavam fugindo num Volkswagen verde-claro e às duas horas da madrugada do dia 9 irromperam nas ruas desertas da cidade de Vassouras, no Estado do Rio. Atrás deles, disparando continuamente, os ocupantes de uma perua da polícia. Diz o motorista do caminhão que viu João Antonio ser atingido pelos tiros, perder a direção do veículo e chocar-se contra a traseira de um caminhão. Ele afirma, ainda, que logo depois do acidente os ocupantes da perua branca e preta da polícia obrigaram o motorista do caminhão a fugir do local.

Todas estas informações foram prestadas ontem à noite à Polícia do Estado do Rio, que está mantendo em sigilo o nome do motorista, testemunha da morte dos estudantes. Esta informação contraria frontalmente a versão dada anteriormente pela polícia da Guanabara e de São Paulo.

POLÍCIA CONFIRMA VERSÃO DO ASSALTO

A polícia da Guanabara, baseada nas informações do delegado de Vassouras, conta à imprensa a seguinte história sobre o acidente no qual pereceram os estudantes João Antonio e sua esposa Catarina:

— As duas horas da manhã, madrugada do dia 9, um Volkswagen verde-claro chocou-se contra a traseira de um caminhão estacionado com as luzes apagadas. Os dois ocupantes do Volks morreram no local. O motorista do caminhão fugiu. No porta-malas do Volks estavam uma sacola para transportar dinheiro e dentro dela, uma metralhadora INA, uma pistola Bereta e muita munição calibre 45 (privativo das Forças Armadas).

E as informações se complementavam com as notícias da liberação dos corpos:

— Quem esteve em Vassouras para liberar os corpos, foi o primo de Catarina, Marcelo Edgard Poellelo. Ele levou tudo. A sacola de Catarina, o relógio, as alianças, as roupas de sua prima. Conseguimos saber quem eram os dois, através de uma licença para porte de arma, expedida pelo DOPS, em 1965, para João Antonio. Ele não tinha mais nenhum documento em seu poder.

Depois veio a complementação decorrente das investigações feitas na Guanabara. Segundo a polícia, João Antonio estava ligado ao roubo do IPEG:

— Desde o dia 4, João Antonio e Catarina estiveram hospedados no Hotel Canadá, na avenida N. S. de Copacabana, um quarteirão apenas de distância do Banco Ultramarino,

onde ocorreu o assalto anterior ao do IPEG. No dia 8, às 7 horas da manhã, eles saíram do hotel dizendo que iam partir. Pagaram 144,20 cruzeiros novos e deram por encerrada a conta n.º 6273. Às 11 horas, o carro-pagador do IPEG era assaltado no subúrbio de Bento Ribeiro.

Em segunda, a polícia dá maiores detalhes que complementam a história:

— Depois do assalto, João Antonio e Catarina, no Volkswagen, foram até a casa da mãe do estudante Paulo Cesar Monteiro Bezerra, na pedra de Guaratiba, onde eram aguardados pelo líder comunista Carlos Marighela. Ali repartiram o dinheiro e os dois estudantes de São Paulo seguiram pela Via Dutra. Em Vassouras, às duas horas da manhã, tentando escapar do cerco policial na via Dutra, os estudantes morreram no acidente.

NEGATIVA A BUSCA NO APARTAMENTO 11

O delegado Paulo Bonchristiano e os agentes Dino Baccelli, Bruno e Russinho entraram no apartamento 11, do n.º 889, na rua Major Diogo, para aprender panfletos iguais aos encontrados ao lado do cadáver do capitão norte-americano Chandler. Procuraram detidamente mas somente acharam livros que consideraram subversivos. No apartamento, moravam João Antonio Santos Eçab e sua mulher Catarina Helena Xavier Ferreira, mortos num desastre de automóvel na cidade de Vassouras no Estado do Rio. Junto com os policiais estava Marcelo Edgard Poellelo, primo de Catarina e o pai de Marcelo, José Elias.

A história da diligência policial começou em Vassouras, há alguns dias atrás, quando Russinho, um agente subordinado à chefia do DEIC, por ordens do delegado geral René Mota, foi investigar o assalto contra o IPEG, na Guanabara. Junto ao gabinete do general França, secretário de Segurança da Guanabara, Russinho ficou sabendo de uma estranha acidente ocorrido em Vassouras, à margem da via Dutra, 15 horas depois do assalto. Um Volkswagen verde-claro, chapa 34-98-84, de São Paulo, chocou-se contra a traseira de um caminhão. Os estudantes João Antonio Abi Eçab e Catarina Helena Xavier Ferreira, da Faculdade de Filosofia de São Paulo, morreram no acidente. Em seguida, levantando a ficha de João Antonio, Russinho obteve no DOPS paulista, a informação de que ele já fora processado por subversão. Era acusado de pertencer a uma célula comunista do Tatuapé, que teria explodido uma bomba contra a empresa norte-americana Good-Year.

A estas informações, o delegado de Vassouras Jorge Barchetti acrescentou uma decisão, e que somente liberou alguns dias depois do acidente:

— No carro dos estudantes havia uma metralhadora marca INA, calibre 45, n.º M-935, com a inscrição Policial Civil do Distrito Federal (Brasília). A arma estava dentro de uma sacola própria para transportar dinheiro, junto com uma pistola Bereta calibre 7,65, três pentes de munição calibre 45, com 30 balas cada um.

Russinho, então, foi a Vassouras. A metralhadora já não estava mais lá, nem a munição e nem a sacola. O delegado, também, desmentia aos repórteres que houvesse dado qualquer informação sobre o encontro de armas no carro dos estudantes. Mesmo assim, Russinho ficou sabendo quem viera reclamar os corpos e os objetos de João Antonio e Catarina. Apurou que existia uma misteriosa "Tha Zaira no caso e levantou endereço e nome dos pais dos dois estudantes.

Quando Marcelo Edgard Poellelo viu seu nome nos jornais, apressou-se em procurar a Polícia. Do DEIC, em companhia de Russinho, Dino e Bruno, ele e mais seu pai foram ao DOPS, provocando a diligência que terminou no apartamento onde morava João Antonio e Catarina.

NO DOPS, PAI DE ANTONIO NEGA

O pai de João Antonio Eçab foi ao DOPS ontem à tarde para esclarecer a morte de seu filho, num desastre em Vassouras. Foi recebido pelo delegado Vanderico de Arruda Moraes, da Delegacia de Ordem Social e com ele conversou durante duas horas. A imprensa não teve possibilidade de entrevistá-lo. Em sua casa, seguindo instruções que recebeu na polícia, seus familiares diziam que ele viajara. E na fábrica de sua propriedade se afirmava a mesma coisa.

Entretanto, junto às autoridades do DOPS, conseguiu-se apurar que João Abi Eçab, o pai de João Antonio, estranhara o noticiário publicado nos jornais, a respeito da morte de seu filho e da esposa. E teria dito ao delegado Vanderico de Arruda Moraes:

— Roubaram roupas e valores de dentro do carro de meu filho. Quem roubou, poderia, muito bem, ter colocado lá a metralhadora e as sacolas de dinheiro.

E disse mais, negando qualquer participação de seu filho no assalto ao IPEG:

— Estou disposto a ajudar a polícia em tudo que me for possível. Tudo o que eu souber e que possa ajudar a esclarecer o caso, estou à disposição. Quero ver meu filho longe disso.

FOLHA DA TARDE

São Paulo, segunda-feira, 18 de novembro de 1968 - N.º 4.448 - Diretor: Octavio Frias de Oliveira - Adm. e edit.: el. Barão de Limeira, 425 - Tel. 220-0011 - CIRCULA DE 2.ª A 6.ª-FEIRA AO MEIO-DIA - NC\$ 0,25

MORTE DE CHANDLER, MARIGHELLA SUSPEITO

Caçado em todo o país — vivo ou morto — Carlos Marighella, ex-deputado comunista e líder de uma dissidência do PCB, é agora para a Polícia o provável assassino do capitão do Exército norte-americano Charles Chandler. Essa hipótese surgiu depois do acidente

na via Dutra em que morreu um casal de estudantes suspeitos de serem ligados a Marighella e que faziam uma "lua de mel" transportando uma metralhadora. O próprio presidente Costa e Silva pede sua prisão imediata.

Leia na página 3.

18-11-68

Estudantes paulistas no assalto do IPEC

METRALHA NO CARRO DOS MORTOS

Dois estudantes paulistas foram vítimas de trágico acidente quando retornavam do Rio. O desastre

ocorreu na via Dutra, altura de Vasouras, um dia após o assalto ao carro-pagador do Instituto de Pre-

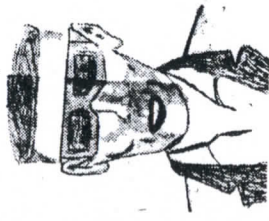
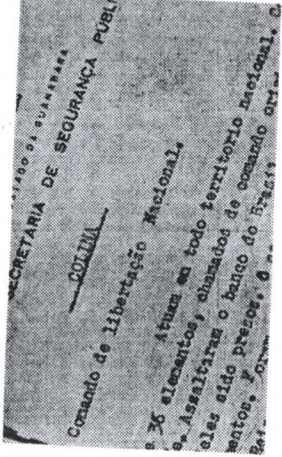
vidência do Estado da Guanabara. Entre seus pertences, foi encontrada uma metralhadora com a inscri-

ção "Policia do Distrito Federal". As autoridades dizem que participaram do assalto. (Última página)

Dois estudantes da Faculdade de Filosofia da USP, João Antonio Santos Abi Eçab e Catarina Helena Xavier Ferreira, morreram num desastre em Vassouras. Dentro do carro, foram encontrados uma metralhadora com 3 pentes carregados, uma pistola Bereta e um saco de lona para transportar dinheiro.

ESTADÃO
18/11/68

NESE DESASTRE, PISTA DA REVOLUÇÃO DE MARIGHELA



Os dois estudantes mortos haviam estado num hotel em Copacabana, perto do Banco Ultramarino. Sairam de lá horas antes do assalto ao carro pagador do IPEG. A polícia acha que eles estavam ligados ao grupo Marighela. No carro acidentado, havia também uma pistola Bereta carregada. A polícia já tem o retrato falado de um dos assaltantes (a o meio). As novas pistas da revolução de Marighela, por Percival de Souza e sucursal do Rio. Fotos de Ywane Yamazaki.

A morte de dois estudantes da Faculdade de Filosofia da USP, um rapaz e uma moça — num acidente de carro, na cidade de Vassouras, Estado do Rio de Janeiro, fez a Polícia supor, agora, que esse casal tinha ligações diretas com Carlos Marighela e os assaltos ao Banco Ultramarino e ao carro-pagador do IPEG, na Guanabara. Tudo isso porque, dentro do carro em que os estudantes viajavam, um Volks verde-claro, chapa 34.9884 (SP), estavam:

- 1 — uma metralhadora INA 45, com três pentes carregados — 30 balas cada um. A metralhadora, numero M-953, pertence à Polícia Civil do Distrito Federal;
 - 2 — um saco de lona, vazio, próprio para carregar dinheiro;
 - 3 — uma pistola Beretta, calibre 7,65 mm.
- Além disso, a Polícia fez as seguintes observações:
- a — o casal esteve antes no Rio, hospedando-se no Hotel Canadá, avenida Nossa Senhora de Copacabana. O hotel fica perto do Banco Ultramarino;
 - b — o casal saiu desse hotel no dia 4, três meses, um pouco antes das 9 horas da manhã. À tarde, era assaltado o carro-pagador do IPEG;
 - c — quando foi preso no Rio o estudante Paulo César Bezerra, que denunciou Carlos Marighela como planejador dos assaltos, a Polícia esteve numa casa que ele costumava frequentar, bem longe do centro da cidade. Quando os policiais foram a essa casa, souberam que um casal havia saído de lá horas antes, às pressas. Para a Polícia, é bem possível que esse casal seja o mesmo que morreu no acidente em Vassouras.

Na semana passada, comentou-se o acidente de Vassouras, como sendo, simplesmente, a morte de um casal, na via Dutra, que tinha no carro uma metralhadora. O investigador Angelino Moliterno, mais conhecido por Rastinho, foi escolhido pela chefia do Departamento de Investigações Criminais para investigar o caso.

Toda a história foi sendo esclarecida aos poucos: o rapaz morto se chamava João Antonio Santos Abi Eçab, de 24 anos. A moça era sua própria mulher, com quem se havia casado há 5 meses: Catarina Helena Xavier Ferreira, 21 anos.

O acidente foi às 2 horas da manhã do dia 9, em Vassouras. O carro bateu contra um caminhão parado. A única testemunha do acidente é um homem que estava acima da carroçaria do caminhão. Ao investigador Rastinho ele disse que vinha num outro carro atrás do Volks acidentado.

Para bem dizer, acho que os moços do fusca vinham fugindo e, perto do caminhão, tiveram o carro "fechado". Isso mesmo, estavam sendo perseguidos. Nem teria explicação, mesmo, um carro bater contra um caminhão numa cidade pequena e de pouco movimento como essa, ainda mais às 2 da manhã.

O delegado de Vassouras, porém, sem dar maior importância ao acidente — a não ser considerar "muito estranho" haver uma metralhadora no carro —, entregou tudo o que havia dentro do carro, com exceção da metralhadora, para um primo do estudante morto, Márcio Edgar Paolilelo Elias. O delegado, Jorge Marchetti, entregou a Márcio, entre outras coisas, muitos papéis com nomes e endereços.

Os corpos dos estudantes mortos ficaram irreconhecíveis em consequência do acidente. A identificação deles foi feita pelo investigador Russinho, que descobriu um registro de porte de arma, de 1965, em nome do rapaz. Por intermédio desse registro, ele descobriu o número de sua carteira de identidade (R.G. 3.074.633). O Registro Geral

"O acidente pode ter sido uma execução" — Informará o relatório.

Observação final: o casal saiu do Rio às 9 da manhã, no máximo, do dia 8. Chegou a Vassouras às 2 da manhã do dia seguinte, portanto com um intervalo de 17 horas. Onde teriam passado todas essas horas?

Hoje, serão detidas em São Paulo, para ser interrogadas, algumas pessoas que conhecem bem João Antonio Santos Abi Eçab, o estudante morto. Uma dessas pessoas, que ainda não se sabe onde mora e nem quem é exatamente, é conhecida apenas por "Ja Zaira".

Durante esta semana, no Rio, deverá ser decretada a prisão preventiva dos sargentos cassados José Mendes Mo- ritz e João Alves Lucas e do engenheiro-agrônomo José Roberto Monteiro, presos quando foi descoberta, no numero 24 da rua Ubi, em Olaria, uma célula comunista.

Na opinião do delegado Sena, diretor do Setor de Ordem Política e Social da Guanabara, não há mais dúvida: os três faziam parte de um esquema contra-revolucionário, chefiado nos Estados da Guanabara, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo por Carlos Marighela.

Sabe-se que o secretário da Segurança da Guanabara, general França, tem em mãos documentos considerados "importantíssimos", revelando muita coisa dos planos da contra-revolução. Nesses documentos, estão relacionados 49 nomes, todos integrantes dos grupos dos 7, instalados na Guanabara e Estado do Rio.

Nessa relação, aparecem os nomes de diversos militares cassados pela revolução de 64. Segundo os Serviços Secre- tos das Forças Armadas, esses militares são especiais- mentes em guerrilhas.

Além dos sargentos e do engenheiro agrônomo, a Po- lícia Federal prescreveu mais seis pessoas no Estado do Rio, acusadas de participar do plano contra-revolucionário. Seus nomes estão sendo mantidos em segredo, enquanto novas investigações continuam sendo feitas em São Paulo, na Guanabara e no Estado do Rio e no Espírito Santo.

O SOPS da Polícia Federal, delegacia regional da Guanabara, acredita que nos próximos planos de assaltos es- tavam, além do banco Ultramarino e a agência do IPEG (Instituto de Previdência do Estado da Guanabara), os ban- cos Bradesco, Português do Brasil e Caixa Econômica Fe- deral.

Falasse muito, dentro da Polícia, que Marighela tinha a missão de conseguir 1 milhão de cruzeiros novos, só des- coberto pela prisão do estudante Paulo César Bezerra. A Polícia Civil requisitou a ajuda dos serviços secretos do Exército, Marinha e Aeronáutica, e tudo indica que muitas prisões continuarão sendo feitas. As autoridades consideram que o plano contra-revolucionário descoberto "é o mais pe- rigooso e mais perfeito já idealizado e posto em prática no Brasil".

Os seis presos pela Polícia Federal já foram interro- gados pelo SOPS. Revelaram muitos nomes, mas a Poli- cia não acredita que os nomes sejam verdadeiros, argu- mentando que cada integrante de célula comunista só co- nhece seus companheiros por nomes falsos.

A prisão de Carlos Marighela passou a ser considera- da uma questão de segurança nacional. Os serviços secre- tos o consideram pivô de todo o esquema contra-revolu- cionário e que somente com sua prisão será possível che- gar aos chefes maiores.

Na Polícia Federal, fala-se na existência de vários campos de treinamento de guerrilhas em todo o país, "on- de são ensinadas técnicas de guerra de guerrilha, urbana e no campo".

Os dois estudantes mortos haviam estado num hotel em Copacabana, perto do Banco Ultramarino. Sairam de lá horas antes do assalto ao carro pagador do IPEG. A polícia acha que eles estavam ligados ao grupo Marighela. No carro acidentado, havia também uma pistola Bereta carregada. A polícia já tem o retrato falado de um dos assaltantes (ao meio). As novas pistas da revolução de Marighela, por Percival de Souza e sucursal do Rio. Fotos de Ywane Yamazaki.

A morte de dois estudantes da Faculdade de Filosofia da USP — um rapaz e uma moça — num acidente de carro, na cidade de Vassouras, Estado do Rio de Janeiro, fez a Polícia supor, agora, que esse casal tinha ligações diretas com Carlos Marighela e os assaltos ao Banco Ultramarino e ao carro-pagador do IPEG, na Guanabara. Tudo isso porque, dentro do carro em que os estudantes viajavam, um Volks verde-claro, chapa 34-3984 (SP),

1 — uma metralhadora INA 45, com três pentes carregados — 30 balas cada um. A metralhadora, numero M-933, pertence à Polícia Civil do Distrito Federal;

2 — um saco de lona, vazio, próprio para carregar dinheiro; uma pistola Beretta, calibre 7,65 mm.

Além disso, a Polícia fez as seguintes observações: Hotel Canadá, avenida Nossa Senhora de Copacabana. O hotel fica perto do Banco Ultramarino;

b — o casal saiu desse hotel no dia 4 deste mês, um pouco antes das 9 horas da manhã. À tarde, era assaltado o carro-pagador do IPEG;

c — quando foi preso no Rio o estudante Paulo César Bezerra, que denunciou Carlos Marighela como planejador dos assaltos, a Polícia esteve numa casa que ele costumava frequentar, bem longe do centro da cidade. Quando os policiais foram a essa casa, souberam que um casal havia saído de lá horas antes, às pressas. Para a Polícia, é bem possível que esse casal seja o mesmo que morreu no acidente em Vassouras.

Na semana passada, comentou-se o acidente de Vassouras, como sendo, simplesmente, a morte de um casal na via Dutra, que tinha no carro uma metralhadora. O investigador Angelino Moliterno, mais conhecido por Ratinho, foi escolhido pela chefia do Departamento de Investigações Criminais para investigar o caso.

Toda a história foi sendo esclarecida aos poucos: o rapaz morto se chamava João Antonio Santos Abi Eçab, de 24 anos. A moça era sua própria mulher, com quem se havia casado há 5 meses: Catarina Helena Xavier Ferreira, 21 anos.

O acidente foi às 2 horas da manhã do dia 9, em Vassouras. O carro bateu contra um caminhão parado. A única testemunha do acidente é um homem que estava em cima da carroçaria do caminhão. Ao investigador Ratinho ele disse que vinha um outro carro atrás do Volks acidentado:

— Para bem dizer, acho que os moços do fusca vinham fugindo e, perto do caminhão, tiveram o carro "fechado". Isso mesmo, estavam sendo perseguidos. Nem teria explicação, mesmo um carro bater contra um caminhão numa cidade pequena e de pouco movimento como essa, ainda mais às 2 da manhã.

O delegado de Vassouras, porém, sem dar maior importância ao acidente — a não ser considerar "muito estranho" haver uma metralhadora no carro — entregou tudo o que havia dentro do carro, com exceção da metralhadora, para um primo do estudante morto, Márcio Edgar Prolilio Elias. O delegado, Jorge Marchetti, entregou a Márcio, entre outras coisas, muitos papéis com nomes e endereços.

Os corpos dos estudantes mortos ficaram irreconhecíveis em consequência do acidente. A identificação deles foi feita pelo investigador Ratinho, que descobriu um registro de porte de arma, de 1966, em nome do rapaz. Por intermédio desse registro, ele descobriu o número de sua carteira de identidade (R.G. 3.074.633). O Registro Geral da moça, no Serviço de Identificação da Secretaria da Segurança de São Paulo, é de número 3.594.242.

Outro que esteve em Vassouras para ver os mortos foi o pai do rapaz, sr. João Abi Eçab. Márcio, o primo, também é estudante de filosofia na Universidade São Paulo.

Márcio providenciou a remoção dos corpos para São Paulo, numa perua Kombi, guiada por Geraldo Dias da Silva.

Hoje, o general Luiz França, secretário da Segurança da Guanabara, vai receber um relatório do DOPS de São Paulo, informando que João Antonio Santos Abi Eçab, estudante morto em Vassouras, é fichado na polícia política paulista como "subversivo". João Antonio já foi presidente da ex-UNE e, depois, fez parte de diversas chapas concorrentes à eleição.

Nesse relatório, o general França também será informado de que o casal que morreu no acidente de carro ficou quatro dias no Hotel Canadá, gastando NR\$ 144,20, como demonstra a ficha de hóspedes, número 7273.

No relatório ao general França, será considerado "muito estranho" o fato de o estudante morto visitar sem nenhum documento, ao com a roupa do corpo, e ir a Vassouras, cidade onde, ninguém o conhece. Não é desprezada a hipótese do casal ter sido realmente perseguido,

"O acidente pode ter sido uma execução" — Informará o relatório.

Observação final: o casal saiu do Rio às 9 da manhã, no máximo, do dia 8. Chegou a Vassouras às 2 da manhã do dia seguinte, portanto com um intervalo de 17 horas. Onde teriam passado todas essas horas?

Hoje, serão detidas em São Paulo, para ser interrogadas, algumas pessoas que conhecem bem João Antonio Santos Abi Eçab, o estudante morto. Uma dessas pessoas, que ainda não se sabe onde mora e nem quem é exatamente, é conhecida apenas por "tia Zaira".

Durante esta semana, no Rio, deverá ser decretada a prisão preventiva dos sargentos cassados José Mendes Moseriz e João Alves Lucas e do engenheiro-agrônomo José Roberto Monteiro, presos quando foi descoberta, no número 24 da rua Ubi, em Olaria, uma cédula comunista.

Na opinião do delegado Sena, diretor do Setor de Ordem Política e Social da Guanabara, não há mais dúvida: os três faziam parte de um esquema contra-revolucionário, chefiado nos Estados da Guanabara, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo por Carlos Marighela.

Sabe-se que o secretário da Segurança da Guanabara, general França, tem em mãos documentos considerados "importantíssimos", revelando muita coisa dos planos da contra-revolução. Nesses documentos, estão relacionados 49 nomes, todos integrantes dos grupos dos 7, instalados na Guanabara e Estado do Rio.

Nessa relação, aparecem os nomes de diversos militares cassados pela revolução de 64. Segundo os Serviços Secreiros das Forças Armadas, essas militares são especializadas em guerrilhas.

Além dos sargentos e do engenheiro agrônomo, a Polícia Federal prende mais seis pessoas no Estado do Rio, acusadas de participar do plano contra-revolucionário. Seus nomes estão sendo mantidos em segredo, enquanto novas investigações continuam sendo feitas em São Paulo, na Guanabara, no Estado do Rio e no Espírito Santo.

O SOPS da Polícia Federal, delegacia regional da Guanabara, acredita que nos próximos planos de assaltos estavam, além do banco Ultramarino e a agência do IPEG (Instituto de Previdência do Estado da Guanabara), os bancos Bradesco, Português do Brasil e Caixa Econômica Federal.

Falasse muito, dentro da Polícia, que Marighela tinha a missão de conseguir 1 milhão de cruzeiros novos, só descoberto pela prisão do estudante Paulo César Bezerra. A Polícia Civil requisitou a ajuda dos serviços secretos do Exército, Marinha e Aeronáutica, e tudo indica que muitas prisões continuarão sendo feitas. As autoridades consideram que o plano contra-revolucionário descoberto "é o mais perigoso e mais perfeito já idealizado e posto em prática no Brasil".

Os seis presos pela Polícia Federal já foram interrogados pelo SOPS. Revelaram muitos nomes, mas a Polícia não acredita que os nomes sejam verdadeiros, argumentando que cada integrante de célula comunista só conhece seus companheiros por nomes falsos.

A prisão de Carlos Marighela passou a ser considerada uma questão de segurança nacional. Os serviços secretos o consideram pivô de todo o esquema contra-revolucionário e que somente com sua prisão será possível chegar aos chefes maiores.

Na Polícia Federal, fala-se na existência de vários campos de treinamento de guerrilhas em todo o país, "onde são ensinadas técnicas de guerra de guerrilha, urbanas e no campo".

Nesses campos, acredita a Polícia Federal, são treinados os militantes de cada grupo dos sete, uma iniciação do grupo dos 11, criado por Leonel Brizola nos tempos de João Goulart.

Não se formou, ainda, uma opinião sobre a origem do movimento contra-revolucionário. Para alguns, trata-se de uma "entidade extraterritorial", localizada em Havana (porque Marighela esteve lá em agosto do ano passado). Há quem diga: "A orientação da subversão vem da China Comunista".

Ninguém acredita que Marighela tenha conseguido fugir do país, porque "todas as saídas estão sendo estritamente vigiadas".

As investigações para a descoberta de Marighela, já provocaram um desentendimento entre o general França, secretário da Segurança, e Luiz Igrejas, chefe de gabinete. O general França recebeu carta branca do presidente Costa e Silva para suas investigações. O desentendimento surgiu em consequência das informações que são liberadas à imprensa. Um coronel do Exército passou a ser o encarregado de conversar diariamente com os jornalistas.

Luiz Igrejas, porém, desmente que tenha havido qualquer atrito entre ele e o general França: "Não é desprezível a hipótese de que o general França esteja, em algum momento, querendo fazer uma visita ao Rio de Janeiro, para conhecer pessoalmente os amigos de Marighela. Isso é bom, espalhado por quem, seguramente ignora o detalhe da nossa velha amizade".

Marighela: Polícia prende estudante

DIÁRIO POPULAR - 19 - 11 - 1968

INTERIO - Com prática

Agora surge um novo ângulo no complicado caso do estudante que faleceu em consequência de acidente automobilístico em Vassouras, em cujo carro Volks a Polícia encontrou uma metralhadora Ima, uma automática Beretta e uma sacola das que teriam sido utilizadas pelo IPEG, quando do assalto de 123 milhões de cruzeiros.

Os assentamentos do DOPS positivamente que ele fez parte da Organização de Base do Partido Comunista Brasileiro (linha chinesa) do Tatuapé, sendo por isso mesmo, indiciado em inquérito pelo DOPS. A atuação daquela célula, como se recorda, alcançou o clímax com o fracassado atentado terrorista contra a "Goodyear do Brasil", apurando-se que seus autores pertenciam àquela organização.

Paralelamente ao inquérito sobre o atentado, a Delegacia Especializada de Ordem Social instaurou outro, em torno dos integrantes da "linha chinesa" do PCB, no Tatuapé, entre eles figurando o estudante desaparecido, João Antônio dos Santos Abi Eçab.

Ora, como Carlos Marighela é justamente o chefe da linha chinesa, a polícia ficou mais convencida de que esse estudante morto participou do assalto ao IPEG, sob orientação daquele líder extremista.

O inquérito a respeito da OB do PCB foi transferido para a Delegacia Especializada de Ordem Política, em 26 de janeiro de 1967, que, por sua vez, o remeteu ao Departamento de Polícia Federal, em 30 de maio do mesmo ano.

Quanto à esposa de João Antônio, Catarina Helena Xavier Ferreira, que faleceu no mesmo acidente, nada registram os arquivos do DOPS. Também não possui antecedentes na Polícia o estudante Márcio Edgar Páolino Elias, que, intituindo-se parente de Catarina Helena, procurou retirar os corpos do casal da delegacia de Vassouras, o que já tinha sido executado pelo progenitor de João Antônio, sr. João Ali Eçab.

As autoridades policiais desconfiaram de Márcio Edgar e, já na tarde de domingo, foi ele detido em sua residência, à rua Amália de Noronha, 159, no Sumaré, prisão essa mantida em sigilo pelo DEIC.

O delegado René Mota adiantou, apenas que, possivelmente hoje, seria ele transferido para o DOPS, onde ficaria à disposição do delegado Celso Telles, chefe do SS, ora coordenando as investigações sobre as atividades do bando de Marighela, em São Paulo.

PAI
Faltava apenas surgir o dono do Volks sinistrado, chapa n.º 34-98-84 e este é de propriedade do sr. João Ali Eçab pai do estudante morto. Este, que reside à avenida 9 de Julho, 2.054, apartamento 32, compareceu, na tarde de ontem, ao DOPS, onde conversou, reservadamente, com o delegado Wanderico de Arruda Moraes.

a: Polícia prende estudante

CONTINUA — Com prática

Agora surge um novo ângulo no complicado caso do estudante que faleceu em consequência de acidente automobilístico em Vassouras, em cujo carro Volks a Polícia encontrou uma metralhadora lna, uma automática Beret e uma sacola das que se referiam sido utilizadas pelo IPEG, quando do assalto de 123 milhões de cruzados.

Os assentamentos do DOPS possibilitam que ele fez parte da Organização de Base do Partido Comunista Brasileiro (linha chinesa) do Tatuapé, sendo por isso mesmo, indiciado em inquérito do DOPS. A atuação daquela célula, como se recorda, alcançou o clímax com o fracassado atentado tentado contra a "Goodyear do Brasil", apurando-se que seus autores pertenciam àquela organização.

Paralelamente ao inquérito sobre o atentado, a Delegacia Especializada de Ordem Social instalada no outro, em torno dos integrantes do "linha chinesa" do PCB, no Tatuapé, entre eles figurando o estudante desaparecido, João Antônio dos Santos Abi Ecab.

Ora, como Carlos Marighella é justamente o chefe da linha chinesa, a polícia ficou mais convencida de que esse estudante morto participou do assalto ao IPEG, sob orientação daquele líder extremista.

O inquérito a respeito da OB do PCB foi transferido para a Delegacia Especializada de Ordem Social, em 26 de janeiro de 1967, que, por sua vez, o remeteu ao Departamento de Polícia Federal, em 30 de maio do mesmo ano.

Quando a equipe de João Antônio, Catarina Helena Xavier Ferreira, que faleceu no mesmo acidente, nada registrou de arquivos do DOPS. Também não possui antecedentes na Polícia Espionagem, o delegado Celso Teles, Edgar, Paolião Elias, que, inicialmente, se retirou de Catarina Helena, ocorreu retirar os corpos do caso da delegacia de Vassouras, o que ela tinha sido executado pelo delegado de João Antônio, sr. João Abi Ecab.

As autoridades policiais desafiaram de Márcio Edgar, delegado de polícia, que na tarde de domingo, foi ele detido em sua residência, à rua Amália de Noronha, 159, no Sumaré, por suspeita de envolvimento no caso.

O delegado René Mota adiantou, apenas que, possivelmente hoje, seria ele transferido para o DOPS, onde ficaria à disposição do delegado Celso Teles, para investigar sobre as atividades do bando de Marighella, em São Paulo.

PAI

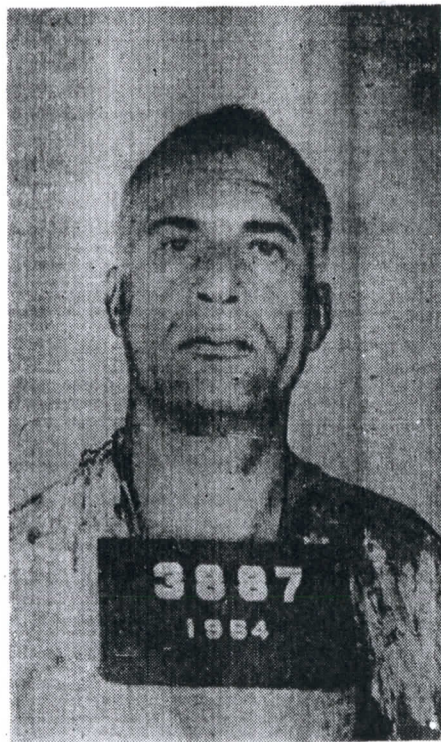
Faltava apenas surgir o dono do Volks sinistrado, chapa n.º 34-9884 e a área de propriedade do sr. João Abi Ecab, pai do estudante morto. Espionagem, que reside à avenida 9 de julho, 1054, apartamento 32, compareceu, na tarde de ontem, ao DOPS, onde o delegado Wanderico de Arruda Moraes, titular da Especializada de Ordem Social,

Dissuadeu jornalistas, depois da entrevista, não estranhado o noticiário da imprensa, pois ignorava as atividades que atribuem a seu filho". Acrescenta que suas roupas e valores também foram roubados do interior do Volks e a pessoa que perpetrou esse crime, ou outra, poderia perfeitamente ali colocar a metralhadora automática e a sacola de transações de dinheiro. Salientou que se ocupava a inteira disposição da Polícia, para as investigações.

UNIVERSITÁRIOS

As autoridades do DOPS mantêm a nota reserva a respeito, alegando mesmo que, oficialmente, não estão a praticar diligências relativas à prisão dos envolvidos e dos acontecimentos verificados em Vassouras. Por outro lado, não se sabe qual o destino do inquérito sobre a "Organização de Base do Tatuapé" e nem sobre o caso do falecido estudante. João Antônio naquelas circunstâncias. A única circunstância digna de destaque é a de que tanto João Antônio, como Catarina Helena e Márcio Edgar, pertencem à Faculdade de Filosofia.

Polícia falha e ajuda Marighella



Todos procuram Marighella

Em BH, não era subversão

E a Polícia prendeu dois assaltantes. Local: Belo Horizonte. Autores: investigadores da Delegacia de Furtos. E a Polícia diz que os presos, o açougueiro Natal Evangelista Magalhães e o operário Wolney Lucio dos Santos, até já confessaram o assalto ao gerente da Indústria de Carnes e Derivados Amaral, Manoel Pereira Coelho.

O açougueiro Natal justificou-se para o delegado Lara Resende:

— Fiquei 20 dias planejando o assalto porque queria montar ca-

sua delegacia vai tentar esclarecer todos os assaltos.

Além de prender Diabo Leiro, o delegado está querendo verificar, com bastante cuidado, se Carlos Marighella esteve na cidade no dia do assalto.

Mas ele já tem certeza de uma coisa: os assaltantes que falta prender não são de Minas. Depois de prender os dois assaltantes do comerciante, o delegado chegou à conclusão que os outros não foram presos ainda porque "têm relação com os assaltos de S. Paulo e do Rio, todos de implicações políticas". Segundo o delegado, esses assaltantes pertencem

Do Serviço Local e da Sucursal do Rio

Duas falhas da organização policial brasileira, definidas como "imperdoáveis" nos próprios círculos policiais, são apontadas como a razão básica da não-clusão de todas as implicações políticas — consideradas muito serias — de alguns dos grandes assaltos — e particularmente do roubo numa viatura do Instituto de Previdência da Guanabara e no Banco Ultramarino, ambos no Rio de Janeiro.

Nessas duas ações, elementos ao que tudo indica políticos apoiaram-se, ao todo, de aproximadamente 250 mil cruzeiros novos e, em ambas, surge, como principal chefe intelectual, o líder comunista Carlos Marighella.

A mais grave

O mais grave erro profissional é atribuído ao delegado de Polícia da cidade de Vassouras, Estado do Rio de Janeiro. Na madrugada do dia 9 do corrente, em área urbana daquela localidade, um carro Volkswagen colidiu com um caminhão parado e morreram as duas pessoas que ocupavam o automóvel, um casal. O delegado local, ao examinar a bagagem, encontrou uma metralhadora INA 45 com três pentes de 30 balas cada; carregada; a arma, de número M-953 apresentava inscrição que a definia como propriedade da polícia carioca; e ainda: uma sacola de lona própria para transporte de numerário, uma pistola "Beretta" 7,65 mm e papéis com nomes e endereços.

Horas após, aparecia na delegacia de Vassouras uma pessoa que se apresentou como Marcio Edgard Paolletto Elias. Declarou-se primo do morto e identificou as vítimas como João Antonio Santos Abi Egab, de 24 anos, e sua esposa Catarina Helena Xavier Ferreira, de 21 anos.

Na qualidade de parente, solicitou ao delegado que lhe entregasse os objetos apreendidos no automóvel. E — aqui o erro "imperdoável" — aquela autoridade policial, de fato, entregou ao solicitante os papéis, o revólver, a sacola e outros objetos, retendo unicamente a metralhadora. A estranheza em torno da atitude do delegado de Vassouras tem como fundamento não só a natureza dos objetos que estavam na bagagem dos mortos e principalmente o fato de, poucos dias antes, se terem registrado no Rio grandes assaltos de repercussão nacional.

Um investigador paulista destacado para acompanhar os acontecimentos — Angeline Moliterno, Russinho — esteve depois em Vassouras. Depois de algumas diligências, concluiu: — os mortos, João Antonio Soares Abi Egab e Catarina Helena Xavier Ferreira eram estudantes, na Faculdade de Filosofia da USP; 2 — na prisão preventiva de Carlos Marighella, pelo sr. José Erasmo do

do estudante Paulo Cesar Monteiro Bezerra, depois do assalto ao Banco Ultramarino, e ao carro do IPEG, e horas antes do acidente de Vassouras, Paulo Cesar confessou que, indiretamente e sob orientação de Marighella, participara do roubo da viatura do IPEG.

Segundo erro

O segundo erro — segundo policiais — revelador da ineficiência dos serviços está relacionado ao próprio Paulo Cesar. Ele foi preso por um sargento que identificou o carro do jovem como o mesmo que transportara pessoas que haviam participado do assalto à perua do IPEG. Conduzido a uma delegacia da Guanabara, os policiais ali lotados consideraram que se tratava de um caso político, e encaminharam o preso à DOPS. Elementos desta repartição da polícia política carioca, por sua vez, teriam alegado que estavam muito preocupados com a proteção à Rainha da Inglaterra, então na Guanabara, e somente 18 horas depois teriam começado o interrogatório de Paulo Cesar. Nesse longo intervalo, Carlos Marighella — que estava, segundo Paulo Cesar, a apenas cem metros do local em que foi preso pelo sargento — teve tempo para mandar desocupar a casa da rua Bom Pastor, onde a polícia encontrou restos de malotes, incinerados, e, por peças que resistiram ao fogo, identificados como pertencentes ao IPEG. Da mesma casa, desapareceram outros suspeitos: uma jovem conhecida como Silvia, apontada como companheira de Marighella; a mãe de Paulo Cesar, suspeita, até agora desaparecida; e um casal que, segundo várias indicações, é o mesmo morto no acidente de Vassouras horas após. Aquelas 18 horas de atraso da DOPS carioca são consideradas como uma das causas principais da não identificação total das ramificações políticas ligadas aos grandes assaltos do Rio de Janeiro e, provavelmente, São Paulo.

Preventiva decretada

A confissão de Paulo Cesar Bezerra e as provas materiais colhidas na rua Bom Pastor, Rio de Janeiro, serviram de base para a decretação, sexta-feira última, da prisão preventiva de Carlos Marighella, pelo sr. José Erasmo do

mesmas fontes, documentos com o nome de aproximadamente cinquenta pessoas, componentes dos "grupos de base" da organização de Marighella. Dentre essas pessoas, haveria elementos cassados pela Revolução e especialistas em guerrilhas.

Outros presos

Outras seis pessoas — segundo informações extra-oficiais na polícia política carioca — foram presas no Estado do Rio. Os nomes são mantidos em sigilo e, dentre a documentação apreendida com os mesmos, figurariam planos de assalto, também, a agências de diversos estabelecimentos bancários como: Brasília de Descontos, Português do Brasil e Caixa Econômica Federal.

Ligação internacional

As investigações, segundo se sabe, são conduzidas, em conjunto, pelos serviços de inteligência das Forças Armadas e polícias estaduais. Ter-se-ia concluído que se trata de uma ação subversiva de grandes proporções, capitaneada por Carlos Marighella, que fixou sua posição a favor da luta armada durante o congresso da OLAS, em Havana, no ano de 1967. Esse líder, recentemente, elaborou documento em que consigna a tática e a estratégia das guerrilhas no Brasil.

Segundo as autoridades, tanto Marighella como os seus principais assessores não puderam sair do País, durante o "rush" policial dos últimos dias, subsequen-

te à confissão de Paulo Cesar Bezerra.

O pai nega

Vanderio João Abi Egab, pai do estudante João Antonio — que morreu num acidente de automóvel, juntamente com sua esposa, em Vassouras — negou ontem ao delegado Alberico de Ardua Moraes, do DOPS, a participação do seu filho em atos terroristas. No seu depoimento, o pai do estudante disse também que seu filho não possuía armas e que a metralhadora encontrada no carro acidentado deve ter sido ali colocada. Vanderio fez também uma denúncia: as roupas do seu filho e de sua nora foram roubadas do carro após o acidente. Ele se comprometeu a ajudar nas investigações policiais.

curso
**SECRETARIA
EXECUTIVA
IBRASP**
36-0691

**CLINICA
OCTACILIO LOPES**
CIRURGIA DA SURDEZ,
TIMPANOPLASTIAS,
NARIZ, GARGANTA
e OUVIDOS
Al. Rio Claro 28 (Paga)
Hosp. Matarazzo). T-1
— Estacionamen —

A caçada começou por es

Dois estudantes morrem em um desastre por suas. No carro, é encontrada uma metralhadora podem estar ligados aos grandes metralhadora pode ser a mesma usada para pitão Charles Chandler. Há muitas evidências numa certeza. A Polícia continua investigando pediu a ajuda da Interpol, para saber quem lenos — seus nomes estavam escritos em um guardado na carteira do estudante morto. tros estudantes mortos nesta história: os que trados na serra da Mantiqueira, entre os des avião do Aero-club de São Paulo. Mas avar

Polícia não acha pista de Marighella

O que há de novo na caça ao ex-deputado federal Carlos Marighella, acusado de ser o autor dos últimos grandes assaltos e de comandar a contra-revolução? Nada. Tudo está como no início: a Polícia carioca mostrando certeza absoluta de que ele realmente é culpado. Mas até agora, só há uma coisa certa: a Polícia continua colhendo pistas.

A Secretaria da Segurança do Rio está examinando os depoimentos que foram colhidos pela Polícia Federal. Esses depoimentos são de dois ex-sargentos casados e um engenheiro do IBRA, presos por atividades subversivas e que teriam relação direta com Carlos Marighella. As novidades sobre os depoimentos: nenhuma. Eles estão sendo mantidos em "absoluto sigilo". É só que existe sobre a caça a Carlos Marighella. A Polícia carioca não tem mais nada a informar.

Presas, só as armas

Uma pistola 7,65 e uma metralhadora INA — que a Polícia fluminense diz ter encontrado no carro acidentado em Vassouras, quando morreram os estudantes Antonio Abil Ecab e Catarina Helena Ferreira — já estão na Delegacia de Polícia Política e Social. Informações da Polícia fluminense: o estudante morto já foi processado em S. Paulo, sob acusação de subversão, tendo ainda o casal se hospedado num luxuoso hotel da Guanabara.

Afinal, a entrevista

No seu gabinete, o secretário da Segurança Pública do Estado do Rio, coronel Homem de Carvalho, vai falar hoje para a imprensa. Ele vai dizer a que existe de verdade sobre os estudantes mortos acusados de subversão, que estavam envolvidos nos grandes assaltos.

O diretor da Polícia Política e Social, capitão Rafael Sorieiro, já falou ontem. O mais importante da sua entrevista:

— O acidente ocorrido em Vassouras veio trazer a público uma série de diligências que a Polícia vinha mantendo em sigilo, com o fito de desmascarar um grande plano de subversão, sob a orientação e o planejamento de políticos cassados pela Revolução.

Os livros subversivos

Livros de Marx e Engels e apostilas da Faculdade de Filosofia da USP foi o material subversivo que a Polícia paulista encontrou no apartamento em que residia o casal de estudantes acidentado em Vassouras. A Polícia paulista também descobriu que João Antonio dos Santos Abil Ecab era oficial da reserva do Exército, formado pelo CPOR, e que foi processado no DOPS sob a acusação de pertencer a

uma célula do Partido Comunista no Tatuapé.

Providência que a Polícia paulista vai tomar: pedir a arma que os seus colegas do Estado do Rio encontraram no carro do estudante. A Polícia paulista pretende, com uma prova de balística, verificar se essa metralhadora foi a arma usada no assassinio do capitão norte-americano Charles Chandler.

Ela só dá informações

Até agora, a Polícia Federal ainda não está se empenhando na caça a Carlos Marighella, porque "o assunto está na competência das Secretarias de Segurança estaduais". Para a Polícia Federal, "não há nenhuma prova da culpabilidade de Carlos Marighella nos assaltos a bancos e atos terroristas que possa ser julgada concreta". A Polícia Federal está se limitando a "encaminhar às autoridades estaduais

todas as informações que venha a dispor sobre o assunto".

A atuação da Polícia Federal está sendo desenvolvida indiretamente: limita-se a "observar as investigações das Secretarias estaduais para a hipótese de vir a ter de intervir diretamente e a encaminhar todas as informações que tenha sobre o assunto".

De acordo com a Constituição, a Polícia Federal somente passará a atuar diretamente no caso Marighella se houver solicitação das autoridades estaduais ou, ainda, se ficar comprovada a sua participação nos roubos aos bancos dentro de um esquema de subversão. Por enquanto, o assunto é das polícias estaduais, no entendimento do general Bretas Cupertino, diretor-geral do Departamento de Polícia Federal.

Defeito não importa

O defeito existente na metralhadora "com que foi praticado o assassinato do capitão Chandler, em S. Paulo", é considerado em setores federais como de "apenas relativa importância". O fato de duas das quinze balas disparadas terem sido encontradas deflagradas não é muito raro em metralhadoras INA.

Desmentido

O delegado da Polícia Federal no Espírito Santo disse que não tem conhecimento de qualquer rede de terroristas e muito menos de qualquer fábrica de explosivos localizada no Estado, como publicou um matutino de domingo último. O jornal carioca divulgou que "havia sido descoberta uma fábrica de explosivos para alimentar o terrorismo em todo o Brasil". O delegado garantiu que só tomou conhecimento do fato ao ler o jornal.



A HISTÓRIA DE UM CASAL QUE QUERIA FAZER UMA REVOLUÇÃO

"Ele era da Ação Popular e se radicalizou politicamente a ponto de considerar o meio estudantil apenas um bom lugar para recrutamento de pessoal para a atividade de esquerda", dizem os estudantes que conheceram João Antonio.

Ela era uma moça muito alegre na faculdade, mas reservada com a família. Ele vivia calado e sério, mas falava muito nos discursos empolgados que fazia nas assembleias estudantis. E foi numa das assembleias que os dois se conheceram. Logo veio o namoro e eles começaram a se afastar dos colegas. Depois do casamento, afastaram-se de uma vez.

Na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, João Antonio Abi Eçab, e Catarina Helena Xavier Ferreira, Vasouras, no Rio, ficaram conhecidos como o casal que se radicalizou politicamente e sumiu.

Mas ninguém — estudantes, polícia, familiares — acreditava que Catarina atuasse na política estudantil de esquerda. Todos acham que ela apenas acompanhava o marido. E na faculdade false-se que Catarina não se envolvia muito na política antes de conhecer João.

João conversava pouco, quase sempre sobre política e o fazia com gestos nervosos. Depois do casamento, ele e Catarina frequentavam pouco as aulas, mas sempre apareciam na faculdade quando havia assembleias, eleições ou problemas de política para serem discutidos.

— Ele era da AP (Ação Popular) e se radicalizou politicamente a ponto de considerar o meio estudantil apenas como um bom lugar para recrutamento de pessoal para a atividade de esquerda.

É o que dizem os estudantes que conheciam João Antonio.

João era matriculado nos cursos de Lógica, Teoria da Literatura e Grego. Tinha o curso do CPOR e um processo no DOPS, no ano passado, por pertencer a um órgão de base do Partido Comunista, no Tatuapé.

Era um dos sócios do cursinho de vestibular Pré-USP, que funcionava num prédio da esquina das ruas Conselheiro Carrão e Major Diogo. A sociedade desfez-se e o curso fechou. Em seu apartamento, na rua Major Diogo, a polícia encontrou arquivos de contabilidade do curso.

— Estavam bem organizados, como tudo naquele apartamento — diz um delegado.

O estudante morto tinha bons conhecimentos de filosofia comunista e muitos livros sobre o assunto nas estantes de seu apartamento. Mas a obra que a polícia encontrou em seu apartamento e considera o livro de cabeceira de João é "O Eia Vital", de Henry Bergson, filósofo francês que no fim da vida se aproximou do cristianismo.

O pai de João Antonio, João Abi Eçab, sabia que o filho era esquerdista, mas garante que ele não era violento. Mas a família de Catarina não sabia de suas idéias políticas. E também não sabia quase nada sobre João. Maitor dos parentes mais próximos da estudante só ficaram conhecendo João no dia do casamento. Márcio Edgard Paolielo Elias, o primo de Catarina que o DOPS interrogou, é um dos que só conheceram João nesse dia.

João Abi Eçab, pai do estudante, não conhecia bem seu filho como ativista político mas o conhecia como pessoa. Foi o que disse no DOPS quando garantiu que João não se ligaria a violências e extremismos.

Catarina Helena estava no segundo ano do curso de Psicologia. Seus familiares falam pouco sobre ela e os que falam dão informações como esta:

— Ela era muito calada em casa mas se dava perfeitamente bem com a família.

No apartamento em que João e Catarina moravam havia muitas cartas da mãe da estudante: "Não se esqueça que sou sua mãe. Seja menos rebelde, escreva-me".

Em outra carta, escrita em inglês, Catarina diz a uma amiga que estava lecionando inglês num colégio. A estudante concluiu o curso ginásial no "Colégio Anhanguera", onde sua mãe era instrutora de educação física até há pouco tempo, quando ficou viúva. No colégio, Catarina era considerada aluna aplicada.

O que a família de Catarina sabe sobre sua viagem com o marido para o Rio, onde os dois morreram:

— Na época em que se casaram eles tinham muitos problemas e não puderam fazer a viagem de núpcias. Por isso, só a fizeram doze dias antes do acidente.

Informação de um tio da estudante:

— A Catarina e o João escolheram o Rio porque queriam visitar lugares de interesse histórico.

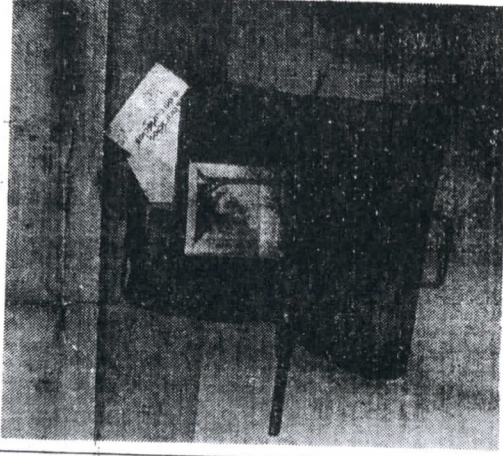
Numa mala que estava no carro em que os estudantes morreram, a polícia encontrou uma metralhadora. Por isso o DPIC e o DOPS fizeram muitas perguntas a Reginaldo, primo de Catarina, a um de seus tios e ao pai de João.

Mas eles não souberam informar nada sobre a metralhadora. E sobre a viagem só disseram isto: — "Estavam em lua-de-mel."

As respostas às perguntas da polícia podem estar com Carlos Alberto Gonçalves Leite, estudante de Filosofia que foi processado pelo DOPS junto com João Antonio, em



Na carro em que morreu o casal, foi encontrada uma metralhadora lna calibre 45 e uma pistola automática. A polícia acha que a metralhadora é a que foi usada para matar o capitão americano Charles Chandler.



Assim foram encontradas as armas



Metralhadora achada com o casal morto em Vassouras examinada por policiais dos EUA

RIO (Sucursal) — Agentes da CIA, dos Estados Unidos, iniciaram investigações, em Niterói, com a finalidade de desbravar a ligação entre o casal de estudantes morto em Vassouras e a morte, por metralhamento, do capitão norte-americano Chanderler, ocorrida em São Paulo.

políticas de esquerda do Chile, situados na localidades de Patitima, Las Condes, Arica e Lorenzo de Médicis.

TRAMA

Enquanto isso, as autoridades do DOPS do Estado do Rio admitiram que o casal de estudantes de São Paulo continuava desaparecido e está sendo caçado em todo o país.

A HARMONIA PROCLAMADA

Os delegados do DOPS paulista negavam, ontem, que existisse qualquer divergência entre os policiais paulistas e cartistas, no que se refere às investigações sobre o metralhamento e assassinato de sr. Heil Meireles um relato sobre as atividades do grupo denominado «COLINA» (Comando de Libertação Nacional) e os participantes desse grupo em São Paulo.

O relatório do secretário da Segurança da Guanabara diz que o «COLINA» é composto de 36 elementos, sete deles responsáveis pelo assassinato ao Banco do Brasil, em Belo Horizonte. A Polícia mineira, depois desse assassinato, prendeu o metajurístico João Anunciato dos Reis, o estudante de Medicina Carlos Vira Pinon e acusou-os de pertencer ao COLINA e ter praticado o assassinato com a ajuda da Polícia Militar.

Informa o general Luis França que em São Paulo pertencem ao COLINA um capitão da Força Pública não identificado, um sargento chamado Romualdo e outro chamado Torres, além de 12 soldados e cinco civis, e que, no Rio, membros do movimento.

Informou-se no DOPS de São Paulo que a Polícia carioca está procurando um engenheiro chamado Marcos, que nos últimos dias, poucos dias antes do acidente.

«Até o momento a Polícia do Rio não atendeu ao pedido do delegado Vandercio Arturda Moraes para que fosse enviada a São Paulo a metralhadora que teria sido encontrada na

Na tarde de ontem, os agentes secretos dos EUA estiveram na praia de Jurububa, disparando a metralhadora apreendida pela Polícia fluminense, a fim de comprovar se o efeito no ejetor de cápsulas correspondia ao mesmo assinalado na arma que matou o capitão norte-americano. Hoje, serão conhecidos os resultados das investigações levadas a cabo pela CIA. Para a Polícia do Estado do Rio, segundo as declarações do coronel Homem de Carvalho, secretário de Segurança Pública, a arma é a mesma.

A Polícia do Estado do Rio confirmou ter encontrado no carro dos estudantes João Antonio e Catarina Helena, uma cédula de dinheiro chinês, com vários anotões, inclusive endereços particulares e de organizações suspeitas.

O coronel Homem de Carvalho confirmou que, de acordo com os resultados dos exames e diligências levadas a cabo pela Polícia do Estado do Rio, o casal de estudantes dirigi-se para Juiz de Fora e não para São Paulo, como a princípio se admitia.

Diz-se ainda o coronel que «há evidências muito claras das atividades terroristas de João Antonio, que já havia sido preso em 67, por ações subversivas em São Paulo.

Sobre as inscrições encontradas na cédula chinesa, recolhida no interior do carro que vitimou o casal de estudantes, o coronel Homem de Carvalho anunciou que nada podia afirmar, mas admitiu que dois dos nomes são de agentes chilenos que atuam no país e que já estariam sendo caçados pelas Polícias dos Estados da Guanabara, Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro.

Confirmou que na cédula há referências a organizações

DOPS busca estudantes

O advogado disse que está estudando o documento com autenticidade e atencão, a fim de pronunciar-se sobre a sua

Marighella, ocorrida há seis meses.

passado por um cartório de Carangol, no interior fluminense, do qual consta o assentamento da morte de Carlos

um homem, que disse chamar-se Augusto Carvalho de Men-

Nascimento filho confirmou ter recebido, ontem, a visita de

Capital e em algumas cidades do Interior do Estado, a procura

dos estudantes Carlos Alberto Gonçalves Leite e José Mar-

Polícia cre serem integrantes do «Bando do ex-deputado

esta procurado um engenheiro chamado Marcos, que nos

Cartaria, poucos dias antes do acidente.

«Até o momento a Polícia do Rio não atendeu ao pedido

do delegado Vandercio Arturda Moraes para que fosse enviada

a São Paulo a metralhadora que teria sido encontrada na

POLINTER

O secretário Homem de Carvalho confirmou ter sol-

citado a colaboração da POLINTER para descobrir as li-

ções de três agentes secretos chilenos com os estudantes

vitimados no acidente de Vassouras. Os nomes de dois

desses agentes secretos foram dados à imprensa. São eles:

Raimon Vergara Bolívar e Diogo Honozambal, de Arica.

diz-se ontem à reportagem da Segurança Pública do Estado do Rio

a um plano nacional de agitação e assessorou que levava

as investigações até a descoberta de toda a trama.

Delegado do DOPS foi a Niterói

RIO (SUCURSAL) — O delegado Paulo Boncristiani,

do DOPS de São Paulo, chegou ontem ao Rio, dirigindo-se

valho, secretário de Segurança fluminense. Depois da

reunião, examinou a metralhadora apreendida dentro do

carro acidentado em Vassouras para ver se a arma foi

empregada no atentado, em que morreu o capitão Rodney

Chanderler.

Os primeiros exames da metralhadora levaram as au-

toridades fluminenses a declarar que tudo indicava tratar-

se da mesma arma.

Ontem, embarcou para São Paulo o agente Herval Aze-

redo, da DOPS do Estado do Rio, com a missão de inves-

tigar as ligações existentes entre os estudantes mortos em

Vassouras e três outros universitários presos, em janeiro

deste ano, acusados de atividades terroristas na capital

Paulista.

Paulista.

Paulista.

Paulista.

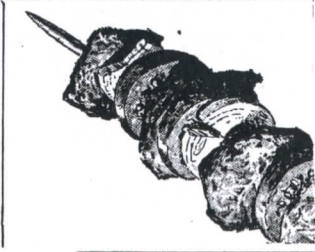
Paulista.

automóvel: seus nomes e endereços estavam escritos numa nota paulista em Vassouras, num acidente de de um peso chileno, encontrada numa pasta do rapaz. A Interpol foi chamada para investigar e tentar descobrir quem são esses homens e suas ligações com o casal.

ESTADÃO
21/8/68

AGORA, AS PISTAS VÃO DE VASSOURAS AO CHILE

A metralhadora encontrada em Vassouras pode ser a mesma usada para matar Charles Chandler. O DOPS paulista quer fazer testes de balística para tentar descobrir os assassinos do capitão americano.



Agora, a Interpol vai ajudar a polícia política do Estado do Rio nas investigações sobre as atividades do casal de paulistas mortos no desastre de automóvel em Vassouras. A Polícia quer saber quem são e o que fazem três chilenos, cujos nomes e endereços estavam anotados numa nota de um peso chileno, encontrada na pasta de João Antonio Ebi Egab, o estudante.

Enquanto isso, o diretor do DOPS anunciou que realmente existe um plano terrorista e atividades extensivas no País: no dia 18, segunda-feira, os fiscais da barragem de Engenheiro Passos apreenderam três caixas de papelão onduladas, usadas para transporte de aparelhos de televisão, chaves de documentos e livros sobre comunismo, escritos em russo. As caixas continham ainda publicações sobre a política na Venezuela, sindicalismo e recortes sublinhados de artigos escritos em vários jornais do Rio.

Para a Interpol, não deve ser muito difícil descobrir quem são os homens chilenos, que moram em Estima, Leocombe, Arica e Lorenzo de Médica, no Chile. A Polícia mantém seus nomes em segredo, para não prejudicar as investigações. "As armas resguardar as pessoas, caso não tenham nada a ver com o plano subversivo". Antes de pedir essa ajuda à Polícia Internacional, agentes fluminenses estiveram em diligências na Guanabara, perto do Hotel Canadá, em Copacabana, tentando localizar no Rio os três chilenos. Não conseguiram nada.

As caixas pressas pelo DOPS pesam mais ou menos 15 quilos cada uma. Elas foram despachadas para três endereços fictícios, em São Paulo e Bauru, através da Empresa de Transportes Carioca, do bairro da Penha, em Leopoldina, Rio. A sede dessa companhia fica a um quilômetro do lugar onde foi descoberta uma célula comunista na semana passada, na rua Ubi, 54. Cada caixa foi despachada com um nome diferente, mas o endereço de cada uma das três pessoas indicadas como remetentes é o mesmo da agência de transportes.

Enquanto isso, a Polícia do Estado do Rio investiga novos detalhes da morte dos estudantes paulistas mortos no acidente. E conseguiu estabelecer o roteiro, a quilometragem e o gasto da gasolina do Volks azul. O relatório policial informa: 1) O veículo esteve hospedado no Hotel Canadá, avenida Rio Branco, 687, apartamento 908, do dia 4 ao dia 8 passado; 2) deixou o

apartamento às cinco horas da manhã do dia 8, iniciando uma viagem; 3) desde a hora em que saiu de Copacabana até a hora do desastre, em assaduras — 1980 do mesmo dia 8 — casou rodou 484 quilômetros, chegando até Vassouras, onde aconteceu o caso de morte de uma criança. O peso chileno, um abacaxi e dois livros de uma loja de Porto-Branco, Maná, Sebastião Macario, empregado da Visão Progresso, informam que viu o Volks azul trafegando em alta velocidade, e que chamou sua atenção, porque saiu da estrada umas três vezes, depois de ultrapassá-lo na altura da cidade de Simão Pereira.

O capitão Serietra, diretor do DOPS do Estado do Rio, conta que a apreensão do material subversivo nas caixas de papelão foi por acaso:

— Vejam vocês que a apreensão aconteceu apenas no retorno da carga. Quando o material seguiu para São Paulo, ninguém viu nada, o carro passou na brecha sem qualquer dificuldade. Mas na volta, um fiscal mais zeloso resolveu conferir o manifesto da carga com o material despachado. Abriu um dos pacotes, e em vez dos móveis — mercadorias indicadas no manifesto — encontrou livros, alguns procedentes da URSS, todos falando sobre política.

Logo depois dessa apreensão, uma nova turma de policiais do DOPS fluminense foi movimentada para as investigações. Num dos livros está escrito um nome — Mário Alves — e outro, considerado subversivo, é de autoria de um Mário Alves. O catálogo telefônico diz que há 14 Mários Alves no Rio, sem contar os que não possuem telefone. Até agora, as diligências não deram resultado.

A Polícia está relacionando todo o material encontrado nas três caixas de papelão: entre os livros, há vários sobre política e comunismo, escritos em russo e alguns números do jornal "Movimento", editado pela extinta UNE, além de um Boletim do Partido Comunista Internacional, datado de 1957.

O manifesto de carga diz que o despacho da mercadoria foi feito dois dias depois que a célula comunista de Olaria foi descoberta. Para o capitão Serietra, "o material estava incompleto, alguém e era preciso ser despachado para qualquer lugar".

Ninguém diz nada, os investigadores só conversam de hipóteses: elas podem levar ao esclarecimento da morte do capitão Chandler. Só há uma certeza entre estes policiais: o capitão foi morto por grupo de extrema esquerda, que pode incluir Marighela.

Conseguir estabelecer relações — através de testes de balística e de um provável defeito no estrator — entre a metralhadora INA encontrada no carro dos dois estudantes em Vassouras e a que matou o capitão norte-americano Charles Rodney Chandler, é a principal preocupação do DOPS paulista, além da localização e prisão de Carlos Marighela.

A viagem do delegado José Paulo Bonchrisiano a Vassouras, apesar de todas as desculpas apresentadas pelo delegado Italo Ferrigno, titular do Setor de Ordem Política, tem um único objetivo: a especulação sobre a metralhadora encontrada com os estudantes. Por isso, Marighela — responsável, segundo a Polícia, por assaltos, subversão e terrorismo — está sendo pouco a pouco deixado de lado na ordem de importância pela morte de Chandler. Aparentemente, tanto no DOPS como no DEIC já se considera ponto pacífico sua fuga para fora do País. No fundo, o que está interessando mais aos policiais é mesmo o assassinato do capitão americano.

No DOPS, alguns investigadores dão a entender

que possuem muitas informações e levantamentos importantes para o esclarecimento do crime. Mas tudo é mantido sob o mais absoluto sigilo, e as conversas sobre o caso estão cheias de "hipóteses". A idéia de que o capitão foi assassinado por um grupo de direita parece estar definitivamente afastada, e a crença de que foi um grupo de esquerda que matou o americano, se define na frase de um delegado:

— Há um colega que tem muita coisa quente sobre o caso. Mas depois que vi uma declaração de uma autoridade da Guanabara, inocentando um suspeito, gostaria que Marighela fosse preso, só para mostrar o que essa autoridade não quis aceitar.

As investigações e levantamentos sobre todo e qualquer provável suspeito são inúmeras em todos os setores da Polícia. As promessas de prisões são muitas, mas sempre que se fala dos outros assaltos praticados por Marighela, uma pergunta acaba aparecendo:

— Será ele mesmo, ou simples ladrões, divididos em grupos?

Há muita coisa estranha em Vassouras

Há muita coisa estranha nessa história da metralhadora que teria sido encontrada no carro do casal de estudantes João Antonio Abi-Eçab e Catarina Xavier, mortos dia 8, em desastre no quilômetro 68 da Rio-Bahia, perto da cidade de Vassouras. E essas coisas estranhas passaram a ser muito comentadas, ultimamente, em Vassouras. A população desconfia de muita coisa:

1 — O material encontrado dentro do carro do casal de estudantes foi recolhido à delegacia de Polícia, sem o devido reconhecimento, que deveria ser feito no local e na presença de testemunhas.

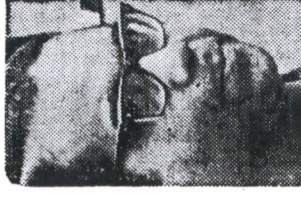
2 — O fotografo foi proibido de documentar o reconhecimento do material e por causa disso, comenta-se que a metralhadora foi plantada na sacola pela propria Polícia.

3 — Todos os policiais que atenderam a ocorrência desapareceram da cidade, inclusive o delegado. O unico que ali permanece é um investigador que três dias depois do acidente ficou surpreso com as férias que lhe deram.

4 — As testemunhas que teriam visto a metralhadora foram arroladas à uma da manhã, quando tomavam alguns tragos no unico bar da cidade que não fecha depois de meia-noite.

5 — Pediram sigilo para as testemunhas, mas estas fizeram questão de ressaltar no depoimento — desaparecido — que presenciaram o reconhecimento do material dentro da Delegacia, por acharem que as sacolas haviam sido revistadas antes.

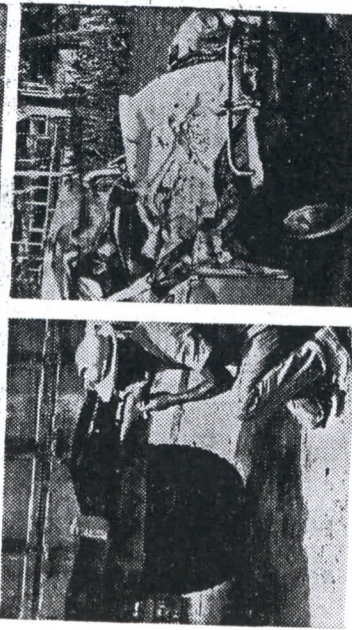
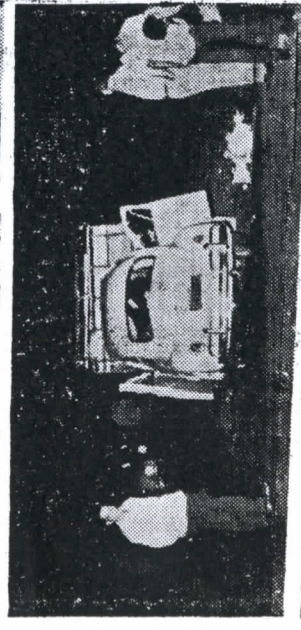
JULIO, O FOTOGRAFO



NILSON, O AGENTE DO CORREIO



ANTONIO, O INVESTIGADOR



GERALDO, O MOTORISTA DO CAMINHÃO QUE MATOU O CASAL DE ESTUDANTES



QUEM ATIROU NESSE CARRO?

FOI NA TARDE
21-11-68
QUINTA FEIRA
Foi em Vassouras
não ficou
uma pista sequer

E M Vassouras, a mesma cidade do interior fluminense onde há pouco morreu o casal de estudantes que estaria envolvido num plano nacional de subversão, aconteceu ontem à noite um novo caso: grupos desconhecidos metralharam a casa de João Antonio Abi-Eçab e Catarina Xavier, sem que os atacantes e as vítimas tenham deixado qualquer pista.

O carro foi fuzilado com diversos disparos, nas ruas centrais da cidade, perante diversas pessoas que não souberam indicar o mínimo detalhe que pudesse levar as autoridades a identificar tanto os agressores quanto o veículo. Segundo as testemunhas, o carro apenas quebrou, pelo menos quatro pessoas ficaram feridas.

Apesar dessas informações, a Polícia não conseguiu localizar ninguém que tenha sido atirador nos hospitais ou nas oficinas particulares de Vassouras, com ferimentos graves. Contudo, uma fonte da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro, a possibilidade desse último atirador estar ligado às atividades do ex-deputado Carlos Marighella, e a morte dos estudantes paulistas.

O próprio secretário de Segurança do Estado do Rio de Janeiro, afirmou que este caso do Aero Willis passará a fazer parte do processo de investigações que já em andamento envolve agentes secretos da Polívia, da CIA, da Interpol e do SNI.

Os agentes da CIA, dos Estados Unidos, iniciaram ontem suas investigações, em Niterói, com a finalidade de descobrir a ligação entre o casal de estudantes morto em Vassouras e o assassinato do capitão norte-americano Chandler ocorrido em São Paulo. A tarde, eles estiveram na praia de Jurujuba, disparando a metralhadora apreendida pela polícia fluminense, a fim de comprovar se o defeito no ejetor de cápsulas, correspondia ao mesmo assinalado na arma que matou o capitão norte-americano. E ainda hoje, serão conhecidos os resultados dessa investigação. Segundo assegura o coronel Homem de Carvalho, a arma é a mesma.

A polícia do Estado do Rio confirmou ainda ter encontrado no carro dos estudantes João Antonio e Catarina Helena, uma cedula de dinheiro chinês com varias anotações, inclusive endereços particulares e de organizações suspeitas.

O coronel Homem de Carvalho confirmou que de acordo com os resultados dos exames e diligências levadas a cabo pela Polícia do Estado do Rio, o casal de estudantes dirigia-se para Juiz de Fora e não para São Paulo, como a principio se admitia.

Disse ainda o coronel que "há evidências muito claras das atividades terroristas de João Antonio, que já havia sido preso em 67, por ações subversivas em São Paulo".

Sobre as inscrições encontradas na cedula chinesa, recolhida no interior do carro que vitimou o casal de estudantes, o coronel Homem de Carvalho anunciou que nada podia adiantar, mas informa que dois agentes chilenos que ainda

atuam no País e que já estariam sendo cedados pelas policias dos estados da Guanabara, Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, chamam-se Ramon Vergara Bolivar e Diego Honozambi.

Confirmou também que na cedula há referências a organizações politicas da esquerda do Chile, situadas nas localidades de Paima, Las Condes, Arica e Lorenzo de Medici.

Enquanto isso, as autoridades do DOPS do Estado do Rio admitiram que o casal de estudantes de São Paulo participava de uma trama revolucionaria, que estaria sendo chefiada pelo lider comunista Carlos Marighella, caçado em todo o País por agentes do SNI.

No caso do ex-deputado Marighella, o advogado Celso Nascimento Filho confirmou ter recebido, ontem, a visita de um homem que disse chamar-se Augusto Carvalho de Mendonça, que lhe exibiu a fotocópia de um atestado de óbito, passado por um cartório de Carangola, no interior fluminense, do qual consta o assassinamento da morte de Carlos Marighella, ocorrida há seis meses.

O advogado disse que está estudando o documento com prudencia e atenção, a fim de apresentar-se sobre a sua autenticidade dentro dos proximos dias.

Apesar deste atestado de óbito, as autoridades policiaes de todo o Brasil não acreditam que o ex-deputado esteja morto e continuam mobilizando centenas de agentes na caçada ao inimigo publico numero 1, conforme pensa o proprio Ministro da Justiça.

E no emaranhado de todas as policiaes sobre os planos sinistros de Marighella, a cidade fluminense de Vassouras — até há pouco tão pacata quanto qualquer outro centro do interior brasileiro — tornou-se o centro das atenções. Para lá seguiu ontem o delegado do DOPS paulista José Paulo Bonfissiano.

Acompanhado de varios investigadores, o delegado pretende colher o maior numero possível de informações sobre o acidente em que morreu o casal de estudantes, sobre a metralhadora apreendida no desastre e ainda sobre o atentado de ontem, contra o misterioso Aero Willis.

E enquanto prosseguem as investigações, na Auditoria de Guerra corre o processo sobre o atentado ter sido contra a firma Good Year do Brasil, ocorrido em 31 de dezembro de 1966, entre cujas indiciadas figura João Antonio, o estudante morto em Vassouras, ao lado da jovem Catarina Helena.

Segundo declarações do proprio João Antonio, quando foi detido no dia 31 de janeiro de 1967, ele estava no Partido Comunista e estaria trabalhando em planos subversivos juntamente com seu colega na Faculdade de Filosofia da USP, Carlos Alberto Gonçalves Leite.

A Polícia, naquela ocasião, encontrou "farto material de propaganda esquerdista" na residência do universitário. E agora está a procura de Carlos Alberto, que obteve liberdade vigiada, para apresentar-se semanalmente à Justiça Militar. Desde a sua ultima apresentação, no dia 11, ele desapareceu.

CAO PAULO - ANO XVII - SEXTA-FEIRA, 22 DE NOVEMBRO DE 1968 - N.º 5.180

Diretor: Octavio Fries de Oliveira — Administrador e oficial: Al. Bardo de Almeida, 401/3

Há muito mistério em Vassouras, Bahia, desde que os dois estudantes paílistas morreram num desastre, e encontraram uma metralhadora no carro. Há quem pense que eles pertenciam ao bando de Marighela, outros acham que não, que a INA foi colocada lá para criar confusões. O mistério na última página.

2

ESTA CONFUSA HISTORIA DA METRALHADORA

João e Catarina foram vistos vivos, pela última vez, quando abasteciam o carro num posto de gasolina da rodovia Rio-Bahia. Beijaram-se antes de partir e, conforme conta um empregado, estavam muito sorridentes. Antes de atingir a rodovia, ainda acenaram, despedindo-se de todos.

— Foi uma desgraça. Assim teria comentado o empregado, depois de ser informado sobre o desastre. O empregado tem já não está mais no posto, mas seus colegas não ligam muito porque, nesse tipo de trabalho, dizem, é muito comum a pessoa ficar saturada "e se arrancar".

Ninguém sabia o nome completo do rapaz. Chamavam-no de Zé. E falavam mais ainda sobre ele:

— Quando soube do desastre, comentei que aquilo não poderia ter sido apenas um acidente. Alguns coisa aconteceu, mas não morreram por causa do acidente.

Aliás, essa opinião é endossada por quase toda a população de Vassouras, que tem uma explicação:

— Sofrer um acidente numa reta de quatro quilômetros é impossível. Ainda mais entrar de baixo de um caminhão. Até uma mosca pode ser vista, se vem em sentido contrário. E conforme o motorista do caminhão, ninguém vinha em sentido contrário. Então, como se explica esse acidente?

O motorista do caminhão é um homem moreno, queimado de sol, 56 anos de idade, pai de quatro filhos. Orgulha-se do mais velho, soldado do Exército.

Geraldo vive há 36 anos em Juparanã, um aglomerado de casas, uma quase vila, distante 12 quilômetros de Vassouras. Quando fala sobre o desastre não mostra o menor remorso e muitas vezes sorri com cinismo. Seu caminhão, 43-11-52, nada sofreu com a pancada, a despeito de estar a dianteira do "Volks" ter-se esmagado. Por causa disso, ele já trabalha normalmente:

— Graças ao meu filho que serve no Exército, pude consertar logo o caminhão e voltar ao serviço.

No dia em que houve o desastre, o caminhão estava carregado de verduras. Agora ele transporta areia e telhas.

— Eu fiquei assustado com a batida. Desci para socorrer os ocupantes, mas já era tarde.

Em seguida ele conta que sobre o caminhão havia cinco pessoas, quatro estavam bêbados, e o único que de fato tentou ainda socorrer João e a esposa — Geraldo confessou mais tarde que, ao ver o carro abaixo do caminhão, fugiu — desapaixado.

— Não sei para onde ele foi e nem me lembro do seu nome. Mas olha, prossiga Geraldo, você pode ir até a Delegacia que lá tem o depoimento de todo mundo.

Mas o depoimento das testemunhas só pode ser visto com a autorização do delegado Jorge José Barquet ou do comissário Paulo. Eles não estavam em Vassouras e já fazia algum tempo que não apareciam por lá.

— Talvez eles venham hoje, diz o carcereiro João, que há 20 anos trabalha na Delegacia de Vassouras. Ele também acha que há muita coisa estranha e culpa o delegado por toda a confusão que está acontecendo.

— Não entendo por que ele não deixou o João fotografar o material que havia dentro da sacola. Há muitos anos que o João faz esse tipo de serviço. É muito estranho mesmo.

Depois, querendo mostrar-se solícito, diz que o investigador que acompanhou o trabalho no dia do acidente, estava na cidade, e que talvez pudesse adiantar alguma coisa.

— Olha, eu estou em férias.

MORTE DO CAPITAO: HA DIVERGENCIA ENTRE A POLICIA PAULISTA E O FBI

O exame pericial procedido na metralhadora "M-953", encontrada no automóvel do casal de estudantes da Faculdade de Filosofia da USP, João Antonio dos Santos Abi Eça e Catarina Helena Xavier Ferreira, mortos em pavoroso desastre, na cidade de Vassouras, Estado do Rio, já chegou à delegacia de Ordem Política, do DOPS. Por ele, o Instituto de Polícia Técnica diz não ter elementos para precisar se aquela arma foi ou não usada no fuzilamento do capitão norte-americano. Por outro lado, o FBI, que também procedeu a exames nos materiais enviados pelo IPT, chegou à conclusão de que a arma foi a que assassinou o militar norte-americano. Para que as dúvidas sejam esclarecidas, o delegado Paulo Boncristiano convocou uma reunião entre os peritos que procederam aos exames. (Leia na última página)

ponto é que a confusão aumenta: a despeito de ter acompanhado a ocorrência, Antonio foi dispensado assim que chegou a Delegacia, cerca das 10 da noite. E quando soube que o material fora reconhecido naquela mesma noite, sem ser avisado, ficou surpreso. No entanto, prefere não fazer muitos comentários a respeito e os poucos que fez, mostram até que ponto se encontra a confusão:

— O carro vinha de Juiz de Fora, isso nós já sabíamos no dia do acidente pois o motorista Manoel — não foi encontrado — da Empresa Progresso disse que os viu quando passaram por ele. E se o assalto ao carro-pagador do IPEG foi às 11 horas, dificilmente, ou é quase impossível, que o rapaz e a esposa tenham participado dele.

Outra coisa que Antonio acha estranha, é a forma como aconteceu o acidente:

— É impossível acontecer um desastre da forma como ocorreu no quilometro 69. É verdade que na Rio-Bahia sempre há uma batida ou outra, mas nunca numa reta de quatro quilômetros.

E finalmente, o investigador dá a sua versão: — Há suspeitas de que o casal vinha sendo seguido e mais tarde empurrado contra o caminhão. Eu acho que é bem provável que isso tenha ocorrido.

O "Volks" está no jardim da Escola do SENAI de Vassouras. A sua frente está totalmente inutilizada. Ainda há vestígios de sangue, em varios locais.

O para-lama traseiro, do lado esquerdo, está amassado e parece que a batida é recente. Há um risco azul.

— Fiz questão que constasse no meu depoimento que o meu testemunho foi realizado na Delegacia.

Quem fala assim é Nilso, agente do Correio de Vassouras. Ele foi uma das testemunhas arroladas para depor, à uma da manhã. Explica porque fez questão de que constasse ter prestado depoimento na Delegacia:

— As malas já tinham sido mexidas e desarmadas e não foi feito o registro de peça por peça.

E fala mais:

— Só 20 cruzetões novos estavam no bolso da moça. Convenhamos, quem faz esse tipo de viagem, não pode andar só com 20 contos. Estranhei que só houvesse esse dinheiro e cheguei a comentar que mal daria para chegar a São Paulo.

E, finalmente:

— A metralhadora estava bem guardada, dentro da roupa da mulher. Ninguém ficou surpreso ao vê-la, a não ser eu, claro.

Julio Hofgeker é quem faz o trabalho fotográfico para a polícia. Já realizou dezenas de trabalhos sobre desastres, agressões, e por causa disso ficou irritado quando proibiram-lhe documentar o material que estava nas sacolas:

— Não é por nada — conta Julio — mas sempre me chamaram para ajudá-los. A delegacia da qual vive de ajuda, pois nem carro tem.

No dia do desastre bateram em casa e contam que havia um acidente feio na estrada, com vítimas. Pediram para auxiliá-los. Peguei a máquina e, no local, fiz o trabalho. Fotografei os dois carros de varios angulos diferentes e quando pretendia fotografar as sacolas, o comissário disse que não podia e em seguida foi embora com elas.

— No chão, pude ver algumas balas de revolver e mais nada.

— Não sei qual foi a opinião do pessoal sobre o desastre, mas eu não acredito em acidente. Alguma coisa aconteceu, não sei o que, mas desconfinho. Naquela reta é impossível bater.

E sobre a metralhadora, Julio tem quase a mesma opinião da cidade:

— Acho que foi plantada... Poderiam tê-la colocado na sacola, quem sabe...

Confirmado acidente na morte dos estudantes

O Veloz em que viajavam os estudantes José Edson Santos e Carlos Santos Abi Edd, e Carlos Santos Abi Edd, acidentados nas proximidades de Vassouras, no Estado do Rio de Janeiro, não estava sendo perseguido por nenhuma viatura policial, esclareceu, na tarde de ontem, o delegado José Paulo Bonchrisiani, que investiga a morte do cidadão norte-americano Charles Chandler. Informou a autoridade que o veículo se encontra recolhido ao pátio da Delegacia de Polícia de Vassouras, constatando-se que as graves lesões possivelmente foram causadas pelo impacto de um veículo de passeio, que resultou na morte do passageiro.

VERSÃO

Macambira, o local do acidente, é distrito de Vassouras, a 15 quilômetros de distância, na estrada de Vassouras para o Estado do Rio de Janeiro. Segundo a Polícia apurou, ambos saíram de São Paulo no dia 28 de outubro último, mas só se hospedaram no Hotel Candia, no Estado da Guanabara, onde ficaram seis dias. Depois, saíram do hotel, às 6 horas do dia 8, e transitavam por Macambira, às 21,20 horas, quando se verificou o acidente fatal. Ora, Macambira fica a 250 quilômetros da Guanabara, em viagem que não poderia durar mais do que cinco horas. Assim, em caminhada normal, se partissem diretamente para aquela localidade, ali estariam às 11 horas. Onde permaneceram durante dez horas contra o carro-pagador do IPÊG, do qual se tratam suspeitos, verificou-se às 16 horas, em tempo absolutamente hábil para estarem no lugar do acidente à hora em que este teve lugar.

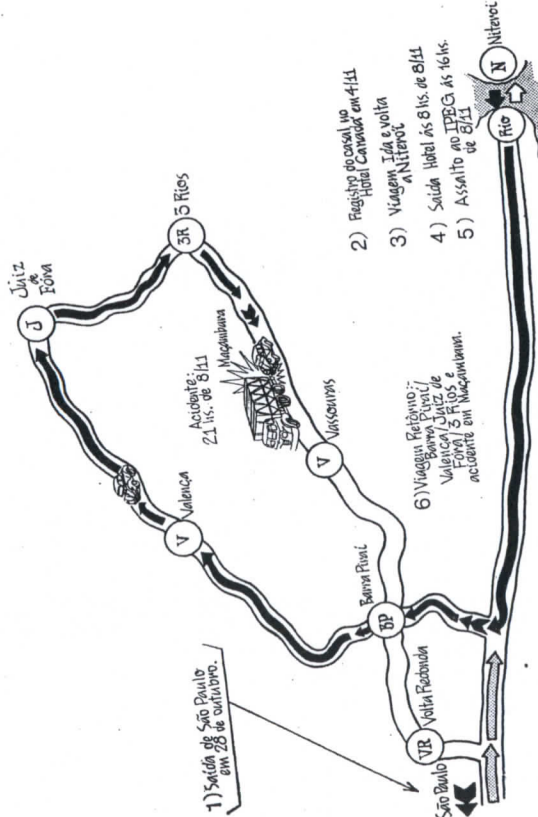
ANÁLISE

Segundo a Polícia apurou, ambos saíram de São Paulo no dia 28 de outubro último, mas só se hospedaram no Hotel Candia, no Estado da Guanabara, onde ficaram seis dias. Depois, saíram do hotel, às 6 horas do dia 8, e transitavam por Macambira, às 21,20 horas, quando se verificou o acidente fatal. Ora, Macambira fica a 250 quilômetros da Guanabara, em viagem que não poderia durar mais do que cinco horas. Assim, em caminhada normal, se partissem diretamente para aquela localidade, ali estariam às 11 horas. Onde permaneceram durante dez horas contra o carro-pagador do IPÊG, do qual se tratam suspeitos, verificou-se às 16 horas, em tempo absolutamente hábil para estarem no lugar do acidente à hora em que este teve lugar.

O delegado José Paulo Bonchrisiani desmentiu, por outro lado, que qualquer autoridade da Guanabara estivesse em São Paulo com a finalidade de apreender a metralhadora M4, que em 1953, que estava no carro dos estudantes, só porque foi furada da sede central da Polícia Federal, então localizada na antiga capital da República. Afirma, porém, que a arma está no IPT, para os necessários exames, os quais ficaram previstos posteriormente, e haveria posterior devolução às autoridades fluminenses. Salientou mais, que a pistola "Borella" não teve participação na morte do capitão Chandler e sim uma arma de calibre 38.

No entender da refutada autoridade, o laudo da Técnica Antropológica, se não provar que a arma foi utilizada ou no assalto ao carro-pagador do IPÊG ou no atentado contra o capitão

ÊLES SABIAM MATAR?



O delegado Paulo Bonchristiano, do DOPS, reconstituiu o roteiro do casal de estudantes mortos (gráfico). Seu maior problema é descobrir por que eles demoraram seis dias para chegar ao Rio.

É quase impossível, para o delegado José Paulo Bonchristiano, do DOPS, que o casal de estudantes morto perto de Vassouras tenha participado diretamente do assassinato do capitão norte-americano Charles Rodney Chandler.

— Não me parece que esse rapaz e essa moça fossem capazes de executar um assassinato como o de Chandler. Faltava-lhes gabarito.

Bonchristiano prefere fazer outra suposição sobre a possível participação dos dois estudantes em algum esquema político de esquerda:

— Eles teriam mais capacidade para servir de bombeiros, elementos de ligação com os verdadeiros terroristas. Segundo esse raciocínio, a participação dos dois não se deu apenas no momento de levar para longe a arma do crime.

Delegado-adjunto do setor de Ordem Pública do DOPS, Bonchristiano é quem coordena todas as investigações que estão sendo feitas pelas polícias do Rio, Guanabara, Minas e São Paulo sobre a morte de João Abi Exab e Catarina Helena, o casal de estudantes. Ontem ele voltou ao Rio depois de passar uma semana fazendo todo o roteiro de viagem dos estudantes, Bonchristiano é de quem saíram de São Paulo

no dia 28 passado, até o instante de sua morte.

Do Rio, o delegado trouxe a metralhadora INA calibre 45 e a pistola Beretta calibre 6,35 encontradas na mala de roupas de uso do casal, que estava trancada no bagageiro do Volks verde em que morreram. As armas estão com a Polícia Técnica, para serem examinadas. Os testes de balística — comparação das balas da arma com as que mataram o capitão Charles Chandler — revelarão se a metralhadora dos estudantes é a que foi usada no crime.

Tudo indica que a polícia acredita que a metralhadora INA pode ser a mesma que matou Chandler. O exame da Beretta calibre 6,35, não deve servir para nada. Chandler morreu com treze tiros calibre 45 e um tiro 38.

O relacionamento dos estudantes com o assalto ao carro do IPEG surgiu por causa de uma denúncia da polícia considerável: o casal chegou ao Hotel Canavieiras no Rio na manhã do dia 8; o assalto aconteceu às 16 horas do mesmo dia e os dois estudantes morreram às 21 horas, a mais ou menos 250 quilômetros do Rio de Janeiro. Na reconstituição do roteiro de viagem dos estudantes, Bonchristiano achou alguns pontos que, se-

gundo ela, precisam ficar bem esclarecidos.

O que fizeram João e Catarina entre os dias 28 do mês passado e 4 desse mês? Essa é a primeira dúvida. Eles saíram de São Paulo no dia 28 e foram para o Rio, mas só se registraram no Hotel Canavieiras depois. O DOPS acha importante que levaram seis dias para chegar ao Rio de Janeiro. A família de João e Catarina Helena estavam em

Após o dia 4, eles foram várias vezes a Niterói. A polícia não sabe o que fizeram no Rio, e nem o que fizeram no Hotel Canavieiras. A polícia também perguntou ao DOPS: se estavam fazendo a viagem de noivas, não poderiam ter levado a metralhadora à luz?

A metralhadora no carro, a saída do Hotel Canavieiras no dia do assalto, são os fatos que fazem a polícia continuar na sua teoria. A polícia descobriu que, quando deixaram o Rio, os estudantes pretendiam chegar a Volta Redonda. Mas ao invés de em Barra do Piraí tomarem o caminho mais curto para Volta Redonda, escolheram um circuito que, passando por Valença, Juiz de Fora, Três Rios e Vassouras,

chegaria novamente a Barra do Piraí.

A Polícia acha isso muito estranho e considera um detalhe de grande importância descobrir o horário em que o casal saiu do Rio. Há um espaço de tempo muito grande entre a hora em que eles deixaram o hotel e a hora em que sofreram o acidente. Deixaram o hotel às 8 da manhã do dia 8, morreram às 21 horas do mesmo dia. Entre o Rio e o local do acidente, são cerca de 250 quilômetros e Bonchristiano acha que eles não gastariam 13 horas para fazer o percurso.

O assalto do IPEG aconteceu às 16 horas. O DOPS quer descobrir se os estudantes saíram do Rio antes ou depois dessa hora. Se saíram antes, por que escolheram um circuito maior para chegar a Volta Redonda se havia um muito mais curto? Se saíram depois das 16 horas, o que fizeram fazendo no Rio desde as oito da manhã e com quem estiveram?

Em suas diligências por Valença, Juiz de Fora, Três Rios e Vassouras, Bonchristiano não encontrou nada sobre o casal e Catarina. Nenhuma pessoa que esteve com eles, nenhum lugar onde eles tivessem parado e sido vistos.

Qual é o segredo dessa viagem?



Há muito mistério na viagem de João Antonio (foto) e sua mulher.

Ao partir de São Paulo, disseram às famílias que seria uma viagem de núpcias. Mas

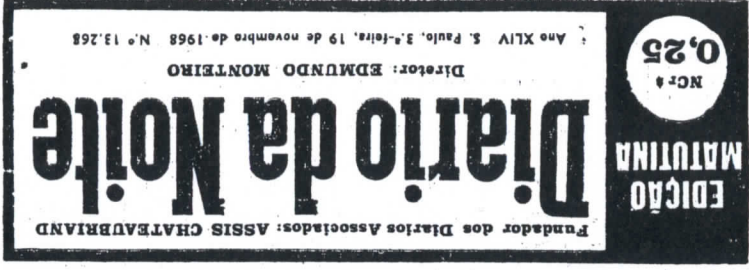
no carro em que morreram a polícia encontrou uma metralhadora.

O casal saiu de São Paulo no dia 28 de outubro e chegou ao Rio seis dias depois. A polícia acha que eles estiveram em alguma cidade, mas não sabe qual. O casal deixou o hotel Canadá, no dia do assalto ao carro-pagador do IPEG, às 8 horas; o assalto foi às 16. Morreram às 21 horas, a 250 quilômetros do Rio. A polícia acha que eles foram a algum lugar, fazer alguma coisa.

Estudantes seriam assassinos do capitão Chandler

POLICIA SUSPEITA DOS MORTOS

A Polícia Política de São Paulo procura encontrar provas que liguem os estudantes mortos em Vas-
souras ao fuzilamento do capitão americano, Charles Chandler. As hipóteses levam a admitir que a metra-
lhadora usada no crime seja a mesma encontrada no porta-mala do automóvel em que o casal de unive-
rsitários morreu tragicamente, num acidente. Também está sendo tentado o reconhecimento de ambos
em assaltos, a bancos, através de fotografias. (Última página)



Russinho acha que o DOPS tem rei na barriga

— Não tenho mais nada a ver com os assaltos contra bancos e nem com a morte dos estudantes, em Vassouras. Não choque do mar contra os rochedos, quem sai mal é o marisco, sabia? Só entro nas investigações, de novo, se houver ordem escrita do delegado-geral, doutor René Mota.

Angelino Moliterno, o agente Russinho, estava no bar do terceiro andar do Palácio da Polícia, muito à vontade, falando com os jornalistas. Eles quiseram saber o motivo por que abandonava o cargo. Explicou:

— Há muita ciumeira, muito diz-que-diz, e eu não sou disso. A turma do DOPS parece que tem o rei na barriga. Eu estive no Rio, investiguei bastante, sabia alguma coisa e tinha boas pistas. Foi eu, inclusive, quem levantou tudo sobre os estudantes Carlos Alberto e José Marinho, que, não tenham dúvidas, estão metidos na história da subversão. E sabem o que aconteceu? Entra o delegado Bonchristiano e me passa para trás. Se eu continuasse e esclarecesse o caso, o merito seria dele. Eu, heim?

Russinho ouviu falar das ultimas descobertas da Polícia carioca, recusa comentar a declaração do ministro da Justiça — a de que Marighella é o inimigo publico n.º 1 — ri um pouco ao falar disso e continua:

— Acho que numa coisa eles estão certos. Descobriram que existem alguns chilenos metidos no caso. Eu, pelo que havia investigado, também acho que há um plano de grande envergadura, talvez comandado de fora, em andamento. Um plano de contra-revolução, mesmo.

NINGUEM EXPLICA COMO A INA ESTAVA COM OS ESTUDANTES

O delegado Paulo Bonchristiano, do Departamento de Ordem Política e Social, viajou para o Rio de Janeiro, onde vai investigar os assaltos do Banco Ultramarino e do carro-pagador do IPEG, além da morte dos estudantes paulistas João Antonio dos Santos Abi-Egab e sua mulher, Catarina Helena Xavier Ferreira, fatos que teriam implicações com um movimento contra-revolucionário liderado por Carlos Marighella. O casal — supostamente — sofreu um desastre na estrada de Vassouras e, na sua bagagem, as autoridades cariocas dizem ter encontrado uma metralhadora e uma automática. Por causa disso, a polícia carioca diz que eles participaram do ataque contra o carro do Instituto de Previdência do Estado da Guanabara (IPEG), quando foram roubados 123 milhões de cruzeiros velhos. O delegado Bonchristiano havia pedido informações ao Rio sobre o desastre, enquanto seu superior, Wanderico de Arruda Moraes, titular da Ordem Social, pleteava que a Polícia carioca enviasse para São Paulo a metralhadora encontrada. Essa arma, numero M-983, pertence à Polícia Civil do Distrito Federal e ninguém sabe como estava em poder dos estudantes. As autoridades do Rio não somente recusaram atender essa solicitação, que possibilitaria saber se João Antonio e Catarina participaram do metralhamento do capitão norte-americano Charles Chandler, como deixaram bem claro que não auxiliarão o DOPS em nada. O que elas querem é a remessa, para aquele Estado, dos laudos referentes aos exames procedidos no cadaver do oficial tanque, para comparação de balística. Os paulistas dizem que também vão recusar.

JUIZ ACHA QUE CULPA DE MARIGHELLA É IMAGINAÇÃO

— É verdade que Marighella chefia o bando que assaltou o carro-pagador do IPEG? E que os roubos têm relação com a subversão?

Quem responde essa pergunta é o juiz José Erasmo do Couto, da 11.ª Vara Criminal da Guanabara. Foi ele que

ESTES ESTUDANTES AINDA ESTÃO DESAPARECIDOS

Os estudantes Carlos Alberto Gonçalves Leite e José Marinho de Gusmão Pinto ainda não foram encontrados pela Polícia. O primeiro estuda no quarto ano do curso de Geologia, na Faculdade de Filosofia da USP. O outro estuda russo, na mesma Faculdade. Carlos Alberto mora na rua Emílio Mallet, bairro do Tatuapé, onde sua mãe, d. Clarice, informa que ele está viajando, junto com colegas de sua classe. Ela não sabe para onde o jovem foi e, na Faculdade, os outros estudantes também. Mas, d. Clarice, pelos jornais, soube que Carlos Alberto está sendo procurado e resolveu, como medida de precaução, procurar sua advogada, doutora Annina, para impetrar habeas corpus em favor do filho. Os dois estudantes da Filosofia estão envolvidos em processo no DOPS e na Polícia Federal, por subversão e pratica de ato terrorista. O delegado Valdir Simonetti, da Ordem Social, informou que Carlos Alberto e treze outros estudantes — cujos nomes não revelou — respondem pelo atentado praticado há tempos contra a empresa Goodyear do Brasil. O aluno de Geologia — alem de João Antonio dos Santos Abi-Egab — pertenceria a uma célula comunista do Tatuapé, que seguiu a orientação de Carlos Marighella e que teria cometido o atentado. Os policiais da Ordem Social acham que, sabedores do desastre que vitimou João Antonio e sua mulher, em Vassouras, Carlos Alberto e José Marinho de Gusmão Pinto trataram de sumir. Não acreditam que eles estejam em viagem de estudos, depois das consultas que fizeram à Faculdade de Filosofia, onde ninguém pôde indicar o paradeiro desses alunos.

UMA BRIGA ENTRE POLICIAIS DA GUANABARA E SÃO PAULO

— Não existe nenhuma prova de que Carlos Marighella seja realmente o chefe da Quadrilha da Metralhadora. Isso, apesar das declarações do ministro da Justiça, que disse ser esse comunista o inimigo publico numero um. Entendo o que se passa, num regime de direita — a culpa de tudo vai para a esquerda. E vale o inverso.

Um delegado do DOPS disse isso, ontem, depois de declarar que a Polícia paulista, por enquanto, não conseguiu relacionar o ex-deputado com nenhum dos assaltos praticados nesta Capital, contra bancos. Outras autoridades pensam assim e lembram que foram elas quem, logo no começo das atividades da Quadrilha da Metralhadora, aventaram a suspeita. Afirma uma delas:

— Todos devem lembrar, os jornais publicaram, que andamos procurando Edgar de Almeida Martins e Manoel Vieira de Sousa Coelho, elementos ligados a Marighella. Dissemos que os roubos deveriam ter vinculação com um plano subversivo, os ladrões estavam interessados em levantar fundos para as guerrilhas. Mas, notem, não provamos nada disso, ainda. Ficamos no terreno da suposição. Agora, parece estar havendo exagero, por parte da Polícia carioca, quando afirma conhecer toda a trama contra-revolucionaria e culpa diretamente Marighella.

Parece que o ambiente é de briga entre os policiais paulistas e cariocas. Elementos do DOPS acham que o delegado de Vassouras, Jorge Barquet, agiu precipitadamente e de forma imprudente, no caso dos estudantes mortos no desastre, devolvendo objetos que poderiam constituir pistas preciosas aos familiares de

João Antonio e Catarina. E acham, também, que o secretário da Segurança do Rio está procurando ser vedete ao negar auxilio à Polícia de São Paulo.

O FBI VEIO VER O CASO CHANDLER

Dois policiais norte-americanos, do Serviço de Segurança da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil, estão investigando, no Rio de Janeiro e em Vassouras as circunstancias da morte dos estudantes João Antonio dos Santos Abi-Egab e Catarina Helena Xavier Ferreira. Esses agentes, segundo as informações procedentes do Rio, pertencem ao FBI e agem na tarefa de descobrir o matador do capitão norte-americano Charles Chandler. Esta a razão porque eles agora se interessam pelos estudantes paulistas e a metralhadora que foi encontrada no carro destruído em que marido e mulher pereceram. Trata-se de uma INA, calibre 43, numero M-983, pertencente à Polícia Civil do Distrito Federal, arma que — segundo os primeiros exames — possui o mesmo defeito daquela empregada para assassinar o oficial tanque: ejeta capulins não deflagradas. Os policiais norte-americanos não deram seu nome a ninguém, estiveram brevemente na Delegacia de Vassouras e também na 3.ª Distrital, onde falaram com o comissario Newton Rocha. Souberam, na ocasião, que o defeito apresentado pela metralhadora não é pista importante, desde que se verifica comumente em armas daquele tipo e marca.

ESTE 'AERO' É UM NOVO MISTERIO EM VASSOURAS

Há um novo misterio em Vassouras, que pode ter alguma relação com a morte dos estudantes João Antonio e Catarina Helena, naquela cidade. Foi encontrado um carro Aero-Willys, azul, chapa GB-18-72-84, abandonado no quilometro 114 da Rio-Bahia. O veículo estava amassado nas laterais dianteiras, tinha os assentos manchados de sangue e, na sua carroceria, furos produzidos por balas de metralhadora. O delegado de Vassouras, Jorge Barquet, avisou os policiais da DOPS carioca, que rumaram imediatamente para o local, encontrando, num sitio, o colonio José da Silva. Ele foi interrogado, pois havia passado na noite anterior pela estrada, e contou muita coisa. O mais importante:

— Eram 19 horas, eu estava voltando para casa. Vi aparecer o automovel azul, em alta velocidade, perseguido por outro veiculo, de cor preta. Os que vinham atrás adivinhavam, com metralhadora. Numa curva, o Aero-Willys capotou varias vezes. Dois homens que viajavam nele foram retirados pelos ocupantes do outro carro, arrastados pelos pés e levados embora, depois de embarracados.

Essa narrativa provocou espanto e entusiasmo entre os policiais e, mais ainda, nos jornalistas que estão em Vassouras, acompanhando as diligencias em torno da morte de João Antonio e de sua mulher. A razão é que, no caso do desastre que matou os estudantes, também surgiu uma pessoa para dizer que eram perseguidos por homens que adivinhavam contra eles. Mas, um policial da cidade aventa outra hipotese, mais logica e que contraria aquela levantada inicialmente, a de que os assaltantes do IPEG estariam se matando mutuamente:

— Acho que, no caso do Aero-Willys, os criminosos foram os homens do Esquadrão da Morte. Eles estavam atrás de alguns bandidos e, como sempre fazem, acabaram por matá-los.

nor de idade, que o sr. José Erasmo do Couto decidiu assim. E ele pretende libertar o estudante, mesmo que Carlos Marighella não seja preso. Sobre o irmão de Paulo Cesar, que o juiz entregou ao Juizado de Menores da Guanabara, ele diz:

— Não entregarei uma criança à sanha policial. Se o DOPS quiser envir o menor, como parece que quer, terá de fazê-lo dentro das normas de humanidade e respeito à dignidade da pessoa.

ESSA ARMA MATOU O CAPITÃO?

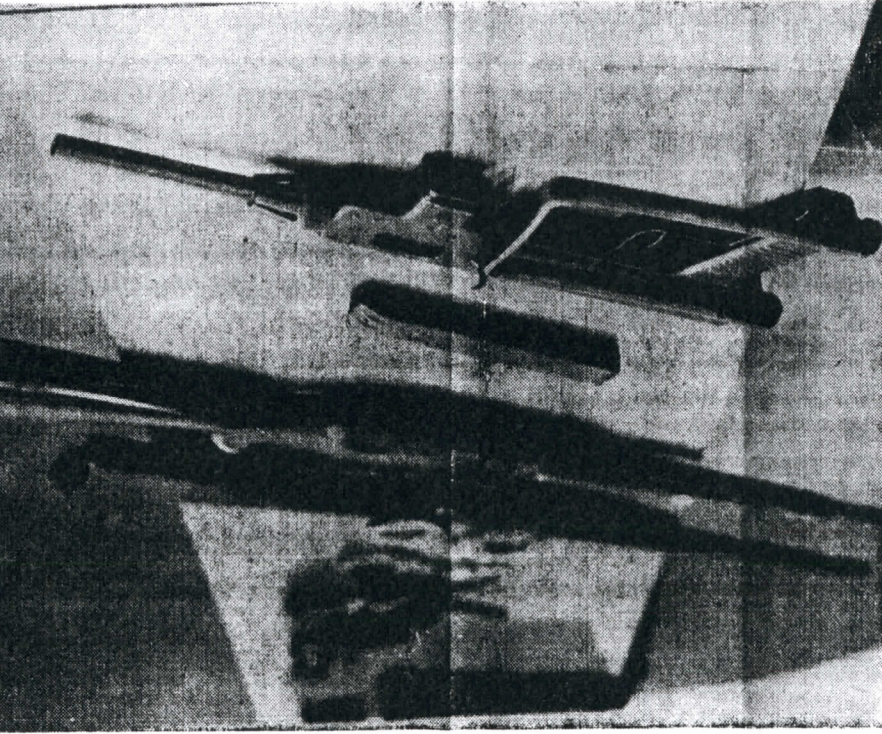
Os delegados Italo Ferrigno, titular da Delegacia de Ordem Política e Paulo Boncristiano, encarregado das investigações do caso Chandler, ambos do DOPS, receberam ontem, do Instituto de Polícia Técnica, os exames procedidos na metralhadora encontrada no automóvel do casal de estudantes do Faculdade de Filosofia da USP, João Antonio dos Santos Abi Egab e Catarina Helena Xavier Ferreira.

Encontro da arma

Como se recorda a metralhadora "M-953", modelo 1953, pertencente à Polícia Civil do Distrito Federal, foi encontrada entre a bagagem pertencente ao casal de estudantes e arrecadada no local do acidente, ocorrido na rodovia que liga as cidades de Vassouras e Três Rios, onde ambos tiveram morte horrível. Vários hipoteses foram aventadas para o acidente que ceifou a vida do jovem casal: esta-va sendo perseguidos por componentes da "Quadrilha da Metralhadora", foram jogados fora da estrada e acabaram entrando na traseira de um caminhão, sendo dopositado o desastre, que teria sido provocado por agentes subversivos e finalmente que assassinos de bancos ou agentes subversivos que passavam pelo local do sinistro, viram uma oportunidade de se distaxarem da metralhadora, usando para a prática de algum crime. Assim, deixaram a arma junto a bagagem dos estudantes e desapareceram. Dessa forma pensaram confundir as autoridades policiais de Vassouras e do Estado de Guanabara que imediatamente se movimentaram para elucidar o mistério que envolvia o encontro daquela metralhadora.

Ao tomar conhecimento do ocorrido, o delegado Italo Ferrigno, titular da Delegacia de Ordem Política do DOPS, designou o delegado Paulo Boncristiano para trabalhar com as autoridades do Estado do Rio, no sentido de colher alguns dados sobre o encontro da metralhadora e seus três pentes de balas, calibre "45" e pro-

ceder a investigações sobre a viagem do casal de estudantes da Faculdade de Filosofia. O delegado Paulo Boncristiano e sua esposa tinham ligações com o ex-deputado Carlos Marighella e se haviam querido saber, também, se João Antonio beliecer ligações entre os estudantes e o ex-deputado Carlos Marighella. Da mesma forma, os policiais não viram pista alguma ligando aquele casal aos componentes do "Quadrilha da Metralhadora" que vem assassinando bancos em todo país e a morte do oficial norte-americano.



sal de estudantes. Não obstante tenham procedido a inúmeras investigações, os agentes policiais não conseguiram estabelecer ligações entre os estudantes e o ex-deputado Carlos Marighella. Da mesma forma, os policiais não viram pista alguma ligando aquele casal aos componentes do "Quadrilha da Metralhadora" que vem assassinando bancos em todo país e a morte do oficial norte-americano.

Resultados do IPT e FBI

fizesse exames de balística. Com isso, aquela autoridade pretendia saber se a arma havia sido usada na morte do oficial norte-americano, pois os peritos do Instituto de Polícia Técnica iam comparar os projéteis encontrados no corpo da vítima com os deflagrados em recipientes de gelatina pela metralhadora apreendida. Seria verificado se as ranhaduras das balas eram coincidentes. São isto acontecesse, João Antonio dos Santos Abi Egab e Catarina Helena Xavier Ferreira poderiam com certeza ter participado da morte do capitão Chandler, e, assim, a Polícia teria que investigar as ligações do casal de estudantes para saber de onde havia partido a ideia de fuzilamento daquela oficial, caso contrário tudo isso cairia por terra. Por essa razão, a metralhadora foi submetida a uma série de exames de laboratório, no Instituto de Polícia Técnica de São Paulo.

Após três semanas de exaustivas pesquisas, os peritos do IPT especializados em balística chegaram à conclusão de que aquele órgão não poderia afirmar com certeza se a arma fora ou não usada no assassinato do Sumaré. O laudo contendo este resultado foi encaminhado ontem à Delegacia de Ordem Política. O delegado Italo Ferrigno, titular daquela especializada, recebeu, também, o resultado dos exames feitos nos Estados Unidos pelos laboratórios do FBI, pois o IPT de São Paulo enviou aquele país material para exames.

Doiro da Silva Lima
Arinda da Silva

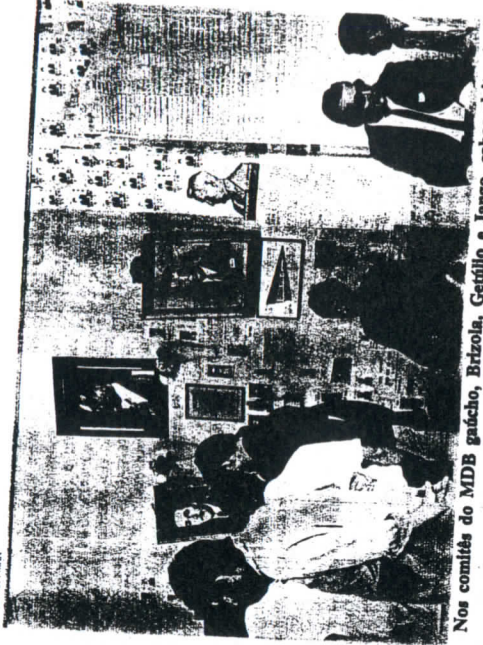
PERNAS DE LOURA

A Polícia já descobriu como são os braços e as pernas da loura amiga de Marighela, o ladrão comunista

As formas e as medidas, as covinhas e as pernas de uma loura nunca vista estão sendo permanentemente analisadas com rigor pelos investigadores de uma delegacia de subúrbio. Em Marechal Hermes, no Rio, os policiais já chegaram à conclusão de que a moça Silvia, procurada como ajudante de Carlos Marighela em assaltos a bancos, tem "pernas roliças" e "braços lisos", é alta e "muito bucona". Um espanador de penas coloridas, restos de males queimadas e "finais evidentes de que alguém tinha feito café" haviam sido encontrados na casa de Pedro Guaratiba, perto do Rio (onde Marighela se teria encontrado com o estudante Paulo César Bezerra), por dois policiais de Marechal Hermes: o delegado Nilton Rocha e o investigador Marinho. Os dois é que tinham prendido o estudante num posto de gasolina — no carro havia uma pena igual às do espanador — e conseguido sua espontânea confissão após meia hora de conversa. Na semana passada, estavam irritados com agentes federais, que anunciaram não haver prontos de que Marighela alguma vez assaltou algum banco ou esteve em Guaratiba. Mas continuavam discutindo a loura.

De repente, a metralhadora — Já o delegado Jorge Barchetti e seus subordinados de Vassouras, no Estado do Rio, estão querendo saber quem achou uma metralhadora. Ela apenas viram no carro dos estudantes paulistas de Filosofia, João Antônio e Catarina Helena, mortos numa batida com um caminhão de verduras, os corpos, as roupas, livros e "documentos subversivos". E a metralhadora? O Coronel Homem de Melo, Secretário da Segurança fluminense, mostrou apenas fotos da arma. Policiais estaduais da Guanabara e Estado do Rio, e dos serviços secretos das três Armas, procuram ligações dos estudantes com o assassinio do Capitão americano Chandler em São Paulo. Fala-se até que agentes da CIA — Agência Central de Inteligência dos EUA — trabalham no caso. Em Marechal Hermes, a mãe de Paulo César muda de amante: para os policiais, seu homem não é mais Marighela e sim de uma firma que aluga lanchas. Os investigadores do subúrbio descobriam também que a loura assaltante tem voz "de um rouco macio", é "muito bonita" e usa peruca. "Por que mulheres assim se metem nesses troços?", pergunta desolado um jovem policial, que já sabe até "a marca do perfume da moça". O

ASSIS HOFFMAN



Nos comitês do MDB gaúcho, Brizola, Getúlio e Jango, cabos eleitorais

QUEM GANHOU?

Estranho resultado das eleições municipais: Arena ganhou nos votos, mas o MDB saiu mais forte.

"Fomos bem, comandante", foi a resposta que o Deputado federal Otávio Carlos da Rocha deu quinta-feira passada ao ex-Governador Leonel Brizola, que lhe perguntava de Montevideu pelo telefone, como havia se saído o MDB gaúcho nas eleições de 15 de novembro. "A Revolução", disse o deputado, em Porto Alegre, "casou nossos eleitos, mas não nossos eleitores." Essa euforia foi compartilhada pela oposição em quase todos os onze Estados onde se realizaram as eleições municipais. Seus resultados comportaram uma interpretação à primeira vista estranha: a Arena ganhou nas urnas e ficou assustada, porque o MDB (que perdeu) saiu do pântano eleitoral. A Arena sabe que venceu um inimigo que mal teve oportunidade de se organizar em vários municípios, mas que mostrou estar se compondo eleitoralmente, aos poucos. A falha do "voto do medo", como a chamou o deputado Adolfo de Oliveira (MDB — RJ), vai diminuindo progressivamente contra o partido do Governo — o eleitorado já vota sem temor no MDB. Como único adversário da Arena, só ele é que pode crescer nos próximos anos. Por isso os comentários em Brasília, no fim-de-semana, eram de que o telegrama de congratulações que o Presidente Costa e Silva enviou ao Senador Daniel Krüger, presidente nacional da Arena, não chegou a constituir um troféu digno de orgulho. O entusiasmo

que certos homens da Arena demonstravam soava, frequentemente, como falso. Nem todos os arenistas procuraram se proteger contra as evidências. Em São Paulo — onde o MDB elegeu 10 dos 21 vereadores na capital — o presidente da Arena, Deputado Arnaldo Cerdeira, declarou que o "partido devia fazer agora uma autocrítica para corrigir as falhas verificadas durante o processo eleitoral". No Rio Grande do Sul, onde o MDB tinha 32 prefeituras em municípios pequenos e aumentou para 82, e dos dez-eito municípios com mais de 20 mil eleitores, fez prefetos em doze, o Governador Peracini Barcelos dizia que "a Arena deve pensar na sucessão estadual e modificar alguns de seus métodos e processos". Declaração semelhante fez o Governador Paulo Pimentel, do Paraná, onde a oposição, mal organizada, tinha 1 por cento das prefeituras e chegou a 10; tinha um vereador na Câmara Municipal de Curitiba e chegou a oito. Por isso, quem começou a pensar com confiança nas sucessões estaduais de 1970 foi o MDB. Em Pernambuco a oposição venceu na chapa Senador José Ernirio de Moraes e Marcos Freire (oposição) professor universitário que conquistou a Prefeitura de Olinda com uma campanha agressiva é muito forte. Em outros Estados, o MDB já articula os tentativamente suas candidaturas, apoiado nos números do último dia 15. E conta com mais duas constatações que contribuem para aumentar seu entusiasmo: seus votos, os votos em branco e os nulos, somados, superam bastante a votação conseguida pela Arena — evidente indicio de derrota mental".

27/11/68

Jovem lido como cumplice de Marighela desmente confissão

CRIO (Sucessos) — Minuto após ter sido libertado por força de um "habere corpus" concedido pelo juiz José Erasmo do Couto, da 11ª Vara Criminal, o estudante Paulo Cesar Monteiro Bezerra concedeu uma entrevista à imprensa, no escritório do advogado Celso Nascimento, desmentindo que conhecesse o ex-deputado Carlos Marighela e afirmou que todas as declarações feitas por policiais foram obtidas sob coação.

Paulo Cesar Bezerra se apresentará às 13 horas de hoje ao juiz José Erasmo do Couto, para prestar depoimento. Segundo o juiz, o estudante foi libertado por ter se desgostado o prazo de dez dias de prisão decretada "para que fosse protegido de algum atentado que viesse a ocorrer". Mas Paulo Cesar disse que na prisão apanhou muito, sendo submetido ao "pau de arara".

A ENTREVISTA

Paulo Cesar Monteiro Bezerra, falou aos jornalistas bastante calmo, mas se irritou

bado que passou no DOPS — para onde foi conduzido depois — recebeu a visita de uma pessoa que se dizia advogado e pediu para ele confessar tudo, para eu saber como iniciarei a defesa.

"Não confessei nada, porque nada tinha para confessar. Mas tarde, vim a saber que o homem que se dizia advogado escolhido pelo meu pai, família não, talvez fosse o delegado Vilmarino do DOPS.

Sobre as suas atividades no dia do assalto ao carro, depois do 1º-93, afirmou que às 7h30 havia ligado seu irmão ao colega seguinte do depois para o carro onde estava de onde chegou por volta das 12 horas. Em seguida, dormiu até as 14 horas e depois voltou para casa de sua mãe, de nome Silvia e, juntamente com seus dois irmãos, seguiu para a casa de veraneio na Estrada de Guaratiba. A noite, ao voltar, com o seu carro, foi detido num posto de gasolina, em Madureira, por uma pessoa que se dizia sargento reformado, da Polícia Militar, que o conduziu à Delegacia, em Marechal Hermes.

DELEGADO ADVOCADO

Paulo Cesar afirmou à imprensa que no primeiro momento

CASAL MORTO TINHA AS ARMAS DO TERROR

Um acidente automobilístico que resultou na morte de um jovem e na prisão de dois outros, abriu a porta para a investigação de um caso de assassinato. O delegado Mario Perez Fernandes, da Polícia de São Paulo, afirmou que o casal de jovens, Edgard Paulo Elias e Catarina Helena, foram encontrados mortos em um pequeno apartamento na Rua Amália de Noronha, 159, no Sumaré, que se apresentava como produtos de beleza, uma pequena quantidade de roupas íntimas e um saco de lona vazio, roupas íntimas e um pequeno aparelho de som. O delegado afirmou que o casal de jovens foram encontrados mortos em um pequeno apartamento na Rua Amália de Noronha, 159, no Sumaré, que se apresentava como produtos de beleza, uma pequena quantidade de roupas íntimas e um saco de lona vazio, roupas íntimas e um pequeno aparelho de som.

ASSALTOS

Foram encontrados em um pequeno apartamento na Rua Amália de Noronha, 159, no Sumaré, que se apresentava como produtos de beleza, uma pequena quantidade de roupas íntimas e um saco de lona vazio, roupas íntimas e um pequeno aparelho de som. O delegado afirmou que o casal de jovens foram encontrados mortos em um pequeno apartamento na Rua Amália de Noronha, 159, no Sumaré, que se apresentava como produtos de beleza, uma pequena quantidade de roupas íntimas e um saco de lona vazio, roupas íntimas e um pequeno aparelho de som.

TESTE

Foram encontrados em um pequeno apartamento na Rua Amália de Noronha, 159, no Sumaré, que se apresentava como produtos de beleza, uma pequena quantidade de roupas íntimas e um saco de lona vazio, roupas íntimas e um pequeno aparelho de som. O delegado afirmou que o casal de jovens foram encontrados mortos em um pequeno apartamento na Rua Amália de Noronha, 159, no Sumaré, que se apresentava como produtos de beleza, uma pequena quantidade de roupas íntimas e um saco de lona vazio, roupas íntimas e um pequeno aparelho de som.

MISTÉRIO

Foram encontrados em um pequeno apartamento na Rua Amália de Noronha, 159, no Sumaré, que se apresentava como produtos de beleza, uma pequena quantidade de roupas íntimas e um saco de lona vazio, roupas íntimas e um pequeno aparelho de som. O delegado afirmou que o casal de jovens foram encontrados mortos em um pequeno apartamento na Rua Amália de Noronha, 159, no Sumaré, que se apresentava como produtos de beleza, uma pequena quantidade de roupas íntimas e um saco de lona vazio, roupas íntimas e um pequeno aparelho de som.

MARIGUELA

Foram encontrados em um pequeno apartamento na Rua Amália de Noronha, 159, no Sumaré, que se apresentava como produtos de beleza, uma pequena quantidade de roupas íntimas e um saco de lona vazio, roupas íntimas e um pequeno aparelho de som. O delegado afirmou que o casal de jovens foram encontrados mortos em um pequeno apartamento na Rua Amália de Noronha, 159, no Sumaré, que se apresentava como produtos de beleza, uma pequena quantidade de roupas íntimas e um saco de lona vazio, roupas íntimas e um pequeno aparelho de som.

M-953 NA MORTE DE CHANDLER

EDIÇÃO
MATUTINA

0,25
NCr #

Diário da Noite
Fundador dos Diários Associados: ASSIS CHATEAUBRIAND
Diretor: EDMUNDO MONTEIRO
Ano XLIV S. Paulo, 3.ª-feira, 19 de novembro de 1968 N.º 13.268

A metralhadora "Tna", numero M-953, com a inscrição de "Polícia Civil do Distrito Federal", encontrada no automóvel destruído em que morreram os universitários paulistas João Antonio dos Santos Abil Egab e Catarina Helena Xavier Ferrel. Ambos foram requisitados pelas autoridades da polícia bandedra, no acidente ocorrido na tarde de 9 do corrente, em Vassouras, esta sendo encontrada pela polícia paulista ao assalto do trem pagador da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, na manhã de 10 de agosto do corrente ano. Isto leva a polícia a apontar os estudantes como suspeitos também no assalto ao carro pagador do IPFG, na cidade fluminense de Bento Ribeiro, ocorrido dia 8 deste mês.

ASSALTO A BANCOS

Aquelas vítimas, através de fotografias, deverão ser submetidas a auto de reconhecimento, por parte de bancários de agências assaltadas. Recorda-se que uma mulher, descrita como sendo loira, de unhas e pele bem tratadas, teve ativa participação no assalto dos "metralhas", dia 10 de agosto último, contra a agência bancária da rua Joaquim Floriano, Foi também mencionada uma mulher como protagonista ao assalto do trem pagador da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, na manhã de 10 de agosto do corrente ano. Isto leva a polícia a apontar os estudantes como suspeitos também no assalto ao carro pagador do IPFG, na cidade fluminense de Bento Ribeiro, ocorrido dia 8 deste mês.

IMPLICAÇÕES

Informa-se na Polícia, em caráter oficial, que os estudantes vítimas em Vassouras, da Pilo-USP, pertencem à organização conhecida pela sigla de "COLINA", abreviatura da facção comunista denominada de "Comando de Libertação Nacional", com atuação interestadual. Ambos, casados desde maio, hospedaram-se no dia 4 do corrente, no Hotel Canadá, em Copacabana, onde ocupam o quarto de numero 806, ali permanecendo até a manhã de 8, quando pagaram uma conta de 144 cruzeiros novos e 20 centavos. Nesta data ocorreu o assalto ao carro do IPFG. Contra ambos pesa a suspeita de serem as pessoas que foram vistas na casa de Sepeliba, pertencente à mãe do estudante Paulo Cesar Magalhães Bezerra, jovem que denunciou a participação do ex-parlamentar comunista Carlos Marighella como mentor dos "metralhas".

INVESTIGAÇÕES

A margem das investigações da polícia fluminense em tor- no daqueles estudantes, o encontro da metralhadora e de uma sacola de Jona vazia, que poderia ser uma das roubadas com dinheiro do certo pagador do IPFG, a polícia paulista está realizando investigações em torno das atividades e ligações dos universitários com elementos subversivos em São Paulo, os quais estariam na iminência de serem presos nas próximas horas. Um primo de João Antonio dos Santos Abil Egab, de nome Marcio Edgar Paulisteo Elias, pessoa que liberou os corpos i fim de transferir esta Capital, onde foram sepultados, esteve ontem na cidade do RJ, acompanhado de seu genitor. Ambos foram encaminhados ao Departamento de Ordem Política e Social, a fim de serem ouvidos em torno das atividades daqueles reus familiares. Também o pai de João Antonio deverá ser ouvido pela Polícia, o qual teria afirmado que seu filho, realmente, participava de movimentos subversivos.

BUSCAS

Ainda ontem, à tarde, autoridades da Polícia Política realizaram diligência na residência do estudante João Antonio dos Santos, à rua Major Diogo, 689, apto. 11, em companhia do objetivo de encontrar, naquele endereço, algo em torno das atividades do casal. A propósito dessas buscas, foi o de verificar se entre o material ali existente, havia folhetos idênticos aos jogados no automóvel do capitão do Exército Americano, Charles Chandler, na ocasião em que o mesmo foi assassinado por tiros de metralhadora.